

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

PAULA CERVELIN GRASSI

**ALINHAVOS E RASGOS MATERNAIS:
A (DES)EDUCAÇÃO DA *MADRESPOSA* NO CLUBE DE MÃES SANTA RITA DE
CÁSSIA**

SÃO LEOPOLDO

2017

Paula Cervelin Grassi

ALINHAVOS E RASGOS MATERNAIS:
A (DES)EDUCAÇÃO DA *MADRESPOSA* NO CLUBE DE MÃES SANTA RITA DE
CÁSSIA

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Educação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador Prof. Dr. Telmo Adams
Co-orientadora: Prof^a. Dr^a Edla Eggert

São Leopoldo
2017

G769a

Grassi, Paula Cervelin.

Alinhavos e rasgos maternais: a (des)educação da *madresposa* no Clube de Mães Santa Rita de Cássia / Paula Cervelin Grassi. – 2017.

119 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2017.

“Orientador: Prof. Dr. Telmo Adams ; Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Edla Eggert.”

1. Maternidade. 2. Mulheres. 3. Artesanato. 4. Grupos Sociais. I. Título.

CDU 316.354-055.2

Paula Cervelin Grassi

ALINHAVOS E RASGOS MATERNAIS:

A (DES)EDUCAÇÃO DA *MADRESPOSA* NO CLUBE DE MÃES SANTA RITA DE
CÁSSIA

Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre
em Educação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Viviane Klaus– UNISINOS

Profº Dr. André Musskopf– EST

Profº Dr. Telmo Adams (Presidente da Banca) – UNISINOS

Profª Dra. Edla Eggert (Co-orientadora) – PUCRS

As Marias

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses mais de dois anos de dedicação e descobertas, inúmeros são os agradecimentos no alcance dos propósitos suscitados. Pessoas, instituições e, até, mesmo simples circunstâncias ocorridas, que impulsionaram a realização da presente pesquisa.

Inicialmente, agradecer ao Programa de Excelência Acadêmica – PROEX da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa mensal na forma de taxa escolar, permitindo-me cursar o mestrado. Agradeço à UNISINOS, instituição pública de excelência e ao corpo docente do Programa de Pós – Graduação em Educação. À professora Dra. Edla Eggert (atual PUCRS) agradeço pela orientação – coorientação e provocações acerca da realidade das mulheres. Ao professor Dr. Telmo Adams que me acolheu como sua orientanda no segundo ano, pelo seu acompanhamento criterioso, pelos seus gestos generosos e de seriedade. Agradeço também às professoras Dra. Isabel Aparecida Bilhão e Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva pelas sugestões dadas no decorrer das aulas que presidiram.

Ao professor Dr. André Musskopf, pelas contribuições relevantes na ocasião da qualificação e que foram incorporadas no texto final. Ao Núcleo de Pesquisa de Gênero – NPG da Faculdade EST, pela acolhida e possibilidade de aprofundamento dos estudos feministas.

Ao Instituto Memória Histórica e Cultural da Universidade de Caxias do Sul pelo suporte na investigação aos jornais da cidade.

Das amigadas que São Leopoldo me presenteou, dedico meu agradecimento especial à Thayne Cazallas, ou simplesmente, a Thay. Ainda recordo do nosso olhar cúmplice assim que nos conhecemos no corredor do prédio B da UNISINOS, meses antes da seleção no mestrado. Obrigada por todo o companheirismo, cuidado, confiança, apoio e parceria nas produções acadêmicas. Que nossa relação siga permeada por esse carinho enorme que sentimos uma pela outra. Também à Mari Vanini pelas partilhas de vida e, também, nas muitas vezes que gentilmente me deixou na rodoviária da cidade para retornar à Caxias do Sul. Ao Jonas Hendler da Paz, pela amizade e muitas trocas durante as aulas. À Julieta Abba, também pela amizade e por espalhar esperança nos corredores do prédio das humanas.

Agradeço ao Padre Hilário Dick pelos muitos cafés aos finais de tarde em sua casa em frente ao campus universitário. Conheci Hilário quando tinha 14 anos num encontro da Pastoral da Juventude e desde lá a presença desse guru na minha vida é única. Hilário é o avô que nunca tive e que durante o mestrado, foi escuta serena de alegrias e angústias.

Das utopias latino - americanas, agradeço às minhas companheiras da Marcha Mundial das Mulheres e das Católicas pelo Direito de Decidir, pelo incentivo ao aprofundamento dos estudos feministas e valorização da minha produção acadêmica. Agradeço também à Pastoral da Juventude e à Rede Ecumênica da Juventude, que mesmo não mais participando organicamente dos espaços, por diversos momentos convidaram-me para assessorias temáticas e escritas sobre a realidade das juventudes, especialmente das jovens mulheres. Sou grata a tantas companheiras e companheiros de luta: Suelen, Jaiane, Luis Duarte, Aline, Alessandra, Rezende, Mari, Tefa, Cintia, Raquel, Babi, Nancy, Daniel, Thiesco e João Paulo.

Da graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, agradeço ao professor Dr. Ramon pelo auxílio na etapa de elaboração do projeto de pesquisa. Também à professora Dr. Natalia Pietra (atual UFRGS), minha primeira orientadora quando era bolsista de iniciação científica, responsável por despertar o gosto pela pesquisa, especialmente ligada aos estudos feministas e de gênero.

Minha gratidão ao Clube de Mães Santa Rita de Cássia pela acolhida à minha presença e proposta de estudo. Foram terças-feiras de tarde, para além de observação e entrevistas, de muitas gentilezas e carinho.

Meus agradecimentos à compreensão das colegas de trabalho do Colégio Madre Imilda. À minha mãe Maria Inês, que encontra si mesma no mundo dos alinhavos. Ela que me ensinou a cortar, a costurar nas máquinas, a passar o fio na agulha e até hoje incentiva o trabalho artesanal que desenvolvo com a minha irmã. Ao meu pai Vitório e ao meu irmão Ângelo. Às amigas de Caxias do Sul, que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho: Irineida, Luciane, Tina.

Por fim, à Pâmela, minha irmã gêmea, desde pequenas juntas trilhando a vida. Pâmela que também é historiadora, professora e artesã. Companheira de sonhos pessoais e coletivos. A pessoa que mais amo!

*no mundo em que nasci
tem essa coisa de se fiã
na trama dos fio
sinto um arrepio
e tramo sem cessá*

Jaque Pivotto

RESUMO

O estudo propõe o aprofundamento da compreensão e a articulação dos significados sociais de ser mãe e as memórias de vida tecidas por um grupo de artesãs, descendente de imigrantes italianos/as, chamado Clube de Mães Santa Rita de Cássia da cidade de Caxias do Sul – RS. Esse clube de mães desenvolve artesanato como crochê e bordado e mantém atuação comunitária, como as doações de roupas infantis às famílias de baixa renda, permitindo a interação entre as integrantes e a comunidade, o que resulta em transformações na vida das mulheres envolvidas. Objetiva-se analisar as permanências e/ou rupturas (alternativas emancipatórias) na representação do modelo *madresposa* das participantes ao narrarem suas histórias. Trata-se de um modelo ligado à função social da maternidade e conjugalidade destinada às mulheres. A observação participante, os grupos de discussão, as entrevistas individuais e o questionário compuseram o caminho metodológico. Para a análise, a interpretação somou-se aos referenciais teóricos especialmente dos estudos feministas. Entre os resultados, está o interesse do poder público pela perpetuação da “bondade feminina”, ao beneficiar-se das doações realizadas pelos mais diversos Clubes de Mães espalhados pelo Brasil e deixando de responsabilizar-se pelas necessidades da população de baixa renda. Conclui-se também o processo de autonomia que as mulheres experimentam no Clube de Mães, ao se encontrarem a si mesmas uma nas outras, embora marcadas pelo modo tradicional de comportamento referido às mulheres.

Palavras-chave: Madresposas. Clube de Mães. Artesanato. (des)Educação.

ABSTRACT

The study propose the deeply comprehension and the articulation of the social meanings of being a mother and the life memories created by a group of female artisans, descendant from Italian immigrants, called Mother's Club Saint Rita of Cascia from the city of Caxias do Sul – RS. This mothers club develops handicraft like crochet and embroidery and supports a community action, such as kids clothing donations to families with low income, allowing the interaction between the members and the community, which results in transformations in the life of the women involved. It aims to analyze the continuities and/or the ruptures (emancipatory alternatives) on the model representation of *madresposa* from the attendants when they narrate their stories. A model connected to the social function of the motherhood and conjugality towards women. The participant observation, the discussion groups, the single interviews and the questionnaire composed the methodological path. For the analysis, the documentary method of interpretation added to the theoretical references especially to the feminist studies. Among the results, there is the interest of the public authorities in the perpetuation of the “women kindness”, as they benefit from the donations made by several mothers' clubs spread in Brazil and then setting aside the responsibility with the necessities of the low income population. It is concluded also the autonomy process that the women try in the Mother's club, when they find themselves on each other, although they are marked by the traditional way of female.

Key-words: Madresposas; Mothers club; Handicraft; (des)Education;

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tópico Guia	52
Tabela 2 - GD1 – Quadro Circunstancial	54
Tabela 3 - GD2 – Quadro Circunstancial	54
Tabela 4 – GD3 – Quadro circunstancial	55
Tabela 5 – Organização temática GD1	57
Tabela 6 – Organização temática GD2	59
Tabela 7 - Organização temática GD3	60
Tabela 8 – Amostra de um excerto da transcrição do GD1	62
Tabela 9 – Interpretação formulada corresponde ao quadro anterior	63
Tabela 10 – Eixos e pontos de análise.....	64

LISTA DE SIGLAS

ACMCS	Associação de Clubes de Mães de Caxias do Sul
CAM	Centro de Atendimento ao Imigrante
CEDOC	Centro de Documentação
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
LBA	Legião Brasileira de Assistência
RCI	Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2 RECURSOS METODOLÓGICOS E O PROCESSO DE APROXIMAÇÃO E CONHECIMENTO DO CLUBE DE MÃES SANTA RITA DE CÁSSIA	21
2.1 O Clube de Mães Santa Rita de Cássia	24
2.1.1 As terças-feiras observadas	26
2.1.2 As mulheres participantes da pesquisa	31
3 CLUBE DE MÃES: HISTÓRIA E CONCEITO	36
3.1 Os modos de ser mulher: a representação tradicional da maternidade e conjugalidade	36
3.1.1 Os modos de ser mulher no Brasil: dos modelos rígidos aos modelos flexíveis	39
3.1.2 Os modos de ser mulher na Região Colonial Italiana: a <i>mamma</i> italiana	42
3.2 Os Clubes de Mães	46
4 NARRATIVAS DAS MULHERES DO CLUBE DE MÃES SANTA RITA DE CÁSSIA	50
4.1 Grupos de Discussão – GDs	50
4.1.1 Elaboração do tópico-guia	51
4.1.2 Realização dos GDs.....	54
4.1.4 O método documentário para a análise dos GDs.....	56
4.1.5 Interpretação formulada	57
4.1.6 Interpretação refletida.....	64
4.2 História do Clube de Mães Santa Rita de Cássia.....	65
4.2.1 O Clube de Mães antes da sede	65
4.2.2 A construção e inauguração da sede, da creche e da unidade básica de saúde	67
4.2.3 Nome do Clube: Santa Rita de Cássia	71
4.2.4 Participação do Clube de Mães na Festa Nacional da Uva.....	76
4.3 Trabalhos manuais artesanais: “coisinhas” e doações.....	84
4.3.1 “Coisinhas” produzidas pelo grupo.....	85
4.3.2 As doações e a solidariedade das mulheres	88
4.3.3 As doações e reflexões acerca daquelas e daqueles que “mais precisam”	92
4.4 As aprendizagens narradas.....	99

4.4.1 Clube de Mães, o espaço de companheirismo.....	100
4.4.2 A vida antes e depois do Clube de Mães: reconhecer-se nas outras.....	103
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS.....	113
ANEXO A - RESOLUÇÃO QUE APROVA O PROJETO – COMITÊ DE ÉTICA....	117
ANEXO B - TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO	118
ANEXO C - TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO	119

INTRODUÇÃO

A Associação do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, com sede na região administrativa Desvio Rizzo do município de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul, foi criada há cerca de 40 anos. Uma história protagonizada por mulheres que carregam marcas comuns: mães, aposentadas, líderes leigas da paróquia católica local, moradoras da comunidade e descendentes de imigrantes de origem italiana. O grupo formado por aproximadamente 30 integrantes encontra-se semanalmente para “conversar, costurar, assar pães e cucas, trocar experiências”. (PIONEIRO, 2012, p. 32).

Os trabalhos manuais realizados giram em torno das técnicas do tricô, bordado, fuxicos e crochê. Há também a costura, a produção de sabões e a culinária de massas artesanais da cozinha italiana, como o *spaguetti*. O resultado final do artesanato local gera renda ao grupo e é comercializado, geralmente, na própria sede. Outras criações como as colchas de retalhos e roupas infantis são doadas para entidades da cidade. Trata-se de uma ação social partilhada com a atuação religiosa e comunitária. A participação em mais de 10 edições da tradicional Festa da Uva é um exemplo da presença e da notoriedade do clube na cidade. Presença transformada diversas vezes em assunto de rádio, jornais e emissoras de televisão locais.

A proximidade do grupo com a memória da imigração italiana relaciona-se às histórias de vida das mulheres que integram o clube. São descendentes de famílias italianas que chegaram ao sul do Brasil no final do século XIX e início do século XX, fundando a Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (RCI). Os costumes trazidos pelas imigrantes somados às apreensões de mundo das instituições estabelecidas pela região constituíram a figura da *mamma* (FAVARO, 2002) de origem italiana: mulher católica, resignada, trabalhadora, amável e dominadora da casa.

A *mamma* italiana, constituída culturalmente, conflui com a educação promovida às mulheres ao longo do século XX: sob o olhar vigilante da família, da escola, da igreja e do poder judiciário, foram educadas para ocuparem as funções consideradas “naturais” reservadas a elas, como: a maternidade, a obediência ao marido e a dedicação ao espaço privativo do lar com tarefas domésticas e manuais.

Marcela Lagarde (2005), antropóloga mexicana, desenvolveu a categoria *madresposa* para traduzir a função social ligada à maternidade e conjugalidade destinada às mulheres: “*Ser madre y esposa consiste para las mujeres en vivir de acuerdo con las normas que expresan su ser – para y de – otros, realizar actividades de reproducción y tener relaciones de servidumbre voluntaria*”. (LAGARDE, 2005, p. 377). A função social da reprodução organiza o caminho vital e dá o sentido da vida de todas as mulheres, inclusive às mães não biológicas. A tarefa maternal de cuidar de alguém é a eterna virtude do universo feminino.

O “dom” de *ser de alguém e para os outros* (LAGARDE, 2005, p. 64) é também, algo sagrado: “La Virgen simboliza a la mujer como *madresposa*” (LAGARDE, 2005, p. 366). A tradição cristã sustenta a imagem sagrada do materno e inspira as mulheres a testemunharem seu devotamento aos filhos, às filhas e ao marido, assim como a Maria bíblica.

O cristianismo ao longo dos séculos tem uma relevante participação feminina nos quadros dos serviços. Na história recente incentivou a participação feminina em grupos, como os Clubes de Mães, conduzindo “a reafirmação da atribuição prioritária das mulheres à esfera doméstica. Mas, ao mesmo tempo, colocou possibilidades de criação de espaços coletivos de articulação e discussão da experiência cotidiana das mulheres” (NUNES, 1994, p. 41).

Nesse sentido, surgiu a questão da pesquisa: *como os significados sociais, presentes no processo educativo do Clube e as memórias de vida tecidas no grupo de mães artesãs, ora contribuem na cristalização da representação madresposa, ora rompem com tal imaginário?*

Objetiva-se, deste modo, *analisar as permanências e/ou rupturas (alternativas emancipatórias) na representação da madresposa por um grupo de mães, do Clube de Mães Santa Rita de Cássia*. Busca-se observar, ao narrarem suas histórias, a compreensão das “situações-limites” que educaram para a submissão, mas que simultaneamente deseducaram, ou seja, observar os impasses, as sabotagens e os rompimentos do modelo da *madresposa*.

A problemática desdobra-se em outros objetivos associados:

- identificar as aprendizagens e a(s) experiência(s) narradas nas histórias individuais e/ou grupais;
- registrar aspectos da história do Clube de Mães Santa Rita de Cássia;

- identificar movimentos do que seriam as permanências e/ou as rupturas (alternativas emancipatórias) narradas por essas mulheres.

A pesquisa, ao mirar a (des)educação da figura materna, a partir da experiência do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, ancora-se nos estudos das representações e das práticas culturais, sobretudo nas obras de Roger Chartier (2002) e Michel de Certeau (2007). O estudo das representações no campo educacional permite a inquietude e a busca pela compreensão dos significados sociais inclusos no processo educativo, seja ele formal ou informal. A observação da produção de condutas e práticas sociais possibilita a análise de diversos modelos culturais estruturadores, como a maternidade. Ser mãe, no mundo ocidental, refere-se a um conjunto de sentidos compostos historicamente, que fornece símbolos e orientações de comportamentos. As proximidades teóricas dos autores citados contribuem para a análise da maternidade e suas normas, bem como os sentidos e assimilações produzidos pelas mulheres diante da construção social de ser mãe.

Segundo Chartier (2002), as representações referem-se aos modos como uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler em distintos lugares e momentos. Por meio das classificações e delimitações, os indivíduos elaboram configurações mentais e produzem sentidos sobre o mundo, revelando as percepções sobre o real. As apreensões são compartilhadas pelos distintos grupos sociais e não desprovidas de neutralidade, ao almejarem a universalidade. Seus discursos delatam os interesses dos grupos sociais que as forjam, produzindo determinadas estratégias e práticas.

Quanto aos estudos de Certeau (2007), as práticas culturais compreendidas como as *artes de fazer*, revelam os procedimentos cotidianos pelos quais os sujeitos recriam o espaço. Diante dos produtos culturais hegemônicos que lhe são oferecidos, os seres humanos elaboram seus modos de lidar, fazendo do cotidiano um espaço de conflitos e inventos. Para analisar as “maneiras de fazer”, o autor aponta duas categorias: a estratégia e a tática. A primeira, como uma operação das relações de forças que formula e impõem práticas, e circunscrito a um lugar de poder, articula um espaço para o desenvolvimento dos hábitos formulados, como por exemplo, uma instituição. A tática, como a “arte de dar golpes no campo do outro” (CERTEAU, 2007, p. 104), refere-se às ações criativas e astutas do sujeito defronte às práticas infligidas. Mesmo que individual e incapaz de romper com a ordem

dominante, é desprovida de passividade, pois burla e manipula o poder maciço da estratégia.

Sob o pressuposto de Certeau, manifestam-se suspeitas das condutas e práticas efetuadas pelas mulheres do Clube de Mães. A passividade e a disciplina frente à representação da *madresposa* podem não imperar nas particularidades da vida cotidiana e nas contradições enquanto indivíduos e grupo.

O trabalho manual, como um labor-ação marcante desenvolvido no grupo de mães, anseia por novos olhares. Enquanto “saber-herança” das antepassadas e vestígio de criação e construção de si e do coletivo, o trabalho manual realizado por mulheres não deve ser considerado apenas como uma ocupação de extensão da esfera privada destinada ao às mulheres. Pode ser analisado como espaço privilegiado da criatividade e da subjetividade, no qual os sujeitos expressam seus modos singulares, suas histórias e idealizações de vida, todas inteiradas com as representações do mundo socialmente construídas.

Edla Eggert (2009) salienta que os processos do fazer são trazidos de geração a geração, especialmente pelas mãos das mulheres e que “podem ser rechaçados, por serem entendidos como a representação da submissão e da opressão”, ou “podem ser vistos de outro modo: como uma nova possibilidade de pensar e agir, trazendo a um conhecimento silenciado, que foi construído pelas mulheres.” (EGGERT, 2009, p. 68). A autora atenta, ainda, o quanto são escassos os estudos das heranças das antepassadas (EGGERT, 2009, p. 41). Heranças em “relação aos corpos, aos trabalhos com os corpos e com os trabalhos manuais, entendidos como tradicionais” (EGGERT, 2009, p. 40). Poucos também são os estudos dos clubes de mães no Brasil diante de seu vasto universo. Espaços de socialização das mulheres, os clubes carregam marcas regionais e históricas atravessados pelas múltiplas realidades sociais, econômicas e culturais do país. Só em Caxias do Sul, são mais de 90 grupos existentes e pertencentes à Associação de Clubes de Mães de Caxias do Sul (ACMCS); cada qual com características peculiares nos mais diversos bairros.

Deste modo, a presente pesquisa possibilita olhares sobre o trabalho manual realizado por mulheres, invisibilizado pela própria academia. Manualidades que aliam saberes tradicionais e organização social, gerando processos de ensino e de aprendizagem, permeados pela criatividade e pela construção coletiva do conhecimento. O percurso formativo analisado no grupo Santa Rita de Cássia,

contribui também para o conhecimento de experiências vivenciadas nos Clubes de Mães existentes no país.

Nos poucos trabalhos – dissertações e teses – encontrados para o estado da arte, a temática dos clubes de mães é abordada pelo olhar de diversas áreas: das Humanas (Educação, Psicologia e História) e das Ambientais (Ambiente e Desenvolvimento).

Possivelmente, um dos primeiros estudos sobre os clubes de mães foi desenvolvido na área de Psicologia Social na Universidade de São Paulo (USP) em 1990. A dissertação *Militantes de Clubes de Mães: Os efeitos da experiência em organização popular de mulheres*, da autoria de Maria Salete Joaquim, aborda trajetórias de vida de mães líderes dos clubes de mães da periferia de São Paulo (SP), envolvidas na luta por creches municipais. Em 2013, a investigação desenvolvida transformou-se no livro “Militantes de Clubes de Mães (São Paulo X Periferia)”, utilizado para a presente pesquisa.

Na área da História, Maria da Conceição Rodrigues (2011) desenvolveu a dissertação *Educar, Assistir, Moralizar: A Experiência dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte - CE (1960-1990)*, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A autora aborda as experiências de um Clube de Mães de Limoeiro do Norte no Ceará. São analisadas as tensões cotidianas, os paradigmas de dominação e as resistências forjadas pelas mulheres, na ressignificação da suas condições.

Karina Lunardi (2009) na dissertação de mestrado em educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) intitulada *Pedagogias produzidas por mulheres no Clube de Mães Mulher Gaúcha da Zona Rural de Santo Ângelo*, busca observar as pedagogias desenvolvidas no interior do grupo. As mulheres através das suas aprendizagens no Clube, como o artesanato, contribuem para a agricultura familiar regional.

Edí Fassini (2010) em dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação (PPG) em Ambiente e Desenvolvimento da Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior (UNIVATES) aborda os significados das mulheres integrantes de um Clube de Mães da cidade de Imigrante (RS), ao participar do grupo. Em *Identidade individual e coletiva: percepções e representações das mulheres na sua participação em um clube de mães no interior do Rio Grande do Sul*, a construção identitária pessoal e grupal, é um dos aspectos analisados.

Ainda que a dissertação de Márcia Regina Becker (2014) intitulada *A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs* e apresentada para o PPG de Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, não trata diretamente de um Clube de Mães, o estudo apresenta relevância na temática ao analisar a formação e a gestão do artesanato de um grupo de mulheres artesãs de São Pedro da Serra. Além disso, tem como metodologia a observação participante e os grupos de discussão, igualmente utilizados na presente pesquisa.

O caminho que me conduziu ao estudo da experiência materna do Clube de Mães Santa Rita de Cássia foi alinhavado pela múltipla composição de, ora singulares, ora similares, vivências pessoais e coletivas. Como testemunha a socióloga Heleieth Saffioti: “a história de vida de cada pessoa, encontra-se com fenômenos a ela exteriores, [...] e que permite afirmar: ninguém escolhe seu tema de pesquisa; é escolhido por ele” (SAFFIOTI, 2004, p. 43). O fascínio com a construção do conhecimento sobre mulheres desdobrou-se ainda na graduação, no curso de Licenciatura em História na Universidade de Caxias do Sul (UCS): na pesquisa acadêmica, como bolsista de iniciação científica, e na participação em movimentos sociais, especialmente feministas. Experiências que nos seus cursos, entrelaçavam-se gerando o querer não cessar de “mover-se feminista”.

Ainda em 2008, ao ingressar no curso de História, impulsionada pela participação na Pastoral da Juventude (PJ) e deste modo no horizonte dos direitos das juventudes, procurei o Coletivo de Mulheres Estudantes da UCS e no mesmo ano, passei a participar também da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), movimento com o qual continuo envolvida. Paralelo ao trajeto cidadão, a curiosidade epistemológica quanto à história das mulheres, direcionou as produções acadêmicas e em 2012 surgiu o convite da professora Dra. Natalia Pietra, para integrar, como bolsista de iniciação científica, o Observatório do Trabalho da Universidade de Caxias do Sul. Inserida no projeto *Gênero e trabalho: trajetórias de mulheres e homens no mercado de trabalho formal de Caxias do Sul na década de 2000*, eu iniciava o primeiro contato efetivo com a pesquisa, focando o olhar sobre as temáticas de mulheres, trabalho e educação.

Ao passo que assimilava a (re)produção das marcas pedagógicas patriarcais nos corpos das mulheres, avivou-se a criatividade artesã junto com minha irmã gêmea, e também colega do Curso de História, Pâmela Cervelin Grassi. Em 2010, o costurar, saber ensinado por nossa mãe, alinhou-se às inquietações feministas,

assim iniciamos o Grupo de produção e customização “Marias Lavrandeiras”. Um trabalho, inspirado nos princípios de Economia Solidária e Feminista, realizado a partir de técnicas artesanais, manuais e sustentáveis, como o stencil. As camisas, principais criações, fazem memória em suas estampas de mulheres que protagonizaram suas vidas no rompimento com o patriarcado e que inspiram coletivos feministas, como Frida Kahlo, Rosa Luxemburg, Pagu e Simone de Beauvoir.

Experiências correlacionadas deram origem ao desejo de continuidade dos estudos iniciados na graduação. A presente proposição de investigação de mestrado nasceu do propósito de aprofundar a temática da educação conectada aos estudos feministas. Ainda que a pesquisa estabelece diálogos intrigantes entre as duas áreas, Educação e História. A própria problemática estreita a relação entre o aspecto educacional e histórico do objeto em análise, possibilitando múltiplos olhares.

A proximidade com o clube de mães é anterior à intenção de transformá-lo em proposição de estudo e reside na memória pessoal. Moradora do mesmo bairro, convivi com muitas das mulheres do grupo durante a infância e adolescência, particularmente nas atividades da paróquia local, como missas, grupo de liturgia e almoços comunitários. Ao retornar o contato para os fins de pesquisa, foi perceptível a afeição mantida no tempo por ambos os lados. No entanto, marcada pelas significativas vivências já mencionadas, novos sentidos foram gerados. As mulheres e suas histórias ligadas à construção da maternidade evocaram a reflexão sobre o processo dinâmico e complexo do qual emergiram. Do encantamento gerado pela expectativa da investigação diante das mulheres-mães paira o olhar de estranhamento, provocando interrogações sobre as circunstâncias históricas da produção da figura maternal e sobre as vivências experimentadas na vida coletiva.

Conhecida a introdução composta pela contextualização, delimitação do tema, objetivo geral e objetivos específicos, bem como a justificativa com a minha implicação com a temática escolhida, desenvolvo no corpo da dissertação três capítulos. Todos entrecruzados pela reflexão da (des)educação da *madresposa* com base em referenciais teóricos.

No primeiro capítulo, apresento introdução da dissertação. Em seguida, no segundo capítulo, aponto o caminho metodológico, composto pela observação participante, entrevistas individuais e coletivas (narrativas) e a experiência da pesquisadora em aprender uma das técnicas artesanais desenvolvidas pelo Clube.

Após, contextualizo o Clube de Mães Santa Rita de Cássia, sua história, seus encontros semanais nas terças-feiras, analisados a partir da observação participante. Fundamentado nas respostas de um questionário respondido pelas integrantes do grupo, ainda traço o perfil e a relação das mulheres com o Clube de Mães.

No terceiro capítulo, a abordagem se volta para o Clube de Mães, história e conceito. Inicialmente, é analisada teoricamente a representação tradicional da maternidade, com base na categoria *madresposa*. Após, a construção histórica dos modos de ser mulher no Brasil e na Região Colonial Italiana, através da figura da *mamma* italiana é discorrida. Posteriormente, a história dos Clubes de Mães no Brasil é aprofundada, correlacionando seus objetivos, a diversidade das atuações e a influência religiosa da Igreja Católica. A trajetória dos grupos em Caxias do Sul, por meio da Associação de Clubes de Mães de Caxias do Sul (ACMCS) da qual o Clube de Mães Santa Rita de Cássia faz parte, é também apresentada.

O quarto capítulo é composto pela análise do material coletado dos grupos de discussão, articulados às fontes escritas (reportagens de jornais), ao questionário individual, à entrevista com a presidenta e às percepções acerca do grupo, com base das observações. São investigados aspectos da história do grupo, as aprendizagens que nascem com a participação sistemática, bem como as permanências e rupturas do modelo da *madresposa*.

Por fim, trago as considerações finais, como uma síntese particular da análise da produção de condutas e práticas sociais pertencentes ao modelo da maternidade com base nos estudos feministas, bem como as fronteiras e os horizontes do trabalho artesanal desenvolvido no grupo.

2 RECURSOS METODOLÓGICOS E O PROCESSO DE APROXIMAÇÃO E CONHECIMENTO DO CLUBE DE MÃES SANTA RITA DE CÁSSIA

Na antiga Colônia Sertorina, onde hoje é Desvio Rizzo, bairro de encontro e moradia das mães do clube em estudo, eram realizados periodicamente os chamados “filós”, eventos de sociabilidade entre as famílias imigrantes nos quais, segundo Favaro (2002, p. 177), as mulheres:

[...] teciam, bordavam, costuravam, remendavam as roupas de trabalho de toda a família... e rezavam. [...] Este encontro familiar/vicinal denomina-se “filó”. Segundo a própria etimologia da palavra, é o espaço e o momento de realização dos “seus” trabalhos manuais, um espaço “feminino”.

Deste modo, a roda de trabalhos manuais ancorados na memória dos “filós” é elemento aglutinador da subjetividade para a realização da pesquisa, de caráter qualitativo.

Para o trabalho de campo, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: observação participante, entrevistas individuais através de questionário semiestruturado e entrevistas coletivas baseados no método documentário realizando Grupos de Discussão.

Para Marie-Christine Josso (2004), a pesquisa com narrativas das histórias de vida coloca a pessoa como objeto e sujeito e possibilita uma pesquisa-formação ao mediar o processo de conhecimento de si na existencialidade. A elaboração de autorretrato dinâmico evidencia as posições existenciais das pessoas, ao refletirem suas diferentes identidades que as orientaram e orientam; opções passivas ou deliberadas; suas representações e projeções. Segundo a autora, “permite ao autor da narrativa tomar consciência da sua postura de sujeito e das ideias que, consciente ou não conscientemente, estruturam essa postura.” (JOSSO, 2004, p. 59). O olhar para si, para a sua experiência, produz conhecimento e significação das vivências, tornando-as experiências de vida. A autora igualmente refere que o olhar para si também alcança quem pesquisa ao ponto de apresentar a concepção de pesquisa-formação.

Essa é uma tarefa desafiadora, especialmente para as mulheres, uma vez que dizer “eu” não é fácil “a quem toda uma educação inculcou a conveniência do esquecimento de si mesma” (PERROT, 2005, p. 42). O abandono e o esvaziamento são marcas de uma pedagogia que culpabiliza e inferioriza as mulheres, tornando-as

dominadas e admiradoras de quem as domina (PISANO apud EGGERT, 2009, pp. 33-34). Olhar para si própria, por meio da narração da sua história de vida é um primeiro passo para enfrentar essa realidade, que pode ser compreendida como uma situação-limite (FREIRE, 2005).

A proposta metodológica previu a integração das narrativas à ação de tecer e costurar. Benjamim (2012) afirma que a “narrativa é uma forma artesanal de comunicar” e acrescenta que as histórias eram narradas em torno das mais diversas e antigas formas de trabalho manual: “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.” (BENJAMIM, 2012, p. 220). Trata-se da ação simultânea própria da experiência feminina, como aponta Edla Eggert (2008, p. 18): “O modo como as mulheres aprenderam, durante séculos, todos os trabalhos domésticos – marcado pela habilidade de realizar várias tarefas simultaneamente – gerou a ‘competência’ da simultaneidade”. A relação das mulheres com a arte de narrar é ainda mais próxima, pois sua memória é verbo, “está ligada à oralidade das sociedades tradicionais que lhe confiavam a missão de contadoras da comunidade da aldeia” (PERROT, 2005, p. 42). Favaro (2002, p. 18) acrescenta: “coube à mulher transmitir oralmente os valores, os saberes, o cotidiano familiar e da comunidade”.

A realização das manualidades – especialmente o crochê, o bordado e o tricô – durante a observação participante, associa no processo metodológico a experiência do trabalho das mulheres, passado de geração em geração. Na experiência estão contidas as sutilezas pessoais, “as percepções, sensações, emoções e interpretações de cada uma das pessoas”, conforme Oscar Jara (2012, p. 73), enredadas em determinado contexto histórico. A criação e produção de saberes também estão presentes:

Cada experiência constitui-se em um processo inédito, e por isso, em cada uma delas temos uma fonte de aprendizagens que devemos aproveitar precisamente por sua originalidade; por isso precisamos compreender essas experiências; por isso é fundamental delas extrair ensinamentos, e por isso é também importante comunicar e compartilhar as aprendizagens propiciadas. (JARA, 2012, p. 77).

Como pesquisadora na observação participante, faço parte da roda do fazer artesanal e procurei aprender com as mulheres uma das técnicas realizadas pelo Clube. Essa forma de realizar a observação participante, já foi desenvolvida por Edla

Eggert (2009; 2011) em pesquisas já publicadas.¹ E nesse sentido, a pesquisa interligou pesquisa-formação (JOSSO, 2004) e método documentário (WELLER 2006; 2010), correlacionando as narrativas de vida, as representações de si e o contexto sociocultural.

As entrevistas coletivas seguem a proposta de grupo de discussão, segundo as orientações do método documentário do pesquisador alemão Ralf Bohnsack, também estudados por Wivian Weller da Universidade de Brasília (2006; 2010) em pesquisas empíricas na área de educação. Essa proposta de grupos de discussão tornou-se convincente, “[...] uma vez que o objetivo principal desse tipo de entrevista é a obtenção de dados que permitem a análise das visões de mundo ou representações coletivas” (WELLER, 2006, p. 244). As percepções do grupo, frutos de interações, refletem os modelos que orientam suas ações enquanto sujeitos. Um grupo de mulheres constituído como um Clube de Mães é representante de uma determinada estrutura social: “documenta experiências coletivas e [...] suas representações de gênero, classe, pertencimento étnico e geracional” (WELLER 2006, p. 246). O procedimento documentário, deste modo, permite a reconstrução das orientações coletivas que moldam os diferentes grupos.

A observação participante consiste em acompanhar no período de cerca de quatro meses os encontros semanais das artesãs, vivenciando a dinâmica concreta dos sujeitos investigados. Foram propostos três Grupos de Discussão com participação em cada grupo de no máximo quatro mulheres. Segundo Weller e Bohnsack (2006), os grupos de discussão levam o tempo que for necessário (mas, em média duram de uma hora e meia a duas horas) para que o grupo possa discutir até um momento de saturação, ou seja, quando os assuntos começam a se repetir sem maiores interações, tensões ou/e novidades.

Foram utilizadas ainda reportagens de jornais da região que tratam sobre o trabalho do Clube de Mães. Tais documentos pertencem ao próprio Arquivo do Clube, ao Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul (CEDOC/UCS) e ao Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul.

¹ “Narrar processos: Tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação”, analisa a experiência de educação popular feminista desenvolvida na pesquisa “Mulheres tramando contra a violência” durante os anos de 2005 e 2006. Nos encontros entre a pesquisadora e as mulheres participantes, a elaboração de panos artesanais junto da reflexão da violência contra as mulheres tomou o centro da roda. E na sequência Eggert (2011) desenvolve pesquisas com artesãs.

Compete apontar que a metodologia proposta foi aprofundada durante o processo de escrita do projeto de pesquisa para a submissão ao Comitê de Ética da UNISINOS. O projeto foi aprovado em dezembro de 2015 por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Uma vez coletado o material, iniciou-se o processo de transcrição e análise, com base nos processos de interações realizados entre pesquisadora e o grupo das artesãs, seus diálogos e os três grupos de discussão, além da organização dos documentos, apresentados e detalhados no quarto capítulo. A interpretação baseou-se nas leituras e no referencial teórico relacionado às *madresposas*, conceito base da minha suspeita. Mas, ao mesmo tempo com a rebeldia, à medida em que, de acordo com Paulo Freire, a história dos seres humanos se faz num processo de perceber-se sujeito da história ao dizerem as suas palavras.

2.1 O Clube de Mães Santa Rita de Cássia

“Fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas, nas mãos que sabem ser generosas”²

Ao pisar na entrada do prédio do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, as pessoas são acolhidas um dizer transcrito em rosa numa placa branca: “Fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas, nas mãos que sabem ser generosas”. Palavras premeditadas do poema “Um pouco de perfume”, da Ir. Judith Junqueira Vilella que, possivelmente, foram escolhidas com cuidado e antecedem a imaginação sobre o Clube.

Ao subir as escadas depara-se com duas salas grandes. À esquerda, uma sala usada para confraternizações maiores, inclusive para alugueis, como uma espécie de salão, e à direita o espaço principal de reunião do grupo, onde as mulheres sentam-se em cadeiras numa roda para fazer o tricô, bordado, fuxicos e o crochê. Há outras três salas: uma com máquinas de costura onde são feitas colchas de retalhos e roupas infantis doadas para entidades da cidade; uma segunda sala também equipada dedicada à culinária de massas, especialmente da cozinha italiana como o *spaguetti*; e o depósito para materiais diversos e também para as

² Trecho do poema “Um pouco de perfume” da Ir. Judith Junqueira Vilella.

produções já concluídas. Por fim, a cozinha e o outro pequeno cômodo para a produção de sabões caseiros, integram o espaço.

O prédio, composto por dois andares, ainda comporta no térreo a Creche Santa Rita de Cássia, inaugurada juntamente com o prédio do Clube em junho de 1992. A obra é fruto da parceria entre a comunidade Desvio Rizzo e o Poder Público Municipal. O grupo reunia-se numa sala local, da Paróquia São José, para seus trabalhos e batalhou por cerca de 10 anos para a construção da sede atual, como ressalta a então vereadora Rosane Nascimento em reportagem na época para o jornal Pioneiro: “muitas mães até envelheceram, pois a creche e o clube de mães eram sonhos de dez anos” (PIONEIRO, 1992, p. 13).

As mulheres reúnem-se todas as terças-feiras à tarde para produzir artesanatos que serão comercializados ou destinados à doação. O que é vendido, na própria sede, - como jogos de toalhas de banho, toalhas de rosto, panos de prato, pães e massas -, gera renda para o grupo. Outras criações, como peças infantis e colchas de retalhos, são doadas para entidades da cidade, particularmente ao Hospital Geral. A propósito, o Clube de Mães Santa Rita de Cássia, é fortemente reconhecido pelas suas ações sociais solidárias. Respeitado também pela sua histórica atuação comunitária, o grupo por muitos anos protagonizou, conjuntamente com outras organizações, reivindicações do bairro.

O Clube ainda é reconhecido na cidade pela apropriação da sua identidade étnica de “origem”. As mães são de famílias imigrantes italianas vindas para o sul do Brasil no final do século XIX e início do século XX, na chamada Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. Entre suas ações de destaque e de identificação com a cultura imigrante está a participação na Festa Nacional da Uva. As integrantes, por quase duas décadas, comercializavam guloseimas da cozinha italiana, como cucas, biscoitos, pães, cafés e pastéis na festividade em um espaço próprio do grupo, localizado no Parque de Eventos da Festa da Uva. Usufruía de uma das casas da Réplica de Caxias do Sul de 1885, um conjunto arquitetônico com 20 moradias de madeira, incluindo a igreja que relembra a cidade ainda quando colônia. Usavam, também, ao acolher o público visitante, um vestuário que as caracterizava como a mãe histórica da região, a *mamma/nonna* italiana.

2.1.1 As terças-feiras observadas

A primeira visita realizada no Clube de Mães Santa Rita de Cássia ocorreu em outubro de 2014, ainda no processo seletivo do mestrado, por ocasião da construção do plano de estudos. Ao conversar por telefone com a presidenta do Clube de Mães, apresentei meu interesse em realizar pesquisa acadêmica com o grupo. Foi evidente a curiosidade das integrantes com a minha presença. Inicialmente, não fui enxergada como uma estranha ao grupo, tampouco como uma pesquisadora. As interrogações de modo geral podem ser traduzidas numa fala de uma das integrantes: *“O que uma das gêmeas do Grassi³ vem fazer aqui no grupo?”*. Aos poucos, respondia uma a uma sobre a possibilidade de futuramente estudar a experiência do Clube de Mães. Assim, generosamente, recebi muitas informações de diversas mulheres, para além da coordenadora. Fiquei surpresa com o envolvimento de uma das integrantes, ao oferecer reportagens de jornais que havia guardado do grupo ao longo dos anos. Como ela morava próximo à sede, deslocou-se ainda naquela tarde para apanhar o material e me entregá-lo. Foram fontes essenciais na escrita do plano de estudos.

A segunda visita, após um ano, foi de observação e escuta mais intensa. Como muitas já sabiam o propósito da minha presença, pude mergulhar na dinâmica do grupo e suas relações, ainda que de modo inicial. Mesmo assim, aconteceram conversas com as integrantes mais antigas do grupo, dispostas gratuitamente a contarem fatos que compõe a história do grupo.

No período entre as duas observações realizadas, mantive contato com a presidenta do Clube, inicialmente para retornar que havia passado no processo seletivo e posteriormente para apresentar os documentos encaminhados para a comissão de ética, como o termo de anuência.

Dada a notoriedade do Clube na cidade, a pesquisa estendeu-se no Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul (CEDOC/UCS) e no Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul. Foram encontradas reportagens de jornais da região que tratam sobre o trabalho do grupo.

³ Vitório Grassi é meu pai. No caso, “uma das gêmeas”, refere-se ao fato de que sou irmã gêmea de Pâmela Cervelin Grassi. Como moradora do bairro, participei de grupos, como de liturgia da paróquia católica local., Assim, diversas integrantes conhecem-me da atuação comunitária religiosa.

Após a qualificação do projeto, realizada no mês de março de 2016, passei a observar o Clube regularmente nas terças-feiras, dia da semana destinado aos encontros. Foram quatro meses de escuta e olhar, observando o funcionamento do grupo, sua organização, os trabalhos manuais realizados, as conversas simultâneas, a chegada e saída das integrantes, o modo de coordenação da presidenta do grupo, a visita de convidadas/os, o formato do espaço (salas, banheiros, cozinhas), o mural de informações, o mural de fotos, os objetos decorativos entre outros detalhes que considere pertinentes para o estudo. Foram tardes convivendo com as cerca de 30 mulheres que compõe o Clube, embora a cada encontro, em média 20 integrantes compareceram. As percepções surgidas foram registradas em diário de campo e em fotografias, mesmo não havendo roteiro predeterminado.

Na primeira visita, deparei-me com muitas integrantes reunidas na sala principal, algumas fazendo crochê e outras envoltas na técnica do tricô. Enquanto realizavam suas tarefas, conversavam da vida, de seus cotidianos em pequenos grupos de três a quatro mulheres. Saúde e filhas/os eram os principais assuntos, embora houvessem cochichos rápidos sobre as eleições presidenciais em uma das rodas. Recordo de uma das senhoras, com seu sotaque notadamente de origem italiana, dando sua opinião: "*Meu marido disse para não votar na Dilma, ma sabe, eu gosto dela (sic)*". Quanto ao restante do grupo, outras mulheres estavam envolvidas na costura e também na produção de massas. Ao final da tarde, tomaram o chá e fizeram o lanche antes de retornarem às suas casas.

A organização presenciada na primeira visita perpassou os tantos outros encontros observados. Na simultaneidade do trabalho das diversas técnicas, na simultaneidade do *fazer* o tricô, o bordado, a costura e conversar com a outra, o grupo acontece.

Na segunda visita, realizada em dezembro de 2015, embora mantivesse contato com a presidenta do Clube durante o ano após a aprovação no mestrado, fui recebida novamente com afeto e também com muita curiosidade pelas mulheres, afinal nas palavras de uma das fundadoras: "*ela quer saber da gente, da nossa história*". Passei novamente mais uma tarde, com o olhar mais aguçado, observando o funcionamento do grupo, a movimentação das mulheres e suas conversas, as mais de 50 fotos que compõe um mural, o espaço físico e seus objetos. Naquele dia, o último encontro do ano, os trabalhos manuais foram deixados de lado para a

realização de uma confraternização, com direito a muitas guloseimas preparadas por elas mesmas e um bombom industrializado como lembrança.

Enquanto a presidenta presenteava cada mulher com o mimo seguido de um abraço, algumas organizavam o lanche na cozinha, outras a mesa e a grande maioria conversava na roda sentada nas cadeiras. Esperava que, em algum momento, as prosas fossem cessadas para algum discurso, possivelmente de agradecimentos e desejos para o ano que estava por chegar. No entanto, houve somente três breves paradas de atenção de todo o grupo: a oração antes do lanche, um Pai Nosso e uma Ave Maria, o convite para o pequeno manjar e a solicitação de doação em dinheiro feita por uma das integrantes para a limpeza da igreja local.

Ao retornar ao grupo em abril de 2016, após a aprovação na qualificação, fui acolhida com muito carinho e curiosidade por parte das integrantes: *“Mas por que você não apareceu mais? O que ficou fazendo esse tempo todo sem nos visitar?”*. Essas eram falas de algumas das integrantes ao me receberem novamente no seu espaço. Aos poucos, e uma por uma, ao perguntarem o motivo do meu retorno, explicava que havia passado pelo processo de construção do projeto de pesquisa sobre o Clube e com a aprovação, passaria a continuar o meu estudo sobre a experiência delas. Ainda nesse encontro, tratei de combinar com a presidenta um momento em uma das terças-feiras para apresentar e explicar os passos seguintes da pesquisa.

Nessa mesma tarde descobri que acontece uma pequena rifa durante todas as reuniões do Clube. São setenta números, sendo de dez a quinze brindes sorteados. Cada participante compra números por 20 centavos e concorre aos prêmios trazidos pelas mulheres que haviam sido sorteadas na rifa anterior. Quem ganha fica responsável por trazer os próximos presentes que, em geral, são pães, massas, utensílios de cozinha ou acessórios para o cabelo.

Durante o mês de abril e maio, os trabalhos manuais giraram em torno das doações. Como a estação do inverno estava por chegar, as mulheres focaram o trabalho nas peças infantis, bem como em pequenos acolchoados destinados às crianças recém-nascidas no Hospital Geral, filhas de famílias de baixa renda. Muitas, por exemplo, desfiaram lã por várias semanas para os cobertores. Algumas faziam conjuntos de tricô e outras ainda cortavam e costuravam roupinhas a partir dos retalhos de tecido doados ao grupo por uma das maiores empresas têxteis da região.

Nesses primeiros meses, muitas participantes brincavam comigo ao perguntar o que eu anotava no caderno de campo: “*O que tu vai escrever aí?*”, diziam muitas delas. Em uma das tardes ao chegar, uma integrante anunciou: “*Chegou a espiã da Arábia Saudita*”. Nos dois últimos meses observados, não havia mais comentários semelhantes, pois minha presença já havia se tornado habitual aos olhos do grupo. Em uma das minhas duas faltas por motivos de saúde, as mulheres me recepcionaram com sentimentos de preocupação e cobrança: “*Mas por que você faltou? Por que não apareceu?*”. Senti-me, numa dessas falas, em função do cuidado que tinham comigo, como parte do grupo.

Além das terças observadas, participei de uma atividade extra, a Mãe Destaque 2016, realizado no dia 12 de junho. Todos os anos uma mãe é eleita pelo Clube para ser homenageada pela comunidade. No encontro realizado no salão da sede, cinco mesas com xícaras e toalhas rosadas compuseram a estrutura do local. Foram servidos chá e alimentos, como pequenos pasteis e pedaço de torta, para cerca de 150 pessoas presentes, incluindo as integrantes do Clube e a família da Mãe Destaque do ano. Quem participava havia comprado o ingresso anteriormente no valor de R\$ 20,00.

Durante a homenagem, a integrante destacada ouviu da apresentadora do evento, um histórico da sua vida construído com a ajuda dos/as seus/as familiares. Recordaram das suas deliciosas tortas, dos pequenos sapatinhos de tricô que faz e doa há muitos anos, do sonho de ser professora de História quando jovem, mas que infelizmente não se realizou devido às condições financeiras. Lembrou-se ainda da sua reza diária do terço, além da sua insistência em ajudar os que mais precisam, pois acaba pensando mais nos/as outros/as do que em si própria. Ao ser recebida com flores, abraços, beijos pelos/as familiares, a homenageada chorou e agradeceu o carinho dos/as presentes, especialmente do Clube de Mães que a acolheu no grupo após o falecimento de seu marido. Logo após a solenidade de homenagem, o banquete foi servido e depois ainda realizaram um divertido bingo, seguido da rifa. No espaço era possível também comprar materiais produzidos pelo Clube de Mães.

Na tarde destinada à apresentação do projeto de pesquisa, ainda em maio, para todas as participantes, expus a importância dos estudos com as mulheres e como cheguei ao interesse de realizar esta pesquisa. A construção da maternidade, assim como a história, os trabalhos manuais e as aprendizagens do Clube foram apontados como enfoques da pesquisa. Apresentei ainda o caminho já realizado até

aquele momento e as próximas etapas previstas. A metodologia foi também explicada, tirando dúvidas surgidas quanto à participação das mulheres artesãs durante a pesquisa e a minha presença nas atividades do grupo. As mulheres concordaram com a realização da observação participante, assim como integrar possivelmente os grupos de discussão. Aceitaram também o uso de fotos, tiradas pela entrevistadora ao longo dos encontros.

Cabe mencionar que, durante o processo de observação e dos grupos de discussão, me senti muito à vontade entre as integrantes, especialmente após a qualificação. Antes desse convívio, fazia uma generalização equivocada sobre quem eram aquelas mulheres. As enxergava como verdadeiras representantes da opressão causada pela construção histórica da *madresposa*, sem reconhecer seus protagonismos. Através da convivência, o olhar foi se transformando e a escuta foi cada vez mais aberta. Ao perceber essa mudança de perspectiva, lembrava-me da pergunta feita pelo professor André Musskopf na banca da qualificação: “*Paula, você quer ficar com a madresposa ou com as mulheres do Clube de Mães?*”.

O artigo de Carlos Brandão intitulado “Reflexões sobre como fazer o trabalho de campo (2007)” auxiliou na minha postura enquanto pesquisadora observadora a encarar o trabalho de campo também como uma vivência:

Em primeiro lugar, porque se faz estando pessoalmente no lugar e observando e compreendendo aquilo que está acontecendo, por participar da vida cotidiana das pessoas. [...] Quero estar ali vendo o que está acontecendo. [...] Não para sentir, não para que as pessoas me sintam como alguém deles, mas para que esse participar faça com que eu me identifique mais de perto como uma pessoa não deles, mas mais próximo deles. (BRANDÃO, 2007, p. 14).

O convívio com as mulheres, as relações estabelecidas ao longo dos meses observados, foi essencial para a transformação do meu pré-conceito. Maiores detalhes dos encontros e percepções acerca do grupo, a partir da observação participante, serão analisados conjuntamente com os grupos de discussão no terceiro capítulo.

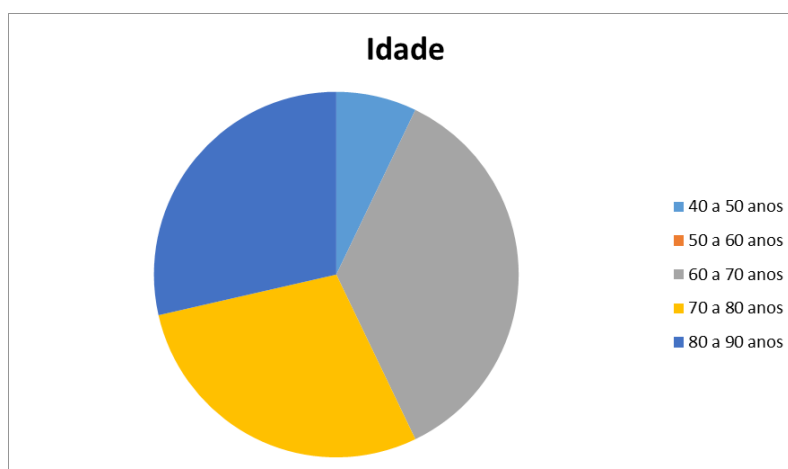
2.1.2 As mulheres participantes da pesquisa

As mulheres que integram o Clube de Mães Santa Rita de Cássia carregam semelhanças em suas vidas. São mães, aposentadas, moradoras do bairro há anos, descendentes de imigrantes de origem italiana e muitas são líderes leigas da paróquia local.

Durante a observação participante, a fim de conhecer mais o perfil e a relação de cada mulher com o Clube, construí um questionário para todas as participantes. As questões incluídas foram elaboradas a partir de anotações no diário de campo. Quanto às perguntas básicas sobre a vida de cada uma, as integrantes responderam nome, idade, estado civil, religião, origem étnica da família, nível de escolaridade, quantidade de filhos e filhas, de irmãos e irmãs, cidade em que nasceram e o tempo de moradia no bairro Desvio Rizzo. Responderam também a perguntas relativas à participação do Clube: tempo como integrante, as aprendizagens, sejam elas subjetivas ou técnicas artesanais, além dos motivos que as fazem continuar no grupo.

O questionário⁴ foi repassado para as cerca de 30 integrantes, no entanto, a devolutiva foi de 14 mulheres, mesmo cobrando aquelas que não haviam entregado. Analisei o perfil das artesãs através dos gráficos elaborados com base no questionário. Abaixo alguns dos gráficos, seguidos da análise dos dados obtidos:

Gráfico 1



⁴ O questionário foi respondido de forma escrita pelas artesãs e o modelo segue como anexo ao final da escrita.

Gráfico 2

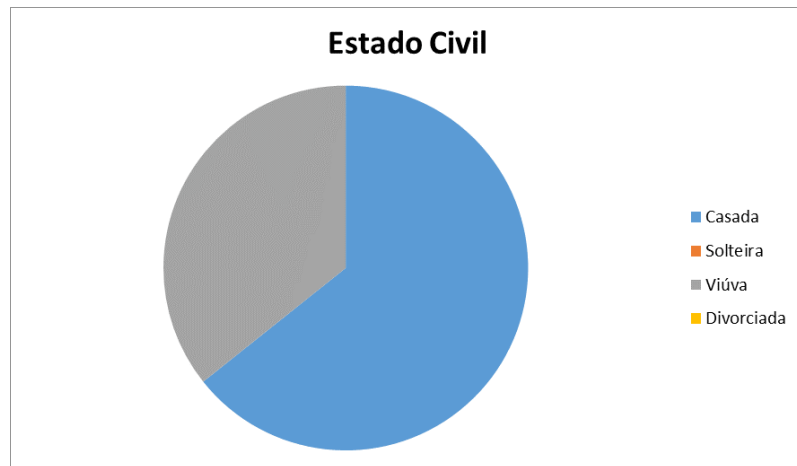


Gráfico 3

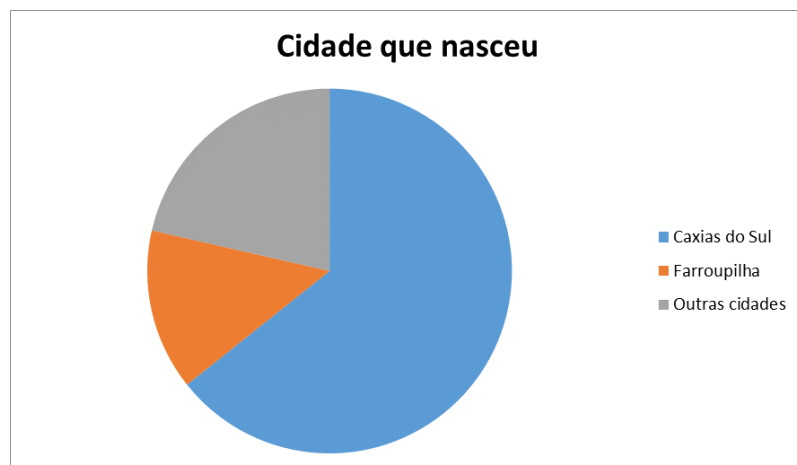


Gráfico 4



Gráfico 5

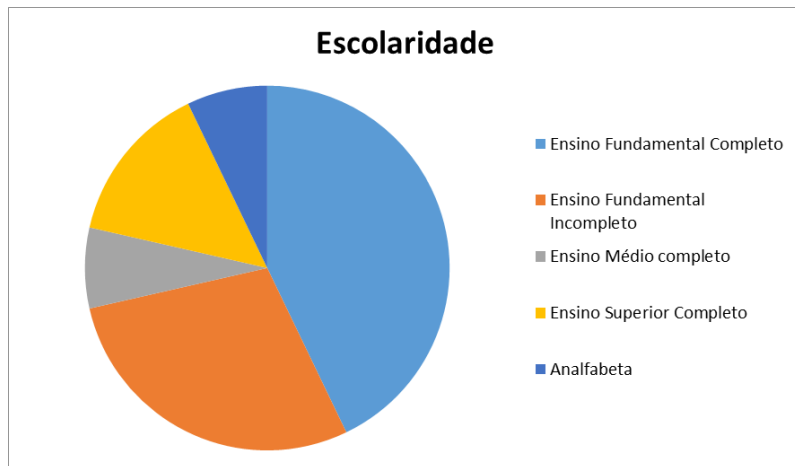


Gráfico 06



As mães se encontram em faixas etárias superiores aos 60 anos de idade, havendo uma senhora com 90 anos recém-completados e estão ligadas à Igreja Católica Apostólica Romana. São casadas, embora haja atualmente cinco viúvas. Mais da metade geraram três ou mais filhos/as. A maioria nasceu em Caxias e todas descendem de famílias de origem étnica italiana, seja por parte de mãe, de pai ou dos dois. Vêm de famílias numerosas, visto que muitas responderam que possuem mais de três irmãos/ãs. A maioria reside há mais de 30 anos no bairro, havendo oito que ultrapassam mais de meio século como moradoras da região. Quanto à escolaridade, uma é analfabeta, quatro possuem ensino fundamental incompleto; seis, fundamental completo; uma delas completou o ensino médio e duas possuem graduação.

O tempo de participação no Clube de Mães varia, contudo, metade das mulheres soma no mínimo 11 anos. Embora a análise das questões referentes às aprendizagens e às motivações para continuarem no grupo se encontre posteriormente, no capítulo 3, trago brevemente uma síntese das respostas.

Quanto às técnicas artesanais, todas as integrantes responderam que já sabiam alguma antes de entrar no grupo, especialmente o tricô, o crochê e o bordado. Quanto ao que aprenderam atuando no grupo, destaca-se a costura infantil e o sabão reciclado do óleo de cozinha. Uma delas cita cursos realizados pelo Clube nos anos 80, ocasião em que aprendeu a fazer bijuterias e a pintar em tecido. Outra respondeu que participando aprimorou técnicas já conhecidas.

As questões mais subjetivas, referentes aos motivos que as fazem continuar no grupo, bem como as aprendizagens, foram respondidas extensamente por muitas. A amizade, a união e a aquisição de técnicas artesanais movem a maioria das integrantes a atuar no coletivo. Também foi apontada como um motivo, a possibilidade de sair de casa, assim como as ações solidárias. As menções mais citadas quanto ao que aprendeu participando do Clube de Mães foram: estar junto uma das outras, compartilhar conhecimentos e ajudar as pessoas.

Chama a atenção o fato de todas as integrantes responderem que já sabiam alguma técnica artesanal, particularmente o bordado, o tricô e o crochê. Trata-se de manualidades conhecidas na serra gaúcha, visto que eram presentes no cotidiano das mulheres de famílias de imigração italiana. Segundo as historiadoras Loraine Giron (2008) e Cleci Eulalia Favaro (2002), o trabalho das mulheres estava ligado especialmente às tarefas domésticas, ao cuidado com os/as filhos/as e afazeres gerais, como tratar das galinhas, dos porcos e das vacas ou ainda cuidar da horta familiar. Nos tempos livres, como à noite ou nos domingos à tarde, sozinha ou reunida nos filós, o lazer das mulheres era o trabalho. Elas “costuravam a roupa para toda a família, faziam toalhas para mesa, para o rosto e para o banho, decorando-as com acabamentos de crochê, bordado, macramê, aplicações e patchwork” (DE CARLI; BRISSOTTO; LIMA, 2014). O artesanato-trabalho relacionava-se às necessidades familiares, ou seja, ao papel da mulher enquanto mãe e esposa. Para além da tradição local, há de se considerar que o ensino do tricô, do bordado, do crochê entre outros, esteve por muito tempo (séculos XIX e XX) nos currículos escolares brasileiros das meninas, por meio das disciplinas intituladas

Trabalhos Manuais, Economia Doméstica, Artes Manuais ou ainda Artes Domésticas. Segundo Favaro as meninas recebiam:

as instruções teóricas e práticas sobre a arte de bordar, atividade que se materializava na confecção de uma espécie de mapa (mostruário ou marcador), no qual os números e as letras do alfabeto misturavam-se harmoniosamente com folhas, flores, bainhas e bordas, para depois migrar para os lençóis, as fronhas, as toalhas de mesa e o vestuário infantil. [...] No processo de aprendizado de um conhecimento voltado minimamente para ler, escrever e contar, também importava o domínio das técnicas de bordado, qualificando assim as jovens para o casamento e a administração da casa. (FAVARO, 2011, p. 157-158).

Embora historicamente técnicas artesanais desempenhadas por mulheres, como as já citadas, tenham acompanhado a idealização feminina *madresposa* e assim contribuído para manter as relações de servidão voluntária, elas também representaram brechas na vida de muitas. Por meio do bordado, do crochê ou igualmente do tricô, as próprias imigrantes e descendentes italianas vendiam artesanatos nas comunidades onde moravam, rendendo um dinheiro para si, mas também para as necessidades familiares. Muitas famílias foram alimentadas com o retorno financeiro do artesanato, pois o homem, proprietário da terra, não repartia os ganhos da agricultura, mesmo que o trabalho braçal fosse feito pelos seus próprios filhos e filhas. Além disso, o campo artesanal alimenta a criatividade e a subjetividade, provocando a suspeita de que muitas mulheres, mesmo envoltas no papel que lhes foi incumbido, construíram suas individualidades no ato de tricotar ou de bordar.

Permitir-se olhar para as manualidades artesanais das mulheres como um espaço de re(criação) das suas vidas fez parte da presente pesquisa e perpassa a análise do cotidiano do grupo observado e das narrativas escutadas.

3 CLUBE DE MÃES: HISTÓRIA E CONCEITO

Nesse capítulo, a abordagem se volta para o Clube de Mães, história e conceito. Inicialmente, analiso a representação tradicional da maternidade, com base na categoria *madresposa*. Após, discorro sobre a construção histórica dos modos de ser mulher no Brasil e na Região Colonial Italiana, através da figura da *mamma* italiana. Posteriormente, aprofundo a história dos Clubes de Mães no Brasil, correlacionando seus objetivos, a diversidade das atuações e a influência religiosa da Igreja Católica. Também apresento a trajetória dos grupos em Caxias do Sul, por meio da Associação de Clubes de Mães de Caxias do Sul (ACMCS), da qual o Clube de Mães Santa Rita de Cássia faz parte.

3.1 Os modos de ser mulher: a representação tradicional da maternidade e conjugalidade

Ao longo do século XX, as mulheres, especialmente as ocidentais foram educadas sob o olhar vigilante de instituições (família, escola, igreja, poder judiciário), para ocuparem as funções “naturais” reservadas a elas, como a maternidade, a obediência ao marido e a dedicação ao espaço privativo do lar com tarefas domésticas. A educação estava calcada na compreensão iluminista no século XVIII, acerca das diferenças entre homens e mulheres. Edla Eggert (2005) relembra Jean-Jacques Rousseau, que apontava para a rigidez dos deveres para homens e mulheres, tendo consciência de que havia queixas das mulheres em relação às desigualdades. No entanto, as considerava queixas injustas, afinal, a tal desigualdade não havia sido imposta pelos homens e sim pela natureza: “cabe a quem a natureza encarregou do cuidado com os filhos a responsabilidade disso perante o outro.” (Rousseau, trad. Millet, 1979, p. 419).

A fragilidade, a bondade, a compaixão e o cuidado são considerados próprios da mulher segundo pensadores como Rousseau. Cabe à mulher sentir e ao homem racionalizar. Contrastes biológicos são entendidos como “naturais” e, assim, sugerem atuações sociais diferentes: o espaço público, da cidade, pertence aos homens; enquanto o privado, da casa, é conferido às mulheres (sob o controle dos homens). Para Michelle Perrot: “A distinção do público e do privado [...] é uma categoria política, expressão e meio de uma vontade de divisão sexual dos papéis,

das tarefas, dos espaços, produtora de um real remodelado sem cessar.” (PERROT, 2005, p. 261).

A percepção de séculos passados reduziu a identidade das mulheres à identidade de mãe, exaltando social e moralmente o amor materno como um valor feminino natural e gratuito. “[...] nas mãos que oferecem rosas, nas mãos que sabem ser generosas”, como anuncia o cartaz na entrada do prédio do Clube, está dando o sentido vital a todas as mulheres. Ser generosa, ser bondosa naturalmente é próprio da eterna virtude do universo feminino: a tarefa maternal de cuidar de alguém.

Marcela Lagarde (2011) através da categoria *madresposa*, aponta que os modos de vida das mulheres se constituíram como “femininos”⁵ e foram organizados e formados pela maternidade e conjugalidade, independentemente da idade, de definição nacional, religiosa ou política das mulheres. A autora acrescenta:

En la feminidad destinada, las mujeres sólo existen maternalmente, y sólo pueden realizar su existencia maternal a partir de su especialización política como entes inferiorizados en la opresión, dependientes vitales y servidoras voluntarias de quienes realizan el dominio y dirigen la sociedad. Las mujeres deben mantener relaciones de sujeción a los hombres, en este caso, a los cónyuges. Así articuladas la maternalidad y la conjugalidad, son los ejes socioculturales y políticos que definen la condición genérica de las mujeres: de ahí que todas las mujeres son madresposas. (LAGARDE, 2011, p. 379).

Tais esferas, consideradas vitais para as vivências das mulheres, transmitem sentidos para todas elas, inclusive para as sem cônjuge e não progenitoras. São *madresposas* de maneiras alternativas: “cumplen las funciones reales y simbólicas de esa categoría sociocultural con sujetos sustitutos y en instituciones afines.” (LAGARDE, 2011, p. 379). São mães temporais ou permanentes, domésticas ou públicas, desempenham cuidados maternos com seus filhos/as, amigos/as, irmãos/ãs, noivos, esposos, noras, genros, colegas de trabalho ou estudos, alunos/as, vizinhos/as. São esposas de seus esposos, pais, familiares, amigos, chefes, companheiros de trabalho etc.

A extensão da *madreposa* acontece, pois, seu objeto laboral é o ser humano:

Su trabajo, y de manera más amplia sus actividades vitales, consisten en reproducir materialmente, en su corporeidad, al otro, pero también

⁵ Segundo Ana Carolina Coelho Soares no *Dicionário Crítico de Gênero* (2015, p.242), a noção de feminino construída historicamente no Ocidente “costuma designar o conjunto de características, qualidades e atributos social e culturalmente reconhecidos como parte da natureza da mulher. A ideia de feminino liga-se diretamente à sua oposição binária – o masculino”.

subjetivamente en sus formas de percibir el mundo, en sus necesidades efectivas, eróticas, y políticas; consiste también, desde el nacimiento y en los primeros años de vida, a lo largo de la vida, cada día, en humanizar al ser humano en su propia cultura, en su época, de acuerdo con su género, con su clase, grupo y tradiciones. (LAGARDE, 2011, p. 379-380).

Embora todas as mulheres sejam vistas *madresposas*, a mãe mais importante se encontra na esfera privada: é a mãe biológica/progenitora, alicerçada em uma família, advinda de um matrimônio. Segundo Lagarde (2011, p. 453), “la conyugalidad es la vía patriarcal a la maternidad” e “implica la obligación de la procreación de hijos y la fundación de la familia.” (LAGARDE, 2011, p. 446). É obrigatoriamente heterossexual e espera-se que as mulheres sejam boas, acolhedoras, dependentes, obedientes, compreensivas, pouco complicadas, ignorantes e bonitas. O homem deve ser forte, protetor, sábio e trabalhador. Tal conjunto de características “inferiorizan real y simbólicamente a las mujeres frente a los hombres en una relación ideológicamente lincada en una inexistente paridad amorosa.” (LAGARDE, 2011, p. 447).

Na transmissão e defesa da ordem cultural e social, constrói-se o consenso na sociedade do modo de vida dominante. Ensina-se para os filhos e as filhas, especialmente na infância, o que é ser homem e o que é ser mulher, quem manda e quem obedece, o proibido e o permitido. Estende seus cuidados num conjunto de tarefas para o esposo, para o pai, para o irmão:

oferecendo serviços pessoais conectados usualmente com necessidades diversas e absolutamente indispensáveis para a estabilidade física e emocional dos membros do lar. [...] a alimentação, o afeto e, por vezes, aspectos pouco agradáveis, repetitivos e esgotadores, mas absolutamente necessários para o bem-estar das pessoas. Implicam atividades complexas de gestão e organização, necessários para o funcionamento diário do lar e de seus moradores, realizadas dia após dias nos 365 do ano, no lar e fora dele, no bairro e desde o posto de trabalho assalariado, cria redes familiares e sociais, oferecendo apoio e segurança pessoalmente e permite a socialização e o desenvolvimento das pessoas. (CARRASCO, 2003, p. 17).

Os costumes, as normas, os valores do mundo e a sustentabilidade da vida humana são proferidos significativamente na relação materna:

Así las madres son reproductoras de la cultura, aculturadas de los otros. Son las primeras pedagogas de quienes comienzan a vivir, y en complejos sociales estatales, son funcionarias del Estado en la sociedad, durante toda la vida de los sujetos. (LAGARDE, 2011, p. 391)

Uma pedagogia, porém, socialmente invisível. O que “regula a vida cotidiana e permite a continuidade do funcionamento do mundo” (CARRASCO, 2003, p. 17) não tem reconhecimento social e político. Para Cristina Carrasco (2003, p. 16), o trabalho das mulheres está relegado à margem do invisível devido a um “componente hierárquico de valores, resultado de uma longa tradição patriarcal liberal”. Conforme essa herança, a sociedade divide-se em duas esferas, a esfera pública (masculina), focada nos espaços considerados sociais, políticos e econômicos, regidos pelos “critérios de êxito, poder, direitos de liberdade e propriedade universais etc., e relacionada fundamentalmente com a satisfação do componente mais objetivo (o único reconhecido) das necessidades humanas” (CARRASCO, 2003, p. 16). A esfera privada (feminina), também conhecida como doméstica, concentrada no lar, fundada em ligações afetivas e sentimentais, “desprovida e relacionada diretamente com as necessidades subjetivas (sempre esquecidas) das pessoas” (CARRASCO, 2003, p. 16).

Esta dualidade de espaços que, organiza de modo estrutural a sociedade, as relações de poder e os símbolos de linguagem, reconhece e valoriza o que se relaciona com a ocupação dos homens em detrimento da invisibilidade das atividades das mulheres.

3.1.1 Os modos de ser mulher no Brasil: dos modelos rígidos aos modelos flexíveis

No Brasil, durante o século XX, sucederam-se diversos modelos de condutas destinados à vivência da feminilidade, embora as características e qualidades concedidas socialmente e culturalmente à elas se aproximem do modelo dominante da *madresposa*. Quando distantes de tal modelo, as condutas eram consideradas “desviantes” pela sociedade. Para Carla Bassanezi Pinsky (2012), a trajetória recente das mulheres no Brasil pode ser dividida em dois momentos: a *era dos modelos rígidos* (do início do século XX ao início da década de 60), marcada pela consolidação de padrões; e a *era dos modelos flexíveis* (de 1960 em diante), caracterizada pelo questionamento aos modelos tradicionais e o desdobramento de outros comportamentos possíveis.

No início do século XX, a “essência feminina” era formada pelo casamento e pela maternidade. O instinto maternal e bondoso era considerado como característica das mulheres, atentas ao cuidado com o marido e filhos e filhas, e

dedicada ao serviço doméstico do “lar, doce lar”. Quanto à beleza, o ideal predominante associava-se a um maior volume corporal. Se o controle diário do seu peso não era uma exigência, um corpo muito magro vinculava-se à doença e à pobreza. Cabia ao traje, composto de vestimentas e adereços, evidenciar o pertencimento de classe social e o encanto físico do sexo feminino. Maquiagem era sinônimo de vulgaridade, atributo vergonhoso para uma moça brasileira de bons costumes, reservada ao espaço privado da família.

Nas décadas posteriores, a os cosméticos passaram aos poucos a ser desejados pelas brasileiras, estimuladas pela chegada dos filmes hollywoodianos que exibiam nas telas jovens mulheres maquiadas de poucas imperfeições na pele. A admiração pela beleza era, também, relacionada ao seu comportamento decente e obediente com o marido quando casada, ou com o pai e mãe, quando jovem solteira. Aliás, o propósito de um lar harmonioso dependia especialmente da dedicação da mulher ao matrimônio, já que “o casamento e a maternidade eram tratados como os pontos culminantes da vida da mulher” (LUCA, 2012, p. 452). Naquela época, porém, estes modelos vigentes foram confrontados devido à campanha ao direito do voto e à maior participação política e social das mulheres na sociedade.

Na década de 40 em diante, o amor e o empenho da mulher junto ao esposo e aos filhos e filhas somaram-se ao cuidado da sua aparência. Rosto macio e liso, silhueta curvilínea, pés delicados. Segundo a já existente imprensa feminina⁶, as mulheres “deviam ampliar o interesse masculino por seus corpos” (SANT’ ANNA, 2012, p. 111), procurando manter vivo o frágil amor matrimonial. Para Sant’ Anna, o imaginário da mulher dos anos 50 era o da encantadora mulher-flor:

Sonhavam (as mulheres) com brotos e rosas de grande encanto. As primeiras desabrochavam em bailes de debutantes. Deviam ser colhidas na hora certa por homens considerados bons partidos. Uma vez casadas, viravam rosas, rainhas do próprio jardim, mães zelosas e esposas fiéis. Havia um tempo para desabrochar e outro para murchar. [...], uma “pequena encantadora” teria chances de encontrar o príncipe encantado. E mesmo que o príncipe não fosse encantador, várias mulheres eram estimuladas a não descuidarem jamais do próprio encanto (SANT’ ANNA, 2012, p. 2012).

⁶ No “Dicionário Crítico de Gênero” (2015, p.242), a imprensa feminina é interpretada como aquela “dirigida para as mulheres e trata de assuntos que supostamente as interessam, a partir dos papéis sociais que cumpriram em diferentes períodos históricos, servindo até mesmo, para reafirmá-los” (BERGER; HEUSER, 2015, p.378).

O ideal continuou como peça íntima da manutenção da autoridade do homem na sociedade e da restrição da vida pública para as mulheres (SANT' ANNA, 2012, p. 110). No entanto, cabe ressaltar que a experimentação da feminilidade aconteceu conforme a classe social e a raça/etnia. Logo, os padrões dominantes de comportamento das primeiras décadas do século XX, não eram vivenciados por todas as mulheres. As jovens de famílias pobres trabalhavam desde cedo, em atividades dentro de casa, como costureiras e lavadeiras, ou fora, como operárias, vendedoras de doces, cigarros, floristas e garçonetes. Conforme Pinsky (2012), não cumprindo as normas morais da época, ao se deslocarem para seus ofícios, passavam pela cidade, conversavam nas ruas e conviviam com uma diversidade de pessoas. Eram, por isso, incomodadas, por vezes pela polícia, julgadas e humilhadas pelas autoridades com base no ideal feminino que não seguiam. Caso fossem negras, eram identificadas pelo racismo da época como promíscuas, atrevidas e ociosas.

Uma minoria, durante a primeira metade do século XX, teimou em viver um comportamento tido como mais liberal, imoral pela sociedade: especialmente as “melindrosas”, conhecidas por gozar a vida, apreciar os flertes e as festas; as *sufragetes*, que reivindicavam o voto feminino e o acesso à educação para mulheres; as artistas e intelectuais modernistas, habituadas à vida boêmia e formas alternativas de relacionamento afetivo e sexual (PINSKY, 2012).

A partir dos anos cinquenta, à medida que a cultura juvenil internacional ganhava destaque, também no Brasil, os modelos de comportamentos vigentes para ambos os sexos foram questionados. Jovens envolvidos/as tanto em movimentos culturais como políticos, romperam com alguns ideais do mundo adulto. Cabe ressaltar que o país também não era mais o mesmo: democracia política, crescimento contínuo das cidades, ascensão da classe média, ampliação da escolaridade, possibilidades profissionais e entretenimentos para homens e mulheres. Com a modernização e o crescimento das cidades, a fronteira do lar para as mulheres das famílias de “bem”, é quebrada, aos poucos, através de uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho formal. Apesar do pequeno número, as mulheres com ocupação fora das suas casas, tinham maior autonomia financeira e suas compras partiam das suas escolhas. Um fato importante e que passou a modificar ainda mais a vida das mulheres brasileira, foi a chegada da pílula anticoncepcional, em 1961.

A era dos modelos rígidos deu espaço para o novo ciclo dos modelos flexíveis. As jovens mulheres que passavam a refletir e romper as condutas tradicionais assumiram atitudes em busca de maior liberdade e autonomia tanto nos relacionamentos afetivos, como nos cuidados com si mesmas. Embora os questionamentos contribuíssem para a mudança dos valores tradicionais, a concretização das alterações na vida das mulheres não seguia o mesmo ritmo. O casamento seguia sendo um ideal e moças da classe média deixavam de estudar ou trabalhar ao se unirem aos seus esposos. Diferentes de suas mães, no entanto, eram donas de casa modernas, atentas às exigências e necessidades de uma família urbana das grandes cidades. Anunciava-se para as mulheres um lar de maior praticidade, com o consumo de utensílios domésticos modernos que chegavam ao mercado.

A representação da “mulher cidadã”, conforme Pinsky (2014) ganhou força nos anos sessenta e setenta, através das feministas que “buscavam a libertação da mulher, e as militantes de esquerda, que combatiam o regime militar e o sistema capitalista” (PINKSY, 2014, p. 538). Nos anos oitenta, a “mulher politizada” relacionava-se com as comprometidas com as causas de seu tempo como a maior penalização da violência sexual (maus-tratos, estupro, assédio), fim das discriminações e pela volta da democracia no país. As lutas organizadas garantiram novos direitos, especialmente às mulheres trabalhadoras. Entre estes direitos destacam-se: a “licença-maternidade ampliada, a fixação de idades diferentes para aposentadoria, o reconhecimento do direito de chefe de família à mulher, a instituição do direito de igualdade e reciprocidade no casamento” (ZANLOCHI, 2001, p. 85), entre outros.

À medida em que outras perspectivas se tornaram possíveis na vida das mulheres, suas identidades multiplicaram-se e a realização dos próprios desejos passou a ser cada vez mais debatida. Embora a tradicional *madresposa* persistisse e ainda insistisse em sobreviver, o conjunto das mudanças ocorridas no decorrer do século respingou nos mais diversos espaços.

3.1.2 Os modos de ser mulher na Região Colonial Italiana: a *mamma* italiana

Entre o final do século XIX e o início do século XX, famílias de imigrantes italianos chegaram ao sul do Brasil e fundaram a Região Colonial Italiana do Rio

Grande do Sul (RCI). Foram assentados na Encosta Superior do Nordeste Gaúcho, em lotes pertencentes ao sistema de colônias, implantado para promover a agricultura. “De acordo com a legislação em vigor, os imigrantes deveriam pagar pelas propriedades, não podendo contar, dentro dos limites das colônias, com mão-de-obra escrava” (GIRON, 2008, p. 23). As atividades nas propriedades foram, por isso, realizadas pelas famílias, ao ocuparem um pedaço de terra onde foram assentadas.

O trabalho gerado de acordo com as necessidades da família, da propriedade e da produção, era determinado pela autoridade paterna que estabelecia o que cada membro deveria realizar. Ao homem, segundo Loraine Slomp Giron (2008), cabia o papel de proprietário da terra, de chefe da família e dono da casa. À mulher, o papel de mãe, de doméstica e auxiliar geral. Dos filhos e as filhas, membros subalternos da família, esperava-se a obediência e o trabalho.

O homem, proprietário da terra, “tinha como dever a administração da propriedade, a distribuição das atividades a serem realizadas, visando à produção e à comercialização dos produtos agrícolas” (GIRON, 2008, p. 34) como a uva, o trigo e o milho. Como chefe de família, “detinha a direção das normas de conduta e da punição às transgressões de seus membros” (GIRON, 2008, p. 35); e como dono da casa “deveria contar com as atenções especiais da mulher, sendo o primeiro a ser servido na mesa, o primeiro a se banhar, a quem cabia o melhor lugar na casa e a melhor porção dos alimentos.” (GIRON, 2008, p. 35).

Os ganhos provenientes da terra possibilitavam ao homem investir em melhorias agrícolas e acumular dinheiro, melhorando a condição da família. Com o aumento do trabalho na propriedade, exigia-se cada vez mais esforço da mulher, dos filhos e das filhas, aproximando-se da figura do homem a de um patrão com seus empregados e empregadas. As relações desiguais entre o pai e demais membros tornavam a casa um lugar de convivência difícil, frieza nos tratos e poucos entusiasmos.

A mulher tinha seu papel fundamentado na reprodução, garantindo uma numerosa prole:

Além dos trabalhos ligados à gestação, ao parto, à criação e à alimentação e educação dos filhos, a mulher, no papel de dona de casa era pouco mais do que uma empregada doméstica, sendo responsável por todos os trabalhos destinados ao bom funcionamento do lar, como cozinhar, costurar, lavar e passar roupa, que eram atividades contínuas. Como doméstica

deveria alimentar e servir o marido, possibilitar-lhe repouso em casa e assistir ao seu lazer. (GIRON, 2008, p. 37).

Fora de casa, a mulher plantava e capinava, transportava o trigo para o moinho, tirava leite da vaca, comercializava os produtos da horta nas vilas. Era a primeira a levantar da cama e a última a deitar-se. Até mesmo seu lazer era trabalho: bordado, remendos de roupas ou tranças de palha. Atividades complementares que garantiam renda extra para a alimentação familiar, tornando a mulher responsável pela manutenção da casa e o homem da propriedade. Desde cedo, as mulheres aprendiam a costurar. Enquanto os filhos homens recebiam terras do pai ao casar-se, as filhas trabalhavam em dobro gerando recursos para a compra do enxoval e o pagamento do dote: uma máquina de costura.

Os meninos também recebiam tratamento vantajoso ao serem enviados à escola para, futuramente, dirigirem a propriedade. As meninas, na sua grande maioria, reproduziam, como suas mães, a pouca escolaridade que as mantinham na ignorância, constituindo, assim, a figura hegemônica da “mulher imigrante italiana”.

Excluídas de uma educação escolar, as meninas seguiam os passos de suas mães, incorporando desde cedo as tarefas que lhe eram cabidas:

O aprendizado da submissão era feito com a mãe, submetida ao poder, à força e ao saber do marido; era transmitido diariamente no fazer e no dizer maternos. Era aprendida também através das ordens do pai, das ordens dos irmãos, das ordens do marido e por fim, das ordens dos próprios filhos. (GIRON, 2008, p. 44).

Ao lado da instituição familiar, a Igreja Católica, com suas capelas espalhadas nas colônias, propagava sua moral ditando normas de condutas à comunidade imigrante. Na ótica religiosa, a maternidade era sagrada e concebida no casamento. Esperava-se da mulher, obediência e sacrifício pessoal para o cumprimento do seu papel maternal no núcleo familiar. A transmissão oral para a continuidade dos princípios sociais esperados era, também, de sua responsabilidade. O homem, feito “à imagem e semelhança de Deus”, exercia o papel de chefia da família e dos negócios.

As relações tensas no interior da família, oriundas em particular da desigual divisão do trabalho na propriedade, somadas à obrigação da mãe em conservar os valores cristãos, colocavam-na diretamente no centro dos conflitos. A mãe carinhosa era substituída por aquela que pressionava e coibia a prole, até mesmo o marido.

Seu papel, apesar do desgaste físico, “capitalizava uma dupla vantagem, de ordem social e moral: enquanto obedecia aos ditames da Igreja, promovia socialmente o chefe de família” (FAVARO, 2002, p. 120).

O esforço do clero em manter uma estrutura eclesial que garantisse o cumprimento da disciplina cristã foi tão significativo que “passadas várias décadas do início do processo imigratório, embora em fase de relativo progresso econômico, os valores e as expectativas alimentados pelo grupo em relação à mulher e à família mantinham-se substancialmente iguais” (FAVARO, 2002, p. 119).

Deste modo, advinda especialmente da “tradicional família imigrante italiana” centrada na autoridade paterna em conjunto com a Igreja Católica, constitui-se a figura ambígua da *mamma* (FAVARO, 2002) de origem italiana. Assim, a *madresposa*, instituição histórica e coletiva, a *mamma* não era de si mesma. Era do pai, era do marido e até mesmo do filho, *de alguém e para os outros* (LAGARDE, 2005, p. 64). Um papel que implicava, para as imigrantes a anulação das próprias vontades, ou seja, o sacrifício das suas vidas em nome da família.

Para Marcela Lagarde, a representação *madresposa* idealiza a felicidade: a mulher é plena como mãe e esposa e todo ou qualquer sofrimento oriundo de seus papéis, é positivo, pois “la mujer sufre a partir de la realización de sua felicidad.” (LAGARDE, 2011, p. 449). Ivone Gebara (2000) argumenta que o sofrimento e a dor das mulheres estão ligados à ideologia do sacrifício da própria vida para o serviço aos outros.

O complexo discurso do sacrifício e da renúncia é também um subterfúgio para o poder maternal. A mulher vigiava a casa, exercendo poderes de opressão nos/as outros/as. A maternidade, assim, proporcionava à mulher imigrante italiana “um espaço exclusivo para a prática, nem sempre sutil, das mais diferentes formas de pressão e coerção sobre todos os membros da família” (FAVARO, 2002, p. 120).

O poder maternal, no interior da família, media o governo do pai. Segundo Elisabeth Badinter:

as relações expressas só funcionam graças a um terceiro termo oculto, ou pelo menos silenciado. Deus, o rei, o pai e o pastor só dirigem suas criaturas, súditos, filhos e rebanho por intermediários vigilantes: a Igreja, a polícia, a mãe e o cão de guarda. Não seria certo dizer, em virtude das relações analógicas, que a mãe é como a Igreja em relação às suas ovelhas, a polícia que vigia os súditos, o cão de guarda que roda em torno do rebanho? Ela tem poder e autoridade sobre eles. E mais familiaridade também, pois não lhes tira o olho. Mas esse poder lhe foi delegado e, por

sua vez, ela está submetida ao esposo como a Igreja a Cristo, a polícia ao soberano e o cão ao pastor. Seu poder não lhe é exclusivo. Está sempre à disposição do senhor. Evidentemente, sua natureza de guardiã está mais próxima daquilo que ela guarda do que do senhor. (1985, pp. 41-42)

O modelo destinado às mulheres predominante na região, permaneceu presente até depois da metade do século XX. Segundo Favaro (2002), na região “a condição de submissão das mulheres-mães aos maridos, e por extensão, à família, manteve-se praticamente inalterada até mais ou menos a década de 1950, principalmente nas áreas rurais” (p. 119), influenciando, assim, a educação de muitas mulheres nascidas nas décadas posteriores.

3.2 Os Clubes de Mães

Poucos são os estudos sobre os Clubes de Mães no Brasil, diante de seu vasto universo. Espaços de socialização das mulheres, os clubes carregam marcas regionais e históricas atravessados pelas múltiplas realidades sociais, econômicas e culturais do país. Só em Caxias do Sul são mais de oitenta grupos existentes e pertencentes à Associação de Clubes de Mães de Caxias do Sul (ACMCS), cada qual com características peculiares nos mais diversos bairros.

Maria da Conceição Silva Rodrigues (2011), ao investigar a história dos Clubes de Mães no Brasil, evidencia que não há uma gênese comum e exata de data ou lugar quanto ao surgimento dos Clubes de Mães. No entanto, discorre que os Clubes surgiram a partir de núcleos de mães organizados pela Legião Brasileira de Assistência (LBA), desde sua criação em 1942: “A LBA estava, por sua vez, vinculada com uma série de outras organizações, departamentos do governo, bem como, indissociável da Igreja Católica, todas juntas no exercício da promoção humana.” (RODRIGUES, 2011, p. 45). Em documentos da época, enfatiza-se a missão de cuidado e responsabilidades das mulheres enquanto esposas e mães.

Nos anos setenta e oitenta, diversos estudos citados por Rodrigues, ligam os Clubes de Mães, especialmente de periferias, aos movimentos populares e às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). As integrantes organizadas envolviam-se em mobilizações para a conquista de escolas, creches e redução nos preços dos alimentos. Reivindicações surgidas a partir das suas realidades de miséria e fome.

Há de se considerar, dada a influência católica nos grupos citados, a reforma da Igreja através do Concílio Vaticano II (1962-1965), da Conferência de Medellín

(1968) e de Puebla (1979). Resgatava-se a missão do/a leigo/a como protagonista, denunciava-se as mazelas sociais e convocava-se a comunidade religiosa a assumir o compromisso da justiça com os/as pobres. No decurso, surgiu, na América Latina, palco então das ditaduras militares que alargavam ainda mais as injustiças socioeconômicas, a Teologia da Libertação. Conforme o teólogo Leonardo Boff (2011), essa Teologia passou a enxergar o/a pobre concreto na sociedade, sua realidade de sofrimentos e injustiças. O/a pobre é herdeiro/a de um oprimido, pregado na Cruz, Jesus de Nazaré. Onde há opressão, há clamor por libertação. E, por isso, o cristianismo deve optar pelos pobres, contra pobreza em que vivem, a favor das suas vidas e liberdade.

A presença católica nos bairros populares transformou-se, e juntamente com os leigos e as leigas, padres passaram a incentivar a organização comunitária em prol da mudança da realidade social e econômica. Os Clubes de Mães que já existiam ou surgiram nas periferias, acabaram apoiando-se na perspectiva que emergia. Gabriele dos Anjos (2008), ao aprofundar a discussão sobre as mobilizações coletivas das mulheres de classes populares pela Igreja Católica, cita os Clubes como um engajamento do final da década de setenta que corresponde “a um momento de mobilização dos leigos por agentes religiosos para causas definidas como populares” (ANJOS, 2008, p. 514).

A repressão militar no Brasil, no entanto, não atingiu os grupos de mães, segundo Rodrigues (2011, p. 48): “Uma pauta sempre voltada às questões e necessidades básicas do espaço doméstico e um movimento organizado por donas de casa das periferias não permitia a repressão enquadrá-las na esfera dos subversivos”.

Não há registros, no entanto, de que a maioria dos Clubes fundados no país tenha surgido com trajetória semelhante. Considera-se que “eles tinham início com o propósito de reunir mulheres em torno da leitura do evangelho, de trabalhos artesanais para geração de renda e assistência às famílias locais” (Rodrigues, 2011, p. 49). Além disso, grande parte seguiu a lógica assistencialista. Inclusive, grupos, envoltos na perspectiva das causas populares, como citados anteriormente, não queriam identificação com os Clubes de Mães que tinham relação com a LBA e denominavam-se grupos de mulheres ou mães. Suas visões divergiam com o assistencialismo, que segundo o pesquisador e cientista social Norberto Alayón, citado pela autora Rodrigues (2011),

é uma das atividades sociais que historicamente as classes dominantes implementaram para reduzir minimamente a miséria que geram e para perpetuar o sistema de exploração. (...) A sua essência foi sempre a mesma (à margem da vontade dos agentes intervenientes): oferecer algum alívio para relativizar e travar o conflito, para garantir a preservação de privilégios em mãos de uns poucos. (ALAYÓN apud Rodrigues, 2011, 89).

Em Caxias do Sul, segundo fontes fornecidas pela Associação de Clubes de Mães de Caxias do Sul (ACMCS), o primeiro grupo foi fundado em 1964 no Colégio Madre Imilda. Era o Clube de Mães Santa Terezinha que teve como fundadora Paulina Moretto, mãe do atual bispo católico emérito da cidade, Dom Paulo Moretto. Depois desse surgiram muitos outros. Inicialmente, os primeiros clubes da cidade filiaram-se ao Conselho Geral de Clubes de Mães (CGM), entidade que até hoje congrega os coletivos de mães do Rio Grande do Sul. Posteriormente, por conta das dificuldades em atender as solicitações do CGM, foi fundada a ACMCS com onze grupos no dia 8 de maio de 1975. A ACMCS se apresenta como:

uma entidade assistencial, sem renda fixa e sem fins lucrativos. Congrega, apoia e incentiva Clubes de Mães em torno de objetivos e atividades comuns, visando a valorização e o aperfeiçoamento pessoal, familiar e comunitário da mulher, capacitando-a a exercer suas funções de esposa, mãe, dona de casa e cidadã por meio de programas de formação, promovendo a convivência e a sociabilidade, despertando a consciência da responsabilidade social, a cooperação com o poder público e demais entidades comunitárias. Não tem vínculo político, religioso ou sectário. Com esse objetivo são realizadas inúmeras atividades cívicas, recreativas, culturais, sociais e assistenciais como: campanhas, cursos, palestras, convênios, seminários, encontros, passeios, festas, etc. A ACMCS também participa de promoções organizadas por outras entidades ou órgãos públicos.⁷

Por esta entidade, já passaram cerca de duzentos Clubes de Mães, muitos ainda atuantes, outros já dissolvidos. A trajetória dos nomes dos grupos é em si instrutiva: das muitas referências de santos e santas da Igreja Católica (*Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Guadalupe, Santa Mãe Aparecida, Nossa Senhora das Graças, São José, Santo Antônio* etc.), passando pelos nomes de localidades (*Bairro Cruzeiro, Vila Seca, São Marcos da Linha Feijó, Vila Oliva, Galópolis* etc.) a palavras e sentimentos que carregam marcas historicamente concedidas às mulheres ou da vida em grupo (*Recanto da Amizade, Esperança do Amanhã, Sementeiras do Amor, Mães em Ação, União da Maternidade, Com amor*

⁷ PANAZZOLO, Capra Marlene. Pequeno histórico da ACMCS. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paulinhagrassii@gmail.com em 30 julho 2015.

se vence, Amigas para Sempre etc.). Infelizmente, não foram encontrados estudos sobre os Clubes de Mães de Caxias, comprovando como inicialmente afirmado, as poucas pesquisas realizadas no campo.

Quanto ao Clube de Mães Santa Rita de Cássia, consta nos documentos sua filiação na associação nos primeiros anos da década de 80. Durante a observação dos encontros, era comum escutar, especialmente da coordenadora, conversas sobre as reuniões ou tarefas encaminhadas pela ACMCS.

A partir da investigação histórica, inclusive dos grupos da cidade, constata-se que, embora sejam distintos os percursos dos Clubes de Mães, a grande maioria desenvolve ações sociais e comunitárias. As práticas, ainda que heterogêneas na sua dinamicidade, revelam que tais espaços diretamente ou indiretamente engendram processos de formação política e cidadã para as mulheres envolvidas, mesmo que muitas vezes, envoltos numa perspectiva assistencialista.

4 NARRATIVAS DAS MULHERES DO CLUBE DE MÃES SANTA RITA DE CÁSSIA

Após alguns meses de observação participante, além do questionário, realizei entrevistas coletivas com as mulheres do Clube de Mães Santa Rita de Cássia a fim de aprofundar aspectos da história do grupo e identificar as aprendizagens, bem como as permanências e rupturas da *madresposa*.

A etapa de observação foi fundamental para a realização dos GDs, tornando o procedimento mais rico, posto que emergiram assuntos para as conversas para além do que estava previsto, além da entrevista individual com a presidenta em exercício do grupo, abordando questões relativas à organização. A necessidade da entrevista surgiu durante o tempo de observação, após constatar a importância da presidenta na coordenação das ações do grupo, especialmente nas doações às entidades e venda dos produtos artesanais. E, também, nos GDs, já que as participantes ao serem indagadas sobre processo criativo e a comercialização dos trabalhos, indicavam a presidenta para responder “melhor” a essas perguntas.

No presente capítulo, analiso o material coletado dos GDs, articulando-o às fontes escritas (reportagens de jornais), ao questionário, à entrevista com a presidenta e às percepções acerca do grupo, a partir das observações.

4.1 Grupos de Discussão – GDs

As entrevistas coletivas realizadas seguiram a proposta de grupo de discussão do método documentário de Ralf Bohnsack, aprofundados por Wilian Weller (2006; 2013) em pesquisas empíricas na área da educação. Segundo Weller, o “objetivo maior do grupo de discussão é a obtenção de dados que possibilitam a análise do contexto [...] dos entrevistados, assim como de suas visões de mundo ou representações coletivas” (WELLER, 2013, p. 56). As ações dos sujeitos investigados partem de orientações coletivas e contextos sociais específicos, conforme os elementos de gênero, classe social, pertencimento étnico e geracional.

Durante a discussão, as falas trazidas pelo grupo reproduzem tais orientações ou visões de mundo. Cada fala compõe a totalidade da opinião coletiva: “A opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas o produto de ações coletivas” (MANGOLD apud WELLER, 2013, p. 56). Cabe apontar também que tais opiniões:

não são formuladas na hora, mas atualizadas no momento da entrevista. Em outras palavras: as opiniões trazidas pelo grupo não podem ser vistas como uma tentativa de ordenação ou como resultado de uma influência mútua no momento da entrevista. Essas posições refletem, acima de tudo, as orientações coletivas ou as visões de mundo do grupo social ao qual o entrevistado pertence. Essas visões de mundo resultam – segundo Mannheim (apud Weller et al., 2002, p. 378-79) – de "uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que, por sua vez, constitui-se como uma base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos". (WELLER, 2013, p. 56-57).

Os GDs realizados no Clube de Mães provocaram as mulheres a narrarem a história e relação do grupo com a comunidade, a participação de cada uma neste espaço, bem como aspectos sobre os trabalhos manuais realizados.

Inicialmente, foram propostos dois GDs com participação de no máximo cinco mulheres em cada grupo. A proposta reelaborada definiu três GDs, contando com três entrevistadas em dois grupos e quatro no outro grupo, além da presença pesquisadora em todos eles. Os critérios de composição foram apresentados ao Clube de Mães e refeitos pelas mulheres. Priorizou-se a diversidade do grupo pelo tempo de participação: quem participa desde a fundação do grupo, quem participa há cerca de 20, 15 anos e quem está há pouco tempo; e pela diversidade das técnicas: quem costura, quem borda, quem faz sabão, quem faz massa etc. As entrevistadas foram eleitas pelo próprio coletivo, embora tenha indicado a participação de integrantes presentes no grupo desde sua fundação. As datas para realização das conversas foram previamente agendadas com as entrevistadas conforme suas disponibilidades.

Estava previsto para os GDs, como apresentado no projeto, a realização das manualidades do Clube – como o bordado e o tricô – no entanto, as entrevistadas optaram em conceder a entrevista sem trabalhos simultâneos.

Foi exposta, pela pesquisadora, a necessidade do uso de um nome fictício para a análise posterior na dissertação, manifestando que esse simples detalhe garante uma maior privacidade a todas e evita possíveis desconfortos no futuro. As participantes compreenderam e concordaram.

4.1.1 Elaboração do tópico-guia

O método documentário prevê a elaboração prévia das temáticas abordadas nos grupos de discussão, resultado da revisão bibliográfica bem como do estudo

preliminar do campo de pesquisa. No caso, após cinco meses de observação participante realizada, construí o tópico-guia para a realização das discussões de grupo. O modelo (bloco temático/pergunta ao grupo/objetivos a alcançar) anexado em Weller (2006, p. 255), orientou a construção do tópico-guia para os grupos de discussão do Clube de Mães.

Para as discussões, acrescentou-se também uma mobilização inicial subjetiva. Solicitei, previamente, para que cada uma das participantes que trouxesse, no dia da sua entrevista coletiva, um objeto que simbolizasse o Clube de Mãe Santa Rita de Cássia para a sua vida. A mobilização contemplou a sugestão de Weller (2013, p. 60) em propor inicialmente uma pergunta que estimule a participação e interação entre as integrantes. Brandão (2007, p. 19) também aconselha que “muitas vezes é interessante num caso começar a pesquisa por um fio da vida, por uma história de vida” e depois “passar pra uma interpretação mais analítica, mais crítica”.

As perguntas elaboradas a partir dos objetivos, evitaram iniciar-se pelo “o que” ou “por quê”. Buscou-se fomentar discussões voltadas para o “como”, conforme orientação de Weller (2006, p.56), que “levem à reflexão e narração de determinadas experiências e não somente à descrição de fatos”.

Tabela 1 – Tópico Guia

Bloco temático	Pergunta ao grupo	Objetivos
Objeto trazido por cada entrevistada	<ul style="list-style-type: none"> Conte sobre o objeto escolhido: como ele representa para você, o clube de Mães? Ele faz recordar algo? 	Mobilizar subjetivamente o GD para a conversa.
História do grupo	<ul style="list-style-type: none"> Como foi iniciado o Clube de Mães? Como eram os encontros no início? O que faziam? Havia participação de muitas mulheres? Na opinião de vocês, quais foram os momentos mais significativos, importantes para a história do clube? 	Registrar aspectos da história do Clube de Mães Santa Rita de Cássia
Participação no clube	<ul style="list-style-type: none"> Como cada uma de vocês conheceu e passou a participar do clube? Como é participar do clube? Por que vocês param com o que tem para fazer 	Identificar as aprendizagens e as experiências narradas nas

	<p>nas terças-feiras e se deslocam até o grupo?</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que cada uma de vocês aprendeu participando do grupo? • O que mudou na vida de cada uma após a participação? <ul style="list-style-type: none"> • Houve algum conflito, alguma discordância por parte da família ao participar do Clube? 	<p>histórias grupais.</p> <p>Identificar movimentos do que seriam as permanências e/ou as rupturas (alternativas emancipatórias) narradas por essas mulheres.</p>
Relação com a comunidade	<ul style="list-style-type: none"> • Na opinião de vocês, o grupo tem importância* para a comunidade do Desvio Rizzo? Para a cidade de Caxias do Sul? Por quê? • Nas doações feitas às diversas entidades, já enxergaram os rostos das mulheres e das crianças que receberam as roupas que vocês bordaram e costuraram? Como foi? O que sentiram? Sabem quem são essas mulheres e suas situações de vida? Como compreendem essa situação de pobreza dessas mulheres? <p>* Recordar a luta pela creche, a UBS, doações, ações no bairro, participação nas festas da uva etc.</p>	<p>Registrar aspectos da história do Clube de Mães Santa Rita de Cássia</p> <p>Identificar movimentos do que seriam as permanências e/ou as rupturas (alternativas emancipatórias) narradas por essas mulheres.</p> <p>Observar as intencionalidades da produção dos trabalhos artesanais que serão doados.</p>
Trabalhos manuais	<ul style="list-style-type: none"> • Quais os principais trabalhos manuais realizados no grupo? <ul style="list-style-type: none"> • O que é feito com a produção do grupo? • Como elegem a produção que deve ser doada e a quem deve ser vendida? <ul style="list-style-type: none"> • Como são feitas as doações? • Como vocês colocam os preços e como fazem para vender os produtos? • Como apresentam seus produtos para o público que compra? • Como é o processo de criação, como desenvolvem o desenho do produto? (no caso das roupas)? 	<p>Identificar as aprendizagens e as experiências narradas nas histórias grupais.</p> <p>Identificar movimentos do que seriam as permanências e/ou as rupturas (alternativas emancipatórias) narradas por essas mulheres.</p>

Durante os GDs, o tópico-guia auxiliou na condução das temáticas das conversas. Procurei intervir o mínimo possível e seguir as sugestões de Weller quanto à postura do/a pesquisador/a:

Estabelecer um contato recíproco com os entrevistados e proporcionar uma base de confiança mútua;
 Dirigir a pergunta ao grupo como um todo e não a um integrante específico;
 (...)
 Permitir que a organização ou ordenação das falas fique a encargo do grupo;

Fazer com que a discussão seja dirigida pelo grupo e que seus integrantes escolham a forma e os temas do debate;
Intervir somente quando solicitado ou se perceber que é necessário lançar outra pergunta para manter a interação do grupo. (WELLER, 2013, p. 60-61)

As orientações permitiram o protagonismo das mulheres nas discussões, além de suavizar a tensão e a timidez inicial observada em algumas entrevistadas. Não segui à risca o tópico-guia, já que em alguns momentos de um assunto discutido surgiam proximidades com outras questões do próprio bloco temático ou de outro, que ainda não havia sido iniciado.

4.1.2 Realização dos GDs

Os três grupos de discussão foram realizados no mês de julho e agosto e, para ambos, construiu-se um quadro circunstancial, contemplando, como sugerido por Weller (2013) (p. 80) “as informações relativas ao contexto que levou à realização do grupo de discussão”. O formato dos quadros seguiu o modelo encontrado em Becker (2014, p. 87).

Tabela 2 - GD1 – Quadro Circunstancial

Data de entrevista: 28 de junho de 2016.
Local da entrevista: Sede da Associação do Clube de Mães Santa Rita de Cássia
Participantes da discussão: Iris, Lis e Lavanda
Entrevistadora: Paula Cervelin Grassi
Descrição das circunstâncias na qual ocorreu a entrevista: Inicialmente, organizou-se um semicírculo ao redor da mesa central na sala cedida para a entrevista. Trata-se de um espaço com uma mesa ao centro, janelas e uma sacada utilizada especialmente pela presidenta e tesoureira. Após a chegada das entrevistadas e todas já sentadas para a conversa, a entrevistadora apresentou o funcionamento do grupo de discussão, bem como da utilização do gravador. Durante a entrevista, a responsável pela rifa da tarde entrou na sala duas vezes para oferecer números às entrevistadas.
Duração total do GD1: 00:55:30

Tabela 3 - GD2 – Quadro Circunstancial

Data de entrevista: 12 de julho de 2016.
Local da entrevista: Sede da Associação do Clube de Mães Santa Rita de Cássia
Participantes da discussão: Malva, Iara, Dália e Tulipa
Entrevistadora: Paula Cervelin Grassi
Descrição das circunstâncias na qual ocorreu a entrevista: Inicialmente, organizou-se um semi-círculo ao redor da mesa central na sala cedida para a entrevista. Trata-se de um espaço com uma mesa ao centro, janelas e uma sacada utilizada especialmente pela presidenta e tesoureira. Após a chegada das entrevistadas e todas já sentadas para a conversa, a entrevistadora apresentou o

funcionamento do grupo de discussão, bem como da utilização do gravador.
Duração total do GD2: 00:48:42

Tabela 4 – GD3 – Quadro circunstancial

Data de entrevista: 02 de agosto de 2016.
Local da entrevista: Sede da Associação do Clube de Mães Santa Rita de Cássia
Participantes da discussão: Sálvia, Linhaça e Macela
Entrevistadora: Paula Cervelin Grassi
Descrição das circunstâncias na qual ocorreu a entrevista: Inicialmente, organizou-se um semi-círculo ao redor da mesa central na sala cedida para a entrevista. Trata-se de um espaço com uma mesa ao centro, janelas e uma sacada utilizada especialmente pela presidenta e tesoureira. Após a chegada das entrevistadas e todas já sentadas para a conversa, a entrevistadora apresentou o funcionamento do grupo de discussão, bem como da utilização do gravador.
Duração total do GD3: 00:45:30

Os quadros foram elaborados após a realização GDs e, segundo Márcia Becker (2014, p. 87) são “importantes para a compreensão das circunstâncias nas quais ocorrem os GDs e para o entendimento da realização da própria pesquisa”.

Cabe destacar que foram presenciados durante os grupos de discussão os proveitos obtidos por meio deste método apresentado por Weller (2013). Segundo a autora, quando participantes do grupo de discussão são do mesmo meio social, sentem-se “mais à vontade para utilizar seu próprio vocabulário durante a entrevista, desenvolvendo, dessa forma, um diálogo que reflete melhor a realidade cotidiana” (WELLER, 2013, p. 61). Embora haja a presença do/a pesquisador/a, tal método permite aos/às integrantes ao longo da entrevista “diálogos interativos bastante próximos daqueles desenvolvidos em um outro momento” (WELLER, 2013, p. 61). Em todos os GDs, houve diálogos paralelos referentes à temática que estava sendo discutida, com uma postura das integrantes que recordava a roda de trabalhos manuais formada na sala principal da sede do Clube em todas as terças-feiras. São detalhes do convívio cotidiano que, possivelmente, através de outra metodologia não seria possível perceber.

4.1.4 O método documentário para a análise dos GDs

Weller (2006, 2013) se utiliza do método documentário, adaptado por Ralf Bohnsack⁸, por meio das ideias do sociólogo alemão Karl Mannheim.

Bohnsack integra em seu método de interpretação dos grupos de discussão tanto a perspectiva 'interna' – que visa reconstruir o modelo de orientação por meio do qual os integrantes do grupo interagem e verificam a emergência e a processualidade dos fenômenos interativos –, como a perspectiva 'externa', voltada para a análise da representatividade desses fenômenos interativos em uma determinada *estrutura*. (WELLER, 2006, p. 246)

A interpretação documentária, conforme Weller (2013), parte de teorias ou metodologias desenvolvidas ou incorporadas de forma reflexiva durante o processo da pesquisa, ou seja, não foram elaboradas previamente, mas no decorrer da coleta e análise dos dados empíricos:

A reconstrução constitui uma das principais ferramentas do método documentário de interpretação, diferenciando-se, desta forma, de outras abordagens qualitativas e/ou métodos "standardizados", que se caracterizam pela elaboração prévia de hipóteses e pela verificação ou comprovação destas no processo de interpretação. (WELLER, 2013, p. 72)

O objetivo da análise documentária é a descoberta ou a indicialidade dos espaços sociais de experiências coletivas do grupo pesquisado, a reconstrução de suas visões de mundo e padrões de orientações de suas ações práticas. Cabe ao/a pesquisador/a interpretar tais contextos sociais e modelos que orientam a ação dos sujeitos.

Para a análise dos grupos de discussão, o método documentário utiliza-se de três etapas: interpretação formulada, interpretação refletida e a interpretação comparativa. Quanto aos dois primeiros passos, conforme Weller:

A diferença metodológica entre o sentido imanente e o sentido documentário, ou seja, entre uma observação de primeira e de segunda ordem, tem como consequência a distinção de dois passos de trabalho claramente delimitados durante a prática de pesquisa ou processo de interpretação. Trata-se de explicitar onde e até que ponto a interpretação ou explicação conceitual realizada pelos pesquisados foi simplesmente reformulada pelo pesquisador ou intérprete (interpretação formulada), e, em segundo momento, de verificar a partir de que ponto as interpretações

⁸ Ralf Bohnsack é doutor em Sociologia pela Universidade de Bielefeld e livre docente pela Universidade ErlangenNürnberg. É professor da Universidade Livre de Berlim desde 1990. Adaptou o método documentário apresentado por Mannheim nos anos de 1921/22.

resultam da reflexão do pesquisador sobre as evidências implícitas relativas ao conhecimento dos entrevistados (interpretação refletida). (WELLER, 2013, p. 81).

Quanto à interpretação comparativa, envolve a comparação com outros grupos semelhantes, ou seja, uma análise comparativa de um tema comum e suas discussões por diferentes grupos. Esta etapa, contudo, não será desenvolvida nesta pesquisa, pois necessitaria da inclusão de outros clubes de mães.

4.1.5 Interpretação formulada

Conforme Weller (2013), a interpretação formulada procura “compreender o sentido imanente das discussões e decodificar o vocabulário coloquial” (p. 81). O/a pesquisador/a “descreve o que foi dito pelas informantes, trazendo o conteúdo dessas falas para uma linguagem que também poderá ser compreendida por aqueles que não pertencem ao meio social pesquisado” (p. 81). Inicialmente, são identificados e organizados os temas e os subtemas discutidos durante o GD e a anotação do tempo de duração de cada uma dessas temáticas. Nessa mesma etapa, detalha-se se uma questão introduzida pelo/a pesquisador/a ou inseridas por integrantes do grupo, permitindo a observação do envolvimento das entrevistadas na conversa sobre o tema. Em seguida, transcrevem-se as temáticas do GD que serão analisadas, embora na presente pesquisa se optasse pela transcrição na íntegra. Por fim, é/foi realizada a decodificação do vocabulário coloquial.

Segue abaixo a organização temática de cada GD.

Tabela 5 – Organização temática GD1

Pergunta inicial: <i>Sobre o símbolo que vocês trouxeram simbolizando o grupo, contem um pouco por que o escolheram, seus significados.</i>		
Duração da pergunta: 00:00.0 – 00:01:03		
Tempo	Tema	Subtema
00:01:03 - 00:07:51	Símbolo <i>Introduzido pela entrevistadora</i>	Participação do Clube na Festa da Uva <i>Introduzido pela Iris</i> Feira na Praça Dante <i>Introduzido pela Lavanda</i>
00:07:51 – 00:20:33	História do grupo <i>Introduzido pela Lavanda</i>	Terreno <i>Introduzido pela Lavanda</i> Arrecadação para fazer a creche e a sede do clube <i>Introduzido pela Iris</i>

		<p>Realização das gincanas para arrecadação <i>Introduzido pela Lídia</i></p> <p>Sede/Creche, Posto de Saúde, Área Administrativa <i>Introduzido pela Lavanda</i></p> <p>Participação do Clube na Festa da Uva <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>O grupo no seu início <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Comparação dos trabalhos manuais “ontem e hoje” <i>Introduzido pela Lis</i></p>
00:20:33 – 00:36:15	<p>Relação com a comunidade <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p>	<p>Importância para a cidade e o bairro <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Ajuda às entidades <i>Introduzido pela Lis</i></p> <p>Associação de Bairros e a relação com o Clube de Mães <i>Introduzido pela Lavanda</i></p> <p>Doações feitas – entrega às entidades; contato ou não contato do Clube com as pessoas que recebem as doações <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Problematização acerca da pobreza social <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Bolsa Família <i>Introduzido pela Lavanda</i></p> <p>Problematização das doações do Clube após as opiniões dadas sobre a pobreza <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p>
00:36:15 – 00:48:07	<p>Participação de cada uma no clube <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p>	<p>Amizade entre as integrantes <i>Introduzido pela Lavanda</i></p> <p>Trabalho esforçado das mulheres para construir a sede <i>Introduzido pela Iris</i></p> <p>A vida antes e depois do grupo <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Dona de casa <i>Introduzido pela Lis</i></p> <p>Reação da família quanto à participação no Clube <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Dona de casa <i>Introduzido pela Lis</i></p> <p>Aprendizagens com o grupo <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>O grupo como apoio a momentos difíceis na vida <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p>

00: 48:07 00:55:30	<p align="center">Trabalhos manuais <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p>	<p>Reflexão acerca da quantidade e valor (\$) de doações que são feitas e já foram <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Famílias que se “encostam” no governo <i>Introduzido pela Lavanda</i></p> <p>Processo de criação de cada produto artesanal <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p>
--------------------------	---	---

Tabela 6 – Organização temática GD2

<p>Pergunta inicial: <i>Sobre o símbolo que vocês trouxeram simbolizando o grupo, contem um pouco por que o escolheram, seus significados. Quem não trouxe, se pudesse escolher um objeto, qual seria e por quê?</i></p> <p>Duração da pergunta: 00:00.0 – 00:00:56</p>		
Tempo	Tema	Subtema
00:00:56 - 00:15:46	<p align="center">Símbolo <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p>	<p>Clube de Mães quando acontecia numa sala da paróquia <i>Introduzido pela Dália</i></p> <p>Ligação com a Cáritas (antes de ser formado o Clube de Mães) <i>Introduzido pela Dália</i></p> <p>Símbolo <i>Retomado pela entrevistadora</i></p> <p>Participação do Clube na Festa da Uva <i>Introduzido pela Malva</i></p> <p>Reportagens em jornais/TV da cidade sobre a participação do Clube na Festa da Uva <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Feira na Praça Dante <i>Introduzido pela Dália</i></p> <p>Uniforme do Clube de Mães na Festa da Uva (identidade) <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Participação do Clube nos desfiles da Festa da Uva <i>Introduzido pela Dália</i></p>
00:15:46 – 00:28:16	<p align="center">Relação com a comunidade <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p>	<p>Importância para a cidade e o bairro <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Clube de Mães, como espaço de acolhimento das mulheres que não saem de casa <i>Introduzido pela lara</i></p> <p>Clube de Mães, entidade que ajuda as pessoas <i>Introduzido pela lara</i></p> <p>Doações feitas – entrega às entidades; contato ou não contato do Clube com as pessoas que recebem as doações <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p> <p>Ajuda (doações) do Clube de Mães aos</p>

		imigrantes atuais da cidade (senegaleses e haitianos) <i>Introduzido pela Malva</i> Problematização acerca da imigração <i>Introduzido pela entrevistadora</i> Paralelo estabelecido entre a imigração italiana e as atuais (senegaleses e haitiano) <i>Introduzido pela Malva</i>
00:28:16 – 00:48:42	Participação de cada uma no clube <i>Introduzido pela entrevistadora</i>	Amizade entre as integrantes <i>Introduzido pela Malva</i> A vida antes e depois do grupo <i>Introduzido pela entrevistadora</i> Situações embaraçosas que o grupo já passou <i>Introduzido pela Malva</i> A importância do Clube de Mães para as mulheres <i>Introduzido pela entrevistadora</i> Reação da família quanto à participação no Clube <i>Introduzido pela entrevistadora</i> O grupo como apoio a momentos difíceis na vida <i>Introduzido pela Dália</i> Igreja Católica e seus espaços para mulheres – protagonismo <i>Introduzido pela entrevistadora</i> Nome do Clube: Santa Rita de Cássia <i>Introduzido pela entrevistadora</i> Clube de mães: terapia para a saúde mental das mulheres <i>Introduzido pela entrevistadora</i>

Tabela 7 - Organização temática GD3

Pergunta inicial: <i>Como vocês iniciaram no Clube de Mães? Como vieram a participar do grupo?</i> Duração da pergunta: 00:00.0 – 00:00:26		
Tempo	Tema	Subtema
00:00:26 - 00:14:19	Participação de cada uma no clube <i>Introduzido pela entrevistadora</i>	Amizade entre as integrantes <i>Introduzido pela Linhaça</i> A vida antes e depois do grupo <i>Introduzido pela entrevistadora</i> Reação da família quanto à participação no Clube <i>Introduzido pela entrevistadora</i>

<p>00:14:19 – 00:45:30</p>	<p>Relação com a comunidade <i>Introduzido pela entrevistadora</i></p>	<p>Importância para a cidade e o bairro <i>Introduzido pela entrevistadora</i> Participação do Clube de Mães na Festa da Uva <i>Introduzido pela Sálvia</i> Comercialização atual dos produtos artesanais <i>Introduzido pela Sálvia</i> Problematização acerca das doações e o Estado que não cumpre seu papel <i>Introduzido pela entrevistadora</i> Doações feitas – entrega às entidades; contato ou não contato do Clube com as pessoas que recebem as doações <i>Introduzido pela entrevistadora</i> Problematização acerca das doações e o Estado que não cumpre seu papel <i>Retomado pela Macela</i> Solidariedade entre as mulheres – as mulheres se ajudam porque já passaram por dificuldades semelhantes uma das outras <i>Introduzida pela Macela</i> Problematização acerca da solidariedade entre as mulheres <i>Retomado pela entrevistadora</i> Problematização acerca do cotidiano das mulheres e suas jornadas de trabalho <i>Retomado pela entrevistadora</i> Culpa que as mulheres carregam <i>Retomado pela Macela</i> Perda (falecimento) de integrantes do Clube <i>Retomado pela entrevistadora</i></p>
------------------------------------	---	--

Após a organização temática, o conteúdo de cada grupo de discussão foi transcrito na íntegra, embora Weller (2006, 2013) sugira que se faça apenas a transcrição dos temas escolhidos para análise. Optou-se, porém, por analisar os GDs na totalidade, visto que toda a discussão girou em torno de assuntos propostos a partir dos objetivos da pesquisa.

Na transcrição foram utilizados alguns códigos para identificar aspectos que fazem parte da interação entre as entrevistadas, como falas pronunciadas de formas enfáticas, silêncios, conversas paralelas e risadas. A adoção de tais códigos busca registrar o mais próximo possível o que é falado. Os códigos e suas legendas basearam-se no modelo encontrado em Weller (2013, p. 258) e Becker (2014, p. 88).

- (2) o número entre parêntesis expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos);
- (.) um ponto entre parêntesis expressa uma pausa inferior a segundo;

- Exemplo: palavra(s) pronunciada(s) de forma enfática é(são) sublinhada(s);
- **Exemplo**: palavra(s) pronunciada(s) em voz alta é(são) colocada(s) em negrito;
- [exemplo]: palavra(s) pronunciada(s) em um tom de voz baixo é(são) colocada entre colchetes;
- # uma cerquilha (conhecido popularmente como jogo da velha) expressa uma palavra ou frase que não foi compreendida;
- (<<<<<) o sinal entre parêntesis é usado quando mais pessoas falam ao mesmo tempo e não foi possível identificar o que foi falado;
- * asterisco é usado quando uma fala é interrompida por outra(s);
- @ sinal de arroba no meio da frase é usado na ocorrência de uma risada inferior a um segundo;
- @2@ número entre sinais de arroba expressa a duração de risos;
- @exemplo@: palavra(s) pronunciada(s) em meio a risos são colocadas entre arrobas;

Após a transcrição dos GDs, ocorreu a decodificação do vocabulário coloquial das discussões, isto é, a reescrita em linguagem culta do que foi dito pelas participantes dos grupos.

A fim de exemplificar os passos, apresento abaixo um excerto da transcrição de uma parte da primeira temática do GD1 e, em seguida, a interpretação formulada desse excerto:

Tabela 8 – Amostra de um excerto da transcrição do GD1

<p>1.Entrevistadora: Então, antes da gente falar mais da história, eu queria conversar com 2.vocês sobre os símbolos que vocês trouxeram que representa o grupo para contar um 3.pouco sobre este símbolo. Por que trouxeram esse símbolo? Cada uma pode contar um 4.pouco do por que trouxe esse símbolo.</p> <p>5.Iris: Esse símbolo então é do clube de mães quando nós participava da Festa da Uva, 6.que nós fazia os <u>pasteis</u> (2) então nós usava esse <u>uniforme</u> (2). Um uniforme pra nós 7.trabalhar e nós sempre tivemos um uniforme social então (3). Trouxe o que nós 8.trabalhava, tem um lilás e esse branco e também trouxe as fotos né que nós 9.participamos de várias festas da uva (3)</p> <p>10.Entrevistadora: Ah esse aqui eu vi na reportagem do pioneiro (2) Eu não sei se tu quer 11.conversar Iris um pouco sobre como foi a participação de vocês, se vocês querem 12. comentar um pouco de como foi a participação na Festa da Uva.</p> <p>13.Lis: Era trabalhoso, mas era <u>gratificante</u> (2) a gente ganhava pouco mas se</p>

14. @divertia@.

15. Iris: Mas olha o maior sentimento foi deles, de nós não consegui mais a réplica, depois
16. que entrou esse prefeito. (<<<<<) queria cobrar um ano inteiro (2) pra nós paga o ano
17. todo né pra nós conseguir ficar com a réplica. (2) mas tu trabalha quinze dias e vai pagar
18. doze meses (2) isso é abuso.

19. Entrevistadora: E vocês deixaram daí de participar esse ano em função...*

20. Iris: nós deixamos de participar dessas duas festas devido isso, ele queria cobrar
21. doze meses aonde nós trabalhávamos quinze dias e nos deixava aquilo muito limpo
22. bem, nós sempre cuidamos direitinho mas simplesmente aconteceu.

23. Lavanda: Eles, eles, acusaram que a gente tinha que deixar aberto o ano inteiro (3)
24. porque tem muitos turistas que vem (<<<<<) diz agora que tem os gaúchos que tão lá.

25. Entrevistadora: aqueles grupos ficam o ano inteiro e vocês também tem que ficar lá.

26. Lavanda: Sim mas quem ia ver?

27. Entrevistadora: E é vazio lá durante o ano? Tem algum outro evento mas.. *

28. Lis: Sim, sim (<<<<<) é que no inverno não tem o que mostrar na festa da uva, vai
mostrar o que?

29. Iris: ninguém vai

Tabela 9 – Interpretação formulada corresponde ao quadro anterior

Linhas 1 – 4: [pergunta inicial] Inicialmente, a entrevistadora convida as mulheres participantes da conversa a justificarem a escolha dos símbolos que trouxeram e que representam o clube de mães para cada uma delas.

Linhas 5 – 38: [tema: símbolo, subtema: participação na festa da uva]: Iris inicia respondendo que trouxe um uniforme do Clube de Mães Santa Rita de Cássia de participação em uma das edições da Festa da Uva, além de fotos da presença do grupo no mesmo evento ao longo dos anos. A entrevistadora provoca Iris e as outras informantes a contarem como era a participação do Clube nesse espaço. Para Lis era trabalhoso, ganhava-se pouco, mas era gratificante e divertido. Em seguida, Iris tristemente comenta que não participaram das últimas duas edições após a entrada do atual prefeito, pois queria cobrar aluguel da réplica (espaço onde o clube ficava) pelo ano inteiro e não somente durante o período da Festa (15 dias de fevereiro). Para ela, isto é um absurdo, ainda mais para elas, que sempre cuidaram “direitinho” do local. Lavanda complementa, dizendo que a prefeitura queria que o grupo ficasse lá não só na Festa da Uva, mas o ano inteiro, pois há turistas em outros períodos. Por isso, deveriam pagar aluguel por doze meses. Porém, as três defendem-se alegando que durante o ano não há movimentação de pessoas no local.

A decodificação da linguagem coloquial para a linguagem culta, como exemplificada acima, será utilizada na próxima etapa de análise e permitirá ao/à leitor/a maior entendimento dos dados coletados dos GDs.

4.1.6 Interpretação refletida

Enquanto que, na interpretação formulada, se busca compreender o sentido imanente das discussões nos grupos e decodificar a linguagem, na interpretação refletida a observação é de segunda ordem, “no qual o pesquisador realiza suas interpretações, podendo recorrer ao conhecimento teórico e empírico adquirido sobre o meio pesquisado” (WELLER, 2006, p. 251). Neste o/a pesquisador/a analisa o que orienta e motiva as discussões e as ações dos indivíduos e do grupo pesquisado.

Para a realização desta etapa, partiu-se do quadro de organização temática de cada GD da interpretação formulada. A partir dos temas do quadro, organizaram-se três eixos de análise e dos subtemas, os pontos específicos de cada eixo. No quadro abaixo, segue a organização dos eixos e seus pontos específicos de análise.

Tabela 10 – Eixos e pontos de análise

Eixos de análise	Pontos específicos de cada eixo análise
História do Clube de Mães Santa Rita de Cássia	<ul style="list-style-type: none"> • O Clube de Mães antes da sede • A construção e inauguração da sede, da creche e da unidade básica de saúde • Nome do Clube: Santa Rita de Cássia • Participação do Clube de Mães na Festa da Uva
Trabalhos manuais artesanais: doações e comercialização	<ul style="list-style-type: none"> • As doações e a solidariedade das mulheres • As doações e a pobreza social • Comercialização
As aprendizagens narradas	<ul style="list-style-type: none"> • Clube de Mães, espaço de companheirismo • A vida antes e depois do Clube de Mães: terapia, reconhecimento, confiança em si mesma, desinibição.

Para a análise refletida, seguir-se-á esse quadro, analisando, a partir da interpretação formulada, cada eixo com seus pontos específicos.

4.2 História do Clube de Mães Santa Rita de Cássia

A História do Clube de Mães Santa Rita de Cássia foi tema dos três grupos de discussão, ora provocado pela própria pesquisadora, ora narrado inicialmente pelas próprias mulheres participantes. Trouxeram-se, para a roda, aspectos, detalhes, pontos de vista, fatos, acontecimentos dos mais de 40 anos do grupo. Memórias de vidas que se misturam com a vida do Clube de Mães.

4.2.1 O Clube de Mães antes da sede

Durante a observação participante realizada no Clube de Mães Santa Rita de Cássia, fui informada que o grupo, nos seus primórdios, se reunia numa sala da paróquia local, São José. A sede atual foi construída posteriormente. Na conversa com o GD2, soube de uma fase ainda anterior à da paróquia:

Dália, em resposta à entrevistadora quanto ao tempo de participação no Clube, responde que está desde que foi fundado, anteriormente ainda aos tempos que acontecia na paróquia da comunidade. Segundo a informante, o grupo inicialmente era ligado à Cáritas Diocesana e se reunia na primeira escola do bairro. As mulheres participantes aprendiam a costurar roupas e visitavam doentes. Dália acrescenta que buscavam roupas e alimentos na sede da Cáritas, próxima a antiga loja Guarani na rua Pinheiro Machado, centro de Caxias do Sul. Depois organizavam os mantimentos para distribuir às pessoas carentes do bairro. A entrevistadora indaga o ano que o grupo iniciou. Dália não recorda o ano, mas aponta que foi na época do Clube Esporte São José. Malva responde que foi há mais de 40 anos atrás, antes ainda da morte da sua irmã em 1974. Malva comenta, também, que sua irmã participava do grupo, quando se reuniam na escola. A entrevistadora indaga a partir desse relato, se as mulheres que participaram do grupo quando ligada à Cáritas vieram a fundar o atual Clube de Mães. Malva e Dália confirmam que sim (GD2, interpretação formulada, linhas 12-44).⁹

A informação de que o Clube de Mães era, primeiramente, um grupo ligado à Cáritas da Diocese de Caxias do Sul, conflui com a história de muitos Clubes de Mães no Brasil. Como apontado por Maria Conceição Silva Rodrigues (2011, p. 64), em sua gênese, “os clubes possuíam uma relação estreita ou mesmo indissociável com a Igreja Católica”. Tanto a pesquisa de Rodrigues (2011) quanto de Maria

⁹ Ao final de cada excerto da análise formulada está indicado entre parêntesis a qual GD se refere e suas linhas correspondentes.

Salete Joaquim (2013), apontam que os clubes de mães eram voltados à assistência de famílias pobres, dinamizados por profissionais da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e da Cáritas Brasileira.

A Cáritas Brasileira, segundo um informativo oficial é:

um organismo de pastoral social e de assistência social da CNBB, criado em 1956. A Cáritas faz parte de uma rede mundial que atua em 198 países. (...) Trata-se de uma rede de pessoas solidárias que trabalham de forma organizada junto aos empobrecidos, motivados pela mística cristã. Ela é um organismo de Pastoral Social da comunidade eclesial para dinamizar, articular e animar a prática da partilha e da solidariedade entre os cristãos. É uma maneira de viver comunitariamente, de forma organizada, a evangélica opção preferencial pelos pobres. É importante destacar, para entender o papel inicial da Cáritas, que sua criação se deu ainda num contexto em que o serviço social era visto como um amenizador das chagas sociais do capitalismo.¹⁰

Inicialmente, seu caráter era assistencialista. Depois “apoiado nas orientações sociais do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín”¹¹ passou a focar a promoção humana.

Em Caxias do Sul, iniciou os trabalhos em 1967. No entanto, anteriormente era uma entidade chamada Ação Recuperada Social¹², criada em junho de 1949.

No caso do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, não há documentos que comprovam essa ligação inicial do grupo com a Cáritas. Infelizmente, não foram encontrados arquivos da época, tanto na atual sede da Cáritas da Diocese de Caxias do Sul, quanto no Clube de Mães. No entanto, conclui-se a influência da organização católica como estimuladora inicial dos trabalhos solidários então continuados pelas mulheres. Conforme Anjos (2008, p. 519), “a partir do estímulo inicial ao trabalho comunitário dado pelos agentes religiosos (...), as mulheres ‘vão se descobrindo aos poucos’ como capazes de liderar, e vão tomando para si ou recebendo outras atribuições”.

O ano exato de transferência da escola para a paróquia, bem como o da fundação do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, é desconhecido pelas informantes. No entanto, a partir das discussões tanto nos GDs, como nas conversas durante a observação participante, conclui-se que no início dos anos 80 o grupo já se reunia numa sala paroquial da comunidade. Foi também nos anos 80

¹⁰ Cf. site: <http://caritascaxias.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>

¹¹ Cf. site: <http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico>

¹² Cf. site: <http://caritascaxias.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>

que houve a participação do Clube na Feira da Praça Dante Alighieri, praça central de Caxias do Sul:

Lavanda comenta que o Clube participou por muitos anos da Feira da Praça Dante Alighieri, com seus trabalhos manuais como tricô e crochê. Ela também comenta que as edições dessa feira aconteceram por volta de 85, 86. Para Lavanda, as feiras na Praça Dante eram trabalhosas, enquanto a participação do Clube na Festa da Uva, anos depois, era uma diversão. Lis recorda que o objetivo principal da participação nessa feira era pra arrecadar fundos para construir a sede (GD1, interpretação formulada, linhas 61-73).

Dália comenta que, o que marcava o Clube de Mães há muitos anos atrás era a participação na Feira da Praça Dante. Na ocasião, faziam toalhas, crochê, tricô para arrecadar fundos e assim construírem a sede (GD2, interpretação formulada, linhas 143-145).

A participação na Feira da Praça Dante Alighieri do Clube de Mães Santa Rita de Cássia foi uma das muitas ações promovidas pelo grupo na arrecadação de fundos para a construção do prédio (sede). Pontos que serão descritos e analisados.

4.2.2 A construção e inauguração da sede, da creche e da unidade básica de saúde

Após a transferência da escola para a sala paroquial do Clube, as mulheres passaram a sonhar com um prédio próprio: a futura sede do grupo. As informantes, especialmente do GD1, destacaram as muitas ações realizadas para a conquista da tão desejada sede. E não somente para este novo espaço. Simultaneamente, as mães do Clube também se envolveram na construção da primeira creche do bairro, do Posto de Saúde (atual Unidade Básica de Saúde) e da sede da Associação de Moradores do Bairro (Amob) Desvio Rizzo.

Lavanda recorda que assim que entrou no Clube por volta dos anos 80, a então presidenta Iris disse a ela que o sonho do Clube era construir uma creche e uma sede. Lavanda naquela conversa questionou como iriam construir, se ainda não tinham um terreno. A informante ainda disse que após o terreno ter sido doado, conversaram com um senhor (conhecido do grupo) para ser o mestre de obras e que este levou um susto ao deparar-se com a baixa quantia de dinheiro em caixa para começar a obra. Iris lembra que na época em que era presidenta, foi uma tremenda correria, pois teve que lidar com muitos papeis para retirar uma quantia em dinheiro, doado pelo Estado do Rio Grande do Sul e assim iniciar as obras. A quantia, no entanto, era suficiente apenas para começar a

construção. Assim, segundo Iris, mais animadas com o dinheiro ganho, passaram a fazer ações para arrecadar materiais de construção e dinheiro para a obra, como a participação na Feira da Praça Dante. Conforme Lavanda, vidros e sacos de cimentos eram solicitados à comunidade para doação. O Clube também passou a visitar as famílias residentes no bairro convidando-as para doarem qualquer quantia em dinheiro, até mesmo centavos (GD1, interpretação formulada, linhas 74-116).

Durante a observação participante, meses anteriores aos GDs, quando indagadas sobre a história do Clube, uma das mães prontamente discorreu sobre as ações planejadas pelo grupo para arrecadar dinheiro e doações de materiais, como tijolos e cimentos, na construção dos locais mencionados. Foram realizados mais de 50 almoços e jantas em uma década, e elas mesmas não sabem como alcançaram os resultados: *“Nem sei como nós conseguimos (sic)”*.

A dedicação das mães do Clube sensibilizou lideranças do bairro, que passaram a envolver-se ao empenho do grupo para a construção do conjunto das obras, como contam as participantes do GD1:

Segundo Lavanda, de tanto esforço do Clube e também com a possibilidade de não conseguirem juntar dinheiro o suficiente para a construção da creche e da sede, lideranças da comunidade, como catequistas, reuniram-se para ajudar. Assim, idealizaram uma gincana anual no bairro com o objetivo de reunir materiais de construção para a futura creche e sede do Clube. Ainda de acordo com Lavanda, era arrecado ferro para venda e o dinheiro repassado ao grupo. Antes, no entanto, de ser vendido, o ferro era guardado no terreno de Lavanda. A informante recorda que chorava ao ver chegar os caminhões carregados de ferro em sua casa e que também fez muitos bolos para a meninada que participava da gincana. Lavanda comenta que além de líderes da comunidade, a então vereadora Rosane Nascimento e a associação do bairro também ajudaram muito. A vereadora, por exemplo, ajudava mensalmente com um valor. Ela também recorda quando o Clube realizou uma rifa de um carro e de uma moto. Conforme Iris, elas iam duas vezes por semana na praça da paróquia local para vender números. Rindo, Lavanda diz que tinham convidado duas jovens mulheres para ajudar na venda e que ao final, conseguiram arrecadar uma boa grana. Em tom contemplativo, ela rememora que em três anos e meio construíram um prédio de dois andares (creche e sede), a área administrativa e o posto de saúde. Iris concorda, admirando que tudo isso foi fruto do trabalho do clube de mães. (GD1, interpretação formulada, linhas 117-165).

A experiência do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, ao reivindicar a creche e os outros espaços, confluiu com a história de outros Clubes de Mães. Maria da

Conceição Silva Rodrigues (2011), fala dos os clubes nas periferias paulistas das décadas de 70 e 80 e suas ligações com os movimentos populares. Cita o artigo “Movimentos Sociais: a face feminina”¹³ de Heleieth Saffioti, no qual a socióloga, ao analisar os movimentos sociais no Brasil no mesmo período, ressalta as mobilizações dos Clubes de Mães na reivindicação por escolas, creches e redução nos preços dos alimentos.

Ainda quanto ao Clube de Mães analisado, embora lideranças comunitárias se engajassem no trabalho, e embora as mulheres do grupo e mobilizassem mais pessoas, parte da população moradora no bairro ignorou e até desprezou as ações. Na observação participante, uma das integrantes mencionou que “*eles não podiam mais nem enxergar nós pra construir tudo isso*”.

O pouco-caso com o Clube e desconsideração com o engajamento das mulheres em questões públicas, pode levar-nos a fazer diversas perguntas. Se fossem homens, seriam menosprezados? Se não há uma participação efetiva das mulheres na política, por que, quando protagonistas são desvalorizadas?

Historicamente, as mulheres quando nos seus papéis de *madresposa*, foram excluídas da participação civil e política. Trata-se de uma exclusão intencional, vinculada à opressão das mulheres na esfera privada e à valorização dos homens na esfera pública. Os resultados se estendem até os dias atuais e respondem parte das interrogações manifestadas:

As atividades coletivas e públicas das mulheres tendem ainda hoje a ser qualificadas como fruto de um engajamento social ou moral, mas não político. Numerosos estudos de cunho feminista sublinham o fato de que a participação política feminina ou é fortemente subestimada ou, quando parece indiscutivelmente superior à masculina, é considerada um engajamento moral mais do que político (ROSSI-DÓRIA apud EGGERT, 2005, p. 126).

Embora ao longo dos séculos, tenha havido conquistas das mulheres no campo público, a participação das mulheres é ainda insuficiente e não efetiva na vida política e civil (EGGERT, 2005, p. 125).

Para Maria Jane Carvalho, a cidadania, “como reivindicação maior das mulheres no processo da democracia, (...) acontece no cotidiano de encontros em pequenas comunidades; acontece silenciosamente em muitos gestos que, para

¹³ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Movimentos Sociais: a face feminina. In: CARVALHO, N. V. de (Org.). *A condição feminina*. São Paulo:Vértice, 1988.

alguns olhares desatentos, pode até não parecer importantes” (CARVALHO apud EGGERT, 2005, p. 129). São afirmações que reforçam o desmerecimento de parte da comunidade local ao gesto de dedicação do Clube de Mãe Santa Rita de Cássia em conquistar espaços, posteriormente usufruídos pela própria população do bairro.

No entanto, a cooperação de lideranças comunitárias do bairro, como catequistas, na construção dos prédios desejados, pode ser interpretada como um reconhecimento às mães do Clube, já que eram conhecidas suas ações em prol da comunidade. Possivelmente, também um consentimento subjetivo a uma atuação das mulheres, construída pela Igreja Católica, socialmente consagrada no espaço público. Segundo Anjos (2008):

O “cuidado das crianças” e da “comunidade” materializados nas “lutas” por creches, escolas, postos de saúde, saneamento, luz elétrica podem ser entendidos como uma forma de enquadramento da atividade feminina na, e a partir da, Igreja, impondo uma concepção de condição feminina: a mulher como ligada ao cuidado, à criação e à maternidade (ANJOS, 2008, p. 526).

Os esforços resultaram na construção dos espaços idealizados. Em 1992 foi inaugurada a creche comunitária e a sede do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, como registrado pela imprensa local na época:

Reportagem sobre a inauguração do prédio do Clube de Mães Santa Rita de Cássia no Jornal *Pioneiro*, 15 de junho de 1992.



Fonte: Jornal *Pioneiro*

A então vereadora Rosane Nascimento, citada pelas informantes no GD1, ressalta, na reportagem, que “muitas mães envelheceram, pois a creche e o Clube de Mães eram sonhos de dez anos” (PIONEIRO, 1992, p. 13). A obra, fruto da parceria entre a comunidade Desvio Rizzo e o Poder Público Municipal, como mencionado pela fonte, foi, inaugurada, pois, para a alegria daquelas que batalharam por anos pela sua concretização.

4.2.3 Nome do Clube: Santa Rita de Cássia

Ao entrar na sede do Clube, avista-se rapidamente na sala principal, uma escultura da santa que dá o nome ao grupo. Santa Rita de Cássia, a santa das causas impossíveis, foi inspiração das mulheres ao fundarem sua associação. Inspiração essa fruto da devoção, possivelmente suscitada no processo imigratório da região, dada a força do catolicismo entre as famílias italianas.

Segundo conversa com as integrantes, ainda na década de oitenta decidiram dar o nome da santa ao grupo. Conforme Íris, durante a observação participante, a irmã de Tulipa, já falecida, era devota de Santa Rita e sugeriu o nome. No momento que escolhiam estavam insatisfeitas com outros dois títulos que haviam pensado,

pois não tinham significado sagrado e então a familiar de Tulipa recomendou Santa Rita de Cássia. Todas as presentes concordaram e deram este nome para o Clube.

A santa nascida na Itália em 1381¹⁴ casou-se contrariada com Paolo Ferdinando, um jovem violento com quem teve filhos. Com muita paciência e resignação, dedicou-se à oração para acalmar a bruteza do marido, convertendo-o a uma vida sem violência. Entretanto, decorrente de suas antigas rixas na cidade, Ferdinando foi assassinado. Os filhos juraram vingar a morte do pai, ódio que levou a mãe a orar mais ainda, para que não cometessem pecado mortal. A graça foi alcançada e os filhos perdoaram o assassino, porém haviam ficado muito doentes, morrendo em seguida. Após a morte dos filhos e do marido, Rita recolheu-se ao convento das Agostinianas de Cássia, porém não foi aceita. Fervorosamente rezou a São João Batista, Santo Agostinho e São Nicolau de Tolentino para ingressar no colégio das Irmãs. Com o novo pedido alcançado, consagrou sua vida à vocação religiosa até a sua morte.

Na reportagem do dia 15 de junho de 1992, o jornal *Pioneiro* associou a espera da concretização do sonho do prédio do Clube de Mães referindo-se a Santa Rita de Cássia:

A vereadora Rosane de Nascimento (...) enfatizou que não se pode semear de mãos fechadas e que, apesar dos grandes obstáculos, é preciso esperança e fé. “Os frutos só puderam ser colhidos porque as diferenças políticas foram esquecidas”, afirmou a vereadora, lembrando que “muitas mães até envelheceram, pois a creche e o clube de mães eram sonhos de 10 anos”. Talvez por isso a creche e clube de mães, chama-se Santa Rita de Cássia, a santa das causas impossíveis. (PIONEIRO, 1992, p. 13).

A ligação com o catolicismo é evidente, também, nas orações frequentemente feitas nos encontros do grupo, nas diversas parcerias de ações realizadas com a paróquia local e no envolvimento pessoal das mães com serviços religiosos, como a comunhão eucarística e da liturgia. Esta dedicação pessoal e coletiva, possivelmente provinda da tradição religiosa católica trazida pelas famílias na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, não deixa de ser uma das grandes características deste Clube de Mães.

Em cada colônia, constituiu-se uma capela para as práticas religiosas do local de proveniência. Erguida em mutirão pelas próprias famílias, tornou-se também

¹⁴ As informações sobre Santa Rita de Cássia foram recolhidas do site <http://www.santuariodesantarita.com.br/historia-de-santa-rita-de-cassia>

ponto de encontro dos/as imigrantes recém-chegados/as, constituindo a vida social da comunidade. No entanto, influenciado pelas normatizações morais da Igreja Católica, o espaço, segundo Luis Fernando Beneduzi (2008, p. 63), era de (auto)controle:

A formação da normalidade buscada pela Igreja Católica é uma marca desse ambiente da capela, local onde se pode ver e ser visto, onde os sacerdotes ditavam as normas de moral e conduta, onde a sociedade se autorregulava, formando um código de postura consuetudinário. No espaço do tempo forjava-se um uma ideia de vitrine, pois era o local onde se podia perceber o modo correto e incorreto de se comportar.

Cabia, especialmente à mulher no seio familiar, vigiar a conduta moral e cristã dos membros, até mesmo dos seus maridos. As *bestemmia*, frequentes na vida das famílias imigrantes, eram pronunciadas especialmente pelos homens, assim as mulheres repreendiam seus maridos quando eles diziam blasfêmias, falando em seguida uma bênção. (BENEDUZI, 2008).

Eram as mulheres também, de modo geral, responsáveis por iniciar a reza do rosário todas as noites em suas casas, prática “das atividades formadoras do ideário religioso e mantenedoras dos atrelamentos das famílias à Igreja” (BENEDUZI, 2008, p. 67). As mães e as filhas também oravam nos encontros entre as famílias conhecidos como *filós*. A educação patriarcal destinada à mulher e ao homem materializava-se durante o momento de amizade, através da divisão do espaço da casa e das atividades que aconteciam. A sala, a mesa, o jogo, o vinho, as discussões sobre política, o mundo das forças e das decisões eram visivelmente relacionados ao homem, enquanto a cozinha, o bordado, o fogão, as conversas sobre a comunidade, à mulher (BENEDUZI, 2008).

Pairam dúvidas sobre os possíveis subterfúgios das mulheres nestas reuniões coletivas. Apesar das exigências morais, as *mammas* são portadoras de formas diversas de apreensão da realidade vivida. Durante os *filós*, no encontro com a outra, não haveria trocas na forma de ver o mundo? Partilhas de seus cotidianos tensos? Ampliação das técnicas artesanais, trabalhos que expressavam suas subjetividades? Suspeito que há *sophias*¹⁵ nos *filós* (*philos*), uma filosofia invisível entre as mulheres.

¹⁵ Rossi-Doria, Anna. Representar um corpo: individualidade e 'alma coletiva' nas lutas pelo sufrágio. In: Bonacchi, Gabriella & Groppi, Angela (orgs.). O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres. São Paulo: UNESP, 1995. P. 109-128.

O zelo religioso das mulheres, seguido dos seus martírios domésticos e familiares, vincula-se ao devotamento da Virgem Maria, “um ícone da comunidade de imigração italiana, modelo de pessoa que soube viver na castidade, a pureza dos filhos de Deus” (BENEDUZI, 2008, p. 75).

O dom de *ser de alguém e para os outros* (LAGARDE, 2011) é, portanto, sagrado: “La Virgen simboliza a la mujer como madresposa” (LAGARDE, 2011, p. 380). A tradição judaico cristã ocidental cultiva a imagem sagrada do materno e inspira as mulheres a testemunharem seu devotamento aos/às filhos/as e ao marido, assim como a Maria, mãe de Jesus, modelo de mulher obediente à vontade de Deus. Elas são movidas para obedecer a Deus, a seguir o filho Jesus e a serem abertas ao Espírito Santo. Conforme Gebara (2000, p. 158), “a obediência se estrutura a partir de uma relação de poder, em geral expressa historicamente a partir da submissão a uma imagem masculina”.

Caroline Teles Lemos (2009) ao aprofundar a íntima ligação da maternidade humana com a maternidade de Maria, aponta a contribuição da religião para a organização e a manutenção da vida social, apoiada nos estudos de Clifford Geertz. No processo de seleção e adesão aos diferentes valores são necessárias imagens públicas de sentimentos fornecidas pelo ritual, pelo mito e pela arte. Os valores são assim, “remetidos a representações e, se articulam em modelos culturais estruturadores do viver e do sobreviver.” (LEMOS, 2009, p. 112). Princípios éticos e práticas morais operam dialeticamente nestas representações, atuando sobre os condicionamentos históricos e recebendo deles balizamentos para reconstruí-los ou fragmentá-los. A religião:

enquanto elemento situado no seio das representações e interagindo dialeticamente com elas, pode fornecer a simbologia necessária para que os valores possam adquirir a eficácia social e a adesão afetiva desejadas. No caso do tema em questão, a simbologia presente na tradição judaico cristã que subsidia a ênfase da maternidade é a colocação de Maria como figura central. (LEMOS, 2009, p. 112).

Maria, mãe de Jesus Cristo, é a “mãe universal de toda a humanidade, doadora de vida para toda a criação” (LEMOS, 2009, p. 113). A solidificação de tal concepção se deu especialmente na Idade Média, em contraposição à figura bíblica Eva. No mito da criação do mundo, Eva é a mulher que nasce da costela do primeiro homem modelado por Deus, chamado de Adão. Os dois vivem no Jardim do Éden, com a proibição de não comerem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do

mal. A mulher, seduzida pela serpente (identificada com o diabo), come o fruto e oferece ao homem, que também degusta, desrespeitando a ordem divina, sentindo-se nus. Eles são expulsos do paraíso e Eva recebe a mais pesada maldição de Javé: “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará” (cf. Gn 3, 16.20). Eva, por isso, “traz toda a marca da maldição de Deus sobre a humanidade, a começar pelo ato de procriar, união carnal que denuncia o pecado original” (MEDEIROS; ZIMERMANN, 2015, p. 655). Eva é a introdução do mal do mundo, a causa das dores e dos sofrimentos (PERROT, 2003).

Quanto à Maria, foi a jovem da cidade de Nazaré eleita por Deus para ser mãe de seu filho, Jesus Cristo. A interpretação tradicional a coloca como obediente ao Senhor, concebeu a Cristo à luz do Espírito Santo, permanecendo virgem e distante do pecado original, mesmo que esposa do carpinteiro José. Dedicou-se ao filho e ao esposo ao longo de sua vida, sendo uma das mulheres que rodeia Jesus e suas pregações, quando já adulto. A sua idealização é abordada pela Igreja Católica através de quatro dogmas: maternidade divina, virgindade, Imaculada Conceição e Assunção.

Apesar da sua evidência, Maria só adquire importância sagrada ao possibilitar a vinda de Jesus Cristo, revelação de Deus ao mundo. O ponto central é Cristo e não sua mãe. Concebe seu filho “por medio de um acto mágico inexplicado y cifrado” (LAGARDE, 2011, p. 334), sem perder sua virgindade. Maria, no campo teológico, recebe o lugar utilitário de *ser de alguém e para os outros* (LAGARDE, 2011). Ela é a mãe-educadora e discípula e, por meio de seu sacrifício, ajuda a Igreja a viver a fé-obediência.

Ao engrandecer a figura de Maria e maldizer Eva, a tradição cristã cumpre um ato político na definição dos lugares sociais das mulheres e dos homens, hierarquizando as relações humanas.

Se Eva, pelo seu pecado, recebeu a penitência de sofrer dores e de ser dominada pelo homem, qualquer mulher que queira mudar essa ordem, não estará somente se rebelando contra uma ordem humana, mas acima de tudo desobedecendo a Deus e piorando ainda mais sua condição de pecadora, arriscando-se a atrair mais desgraças ainda sobre a humanidade. Já [...] Maria a apresentam ou a invocam como serviçal (serva do Senhor), humilde, boa mãe, esposa dedicada. (LEMOS, 2009, p. 126).

Com base na representação mariana, e no caso do Clube Santa Rita de Cássia assim como a santa de mesmo nome, espera-se da mãe humana serviços e abnegações: proteção, cuidado, sacrifício, bondade, humildade e obediência. Incentiva-se a ser *madresposa* com base no modelo da mãe Maria.

No entanto, é necessário destacar que os estudos da Teologia Feminista, ao questionar a sociedade patriarcal, andocêntrica e sexista, possibilitaram novas percepções da maternidade no campo religioso, especialmente cristão. A figura de Maria e Eva é apresentada na concepção da maternidade humana e na potencialidade transformadora da religião. Assim, as mulheres mães podem desobedecer ao patriarcado, com base nas personagens bíblicas:

Maria sem pecado original pode ter um sentido diferente. Pode ser entendida como negação do mito do mal, como negação da caída pecaminosa da religião na escravidão patriarcal. Eva = Maria: as duas igualmente obedecem à ruah, o princípio feminino do ser (parir fora das normas do patriarcado/desobedecer à lei que mandava não comer da árvore do conhecimento). (BUSCEMI apud LEMOS, 2009, p. 166).

A coragem das duas em desafiar as leis (divinas) e sociais desmitificam a ideia de Eva como pecadora, “ostentando sua condição de mulher que assume com liberdade a escolha de sua ação” (LEMOS, 2009, p. 166). Maria também decide sobre sua tarefa (ser mãe), tornando-se sinal de destemor e bravura.

Deste modo, os pensamentos da teologia feminista, trazem novas compreensões acerca dos modelos destinados às mulheres, embora a ótica masculina religiosa permaneça ainda na cultura.

4.2.4 Participação do Clube de Mães na Festa Nacional da Uva

Durante a observação participante no Clube de Mães Santa Rita de Cássia deparei-me, no espaço físico do grupo, com um mural de mais de 50 fotos retratando diversos momentos vivenciados coletivamente. Entre almoços comunitários, encontros, homenagens, foi notória a participação na tradicional Festa Nacional da Uva, festividade que celebra a história da imigração italiana, bem como o progresso agroindustrial da região. Mais da metade das imagens reportam-se à presença do Clube em mais de 10 edições do festejo. Em todas essas fotografias, as mulheres do grupo estão vestidas como *mammas* e/ou *nonnas* italianas. Abraçadas às rainhas, princesas e embaixatrizes, há registros também das suas

participações em programas da *RBS TV* (Rede Brasil Sul de Televisão), rede de televisão regional brasileira, como no *Jornal do Almoço*, *Anonymus Gourmet* e *Galpão Criolo* que realizaram gravações em homenagem à festa.

A cada edição do tradicional encontro, o Clube recebia uma das casas da Réplica de Caxias de 1885 para comercializar suas guloseimas da cozinha italiana, como sucos, cucas, biscoitos, pães, cafés e pastéis. Usam um vestuário formado por uma camiseta de manga curta, saia longa e um lenço, que as caracterizam como a mãe histórica da região. O avental usado no preparo dos alimentos foi patrocinado em alguns anos por empresas de farinhas e massas.

Nos GDs, não foi necessário perguntar sobre a participação do Clube na Festa da Uva. A temática foi lançada por iniciativa das próprias informantes dos três grupos de discussão. No caso do GD1 e GD2, as participantes trouxeram como símbolo que representasse o Clube de Mães, os uniformes já usados por elas no evento, além de fotos:

Inicialmente, a entrevistadora convida as mulheres participantes da conversa a justificarem a escolha dos símbolos que trouxeram e que representam o Clube de Mães para cada uma delas. Iris inicia respondendo que trouxe um uniforme do Clube de Mães Santa Rita de Cássia de participação em uma das edições da Festa da Uva, além de fotos da presença do grupo no mesmo evento ao longo dos anos (GD1, interpretação formulada, linhas 01-09).

Primeiramente, a entrevistadora solicitou às participantes para comentarem sobre o símbolo escolhido que representasse para cada uma delas o Clube de Mães. Dália mostra uma blusa, um avental e uma faixa, e Malva pergunta para ela por que trouxe essas vestes. Dália responde que era um dos uniformes do Clube de Mães usados nos pavilhões da Festa da Uva. Quanto ao outro objeto, trata-se da faixa ganha quando foi Mãe Destaque 1991 (GD2, interpretação formulada, linhas 01-11).

No GD2, ao retomar a temática do símbolo, duas outras participantes associaram seus objetos à Festa da Uva, mesmo sem trazê-los:

O tema dos símbolos é retomado pela entrevistadora e Tulipa, mesmo sem o objeto, comenta que traria uma linha de tricô, pois ela tricota há muitos anos e assim que entrou no grupo, passou a tricotar mais. Iara, também sem o símbolo, diz que traria um dos uniformes da Festa da Uva, pois assim que entrou no grupo há 7 anos atrás, sua primeira atividade com o grupo foi no evento. Iara lembra que ela não queria ir, mas de tanto as integrantes insistirem ela foi, gostou e está aqui até hoje. Já

Malva manifesta que o que marca muito ela e representa para si o Clube, é o pastelão de uva. A entrevistadora acrescenta que havia visto uma reportagem no Pioneiro sobre o pastelão de uva feito por Malva na Festa da Uva. Ela confirma e relata que a época dessa reportagem era quando estava presidenta do Clube, entre 2007 a 2011. Diz que trabalhou muito e em seguida lamenta não poder mais trabalhar na Festa da Uva. Iara também lamenta, pois mesmo que trabalhassem muito, era prazeroso. Tulipa incluiu que elas trabalhavam com muito amor e, em seguida, Malva lamenta sentir muito o corte do Clube na Festa por parte da prefeitura (GD2, interpretação formulada, linhas 45-73).

A reportagem mencionada é uma das inúmeras realizadas sobre o grupo, durante a Festa. A receita do pastelão de uva, prato exclusivo do grupo e símbolo mencionado por Malva, tornou-se matéria do jornal *Pioneiro* em 2008, 2010 e 2012. No ano de 2010, compôs a capa do periódico, com uma das integrantes vestida tipicamente, oferecendo em uma mão um cacho de uva e na outra o pastelão.

Capa do jornal *Pioneiro*, 05 de março de 2010.



Fonte: Jornal *Pioneiro*.(2010)

No interior do jornal, o quitute é intitulado como uma “sensação culinária” da festividade (PIONEIRO, 2010, p. 17).

Mesa farta é tradição de gringo. E não há quem saia da casa da *mamma* ou da *nonna* sem levar um fornelzinho para casa. [...] Feito à fartura imaginada pelos imigrantes, que sonhavam com uma terra do qual brotavam alimentos, a Festa da Uva é, também do pão, do vinho, do salame, da cuca, da geleia, do salame e muito mais. É o sabor de uma tradição que virou cultura, patrimônio de uma geração que sabe agradar ou conquistar os seus convivas pela boca. [...] Outra sensação culinária da Festa da Uva é o pastelão de uva criado pela dona de casa Marlene Colleoni, 69 anos, vendido na casinha do Clube de Mães Santa Rita de Cássia. Receita aprendida há muitos anos quando trabalhava em Cotiporã, o assado é daqueles que conquista o paladar já pelo cheiro. O prato de Marlene tem o cacife de ter sido premiado com o primeiro lugar no concurso Buono Apetito, realizado pelo Pioneiro em 2004. (PIONEIRO, 2010, p. 16-17)

O pastelão de Uva também foi destaque de uma das edições do *Caderno de Receitas*, criado pela Coordenadora Municipal da Mulher no ano de 2006 em parceria com a Festa Nacional da Uva, para a valorização da mulher do meio rural. Cada exemplar, lançado de dois em dois anos, reúne receitas de doces, salgados e bebidas típicas das reuniões, elaboradas por mulheres da região. Nas cinco edições já distribuídas, outras integrantes do grupo Santa Rita de Cássia também apresentaram pratos próprios.

A tristeza de Malva em não trabalharem mais na Festa da Uva é também sentida pelas mulheres do GD1, após serem provocadas a contar sobre a participação do Clube no espaço festivo:

A entrevistadora provoca Iris e as outras informantes a contarem como era a participação do Clube nesse espaço. Para Lis era trabalhoso, ganhava-se pouco, mas era gratificante e divertido. Em seguida, Iris tristemente comenta que não participaram das últimas duas edições após a entrada do atual prefeito, pois queria cobrar aluguel da réplica (espaço onde o clube ficava) pelo ano inteiro e não somente durante o período da Festa (15 dias de fevereiro). Para ela, isto é um absurdo, ainda mais para elas que sempre cuidaram “direitinho” do local. Lavanda complementa, dizendo que a prefeitura queria que o grupo ficasse lá não só na Festa da Uva, mas o ano inteiro, pois há turistas em outros períodos. Por isso, deveriam pagar aluguel por doze meses. Porém, as três defendem-se

alegando que durante o ano não há movimentação de pessoas no local. (GD1, interpretação formulada, linhas 10-38).

No GD3, uma das integrantes também lamenta a perda do espaço:

A entrevistadora provoca as participantes a pensar a importância que o Clube tem, não somente para o bairro como também para uma cidade, uma vez que há doações para entidades municipais e por muito tempo o grupo participou da Festa da uva. (...) Para Sálvia, o Clube tem importância para a cidade. Ela exemplifica a participação na Festa da Uva, inicialmente lamentando a ausência do grupo na última edição. O grupo era um marco, usavam traje típico da imigração italiana e muitas visitantes da Festa sabiam que na casinha (réplica) do Clube de Mães do Rizzo eram feitos os melhores pastéis, pão colonial, que as nonnas serviam muito bem, que havia música e muita alegria. Linhaça acrescenta que o Clube aguentava com firmeza o excesso de trabalho durante o evento, pois eram felizes participando. Sonia retoma atentando que o preço de entrada dos pavilhões e a alimentação da festa eram uma exploração, no entanto, na casinha do Clube de Mães, as comidas tinham um preço acessível, era bem organizado e limpo. Assim os turistas as procuravam, pois sabiam que lá também havia música, dança, uma alegria total. Ela conclui expondo a tristeza do grupo ao ter perdido o espaço (GD3, interpretação formulada, linhas 96-124).

O abatimento das mulheres pela perda do espaço do Clube na Festa da Uva, como relatado, é extremamente compreensível, pois o grupo participava desde a década de 90. A disposição em participar a cada edição é perceptível, não somente nas falas, como também nas fotos, ao caracterizarem-se tipicamente como as primeiras mulheres imigrantes italianas. Seus uniformes eram pensados anteriormente, ou seja, havia uma preparação, acompanhada de expectativas para a festa. Ao estarem vestidas com trajes típicos, a festa ganhava com a presença do grupo. Turistas as procuravam para deliciar as guloseimas num espaço alegado como muito alegre. Nos programas gravados da maior empresa de comunicação do Sul, a RBS TV, diretamente da Festa, as mães do Clube foram várias vezes convidadas a participar. Eram apresentadas aos/às expectadores/as como *nonnas* italianas, isto é, eram relacionadas a uma conhecida personagem da identidade étnica imigrante italiana da Serra Gaúcha, ligando-as diretamente ao tema principal da festa. Nas fotografias e gravações, são visíveis seus rostos animados, já que também topavam dançar e cantar músicas típicas da região, até mesmo ao vivo.

Em uma das muitas reportagens divulgadas pelo jornal *Pioneiro* sobre a presença do Clube, as mulheres são apresentadas como *nonnas*:

Reportagem “Nonnas no caminho” do jornal Pioneiro, 05 de março de 2012.



Fonte: *Jornal Pioneiro*

No registro é possível explorar ainda mais as mães na Festa, devido aos elementos visuais, os semblantes e a movimentação corporal apresentados na reportagem. As senhoras receberam a artista televisa com seu sorriso e braços acolhedores, vestindo um lenço verde-claro sobre os cabelos, visualmente grisalhos e tingidos; adorno sintonizado com a blusa branca de babados. Segundo o texto narrativo, o Clube de Mães Santa Rita de Cássia é famoso na festa, conhecido “por seus quitutes”, como o pastelão de uva.

Anos anteriores, em 1998, o jornal *Uno Fato* retratou detalhadamente a participação do grupo no encontro:

Capa do Caderno de Receitas, Volume 5

Foi uma grande festa

O Clube de Mães Santa Rita de Cássia do Desvio Rizzo esteve presente na Festa da Uva 98, ocupando a casa de número 9, na Réplica de Caxias, junto aos pavilhões. Participação de sucesso alcançado com a colaboração de muitos. Por isto, os agradecimentos: sub-prefeitura, por ter oferecido a réplica, Associação de Moradores do Bairro Desvio Rizzo, Caxias Martcenter, vereadores; Geni Peteffi e Antônio Alaerte O. dos Santos, Vicente Vetturazzi, Sérgio Riva, Supermercado Poloni. As famílias das seguintes pessoas: Lurdes Lago, Lídia Rossini, Helena Fruet, Divina Luciano, Lourdes Rocha, Soenir Fiorini, Ilva Gregol, Mercedes Poloni, Lurdes Rohr, Lídia Hamsch, Vilma Hoffmann, Zulma Scopel, Etefvina Lora, Dorva Cauduro, Isolina Biondo, Otilia Oliveira, Alceu Rossini, Lídia Kloss, Cátia Fiorini. E ainda: Ivan Marangon, Francisco Palauro, Caroline B. da Silva, Grupo de Danças Italianas do Rizzo. Banda de Vila Cristina, boneca Nina e a todos que colaboraram com o evento fazendo-se presente.

Registramos fatos e presenças. A foto publicada no Pioneiro, dia 28/02, onde as jovens senhoras foram chamadas de “nonas”; participação no Jornal do Almoço de 27/02; Missa Italiana celebrada na Catedral; entrevistas para televisão e rádio; resgate de nossas tradições com o traje utilizado, decoração da réplica, dança, fala e piadas contadas em dialeto, envolvimento com os visitantes (estes, encantados com a alegria e disposição das “nonas”); visita do Sr. Prefeito e Vice; visita de Leonel Brizola, Kalil Sehbe e Mário Vanin; presença da Rainha e Princesas da Festa, além de toda a Comissão responsável pela Festuva.

Foram dias de muito trabalho, como nos dias 7 e 8/3, quando devido ao calor não se dava conta de vender refrigerantes e vinho doce. Ou como no último dia, quando foram amassados 65 kg de farinha para fazer muito mais de 1000 pastéis. Apesar do trabalho, o Clube gosta muito de participar e todos os anos recebe o convite, aceitando-o com carinho. Como contribuição aos organizadores da Festuva, sugere uma maior divulgação do que acontece dentro das casas da Réplica, fazendo um trabalho onde os visitantes possam voltar no tempo, conhecendo melhor nosso passado. Com isto, a passagem pela Réplica seria obrigatória...

O fruto de nosso trabalho destina-se à manutenção do prédio e atividades do Clube, bem como para suprir alguma necessidade que possa ocorrer na creche, atualmente atendida pelo convênio com a Prefeitura. Dia 07 de abril, após alguns dias para baixar o pó e dar um descanso para nossas “nonas”, recomeçam os encontros das terças-feiras, às 14 horas, encontros abertos a todas as mães da comunidade. E pra não perder o ritmo, já estamos programando nosso chá anual, o jantar com tripada e outros eventos que oportunamente divulgaremos, sempre certas de contar com a participação de todos. Festa e trabalho continuam!



Fonte: *Jornal Uno Fato* (1998)

Ainda sobre a Festa, a participação do Clube se estendia para os desfiles com carros alegóricos, realizados no centro da cidade durante o período do evento e também na escolha da Rainha e Princesas.

Dália relembra que o grupo também desfilava nos carros alegóricos, com roupas típicas de mulheres italianas, de cesta e chapéu de palha. E que passaram a desfilarem muito tempo antes da participação nos pavilhões, com a casinha. Tulipa faz memória que uma vez, foi fazendo tricô, sentada em cima de um caminhão. Malva conclui que era tão divertido e bom, pois se cantava e dançava (GD2, interpretação formulada, linhas 157-168).

A entrevistadora relembra que o Rizzo sempre teve candidatas à rainha e princesas da Festa da Uva. Lavanda lembra que o Clube apoiava as candidatas do bairro. Arrecadavam fundos com jantãs e no dia da escolha, participavam da torcida (GD1, interpretação formulada, linhas 188-198).

Ademais, cabe mencionar que, inicialmente, a participação do Clube permitiu a arrecadação de fundos para a organização da estrutura física da sede, como a compra de móveis.

Lavanda explica que elas começaram a participar da Festa para arrecadar fundos para a pintura da sede e para compra de móveis, pois elas não tinham nada, somente o prédio (GD1, interpretação formulada, linhas 172-177).

Ante das falas dos grupos de discussão e da publicidade espalhada ao conjunto de fotos na Festa da Uva, expostas na sede do grupo, há significativos sentimentos envolvidos da participação do Clube nessa grandiosa festa da cidade. A consideração que as mães de Santa Rita de Cássia concedem à Festa da Uva, e vice-versa, bem como a identificação com a representação da *nonna* italiana, relaciona-se com suas histórias de vida. As integrantes são descendentes de famílias italianas que chegaram ao sul do Brasil no final do século XIX e início do século XX, fundando a Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (RCI). O próprio bairro era uma antiga colônia chamada Sertorina, conhecida por realizar, periodicamente, os “filós”, eventos de sociabilidade entre as famílias imigrantes. Há, assim, uma identificação e uma apreciação com os objetivos da festividade, exemplificada na fala de Malva:

Malva, ao responder sobre a importância do grupo para a cidade e para o bairro, afirma que o grupo é algo típico da região, pois, por exemplo, na Festa da Uva o Clube usa um traje antigo, como das antigas colônias italianas (GD2, interpretação formulada, linhas 178-182).

O espaço também era uma oportunidade de divulgação do grupo não somente para a região, mas como para o Estado e o país. O reconhecimento que o conjunto da sociedade conferiu a essas mulheres se traduzia na procura dos turistas pelas suas guloseimas e animação, bem como nas inúmeras reportagens realizadas. A recente exclusão do Clube, extremamente sentida pelas mulheres, pode ser interpretada como uma ingratidão diante de todo o envolvimento já dedicado. O Clube mobilizava-se anteriormente, envolvia turistas e celebridades durante Festa e oferecia à organização um local nos pavilhões associado diretamente ao principal tema do evento. Ao não criar alternativas para manter a presença ímpar e contínua das mães do Rizzo na Festa, o poder público manifestou seus limites de diálogo com a sociedade civil, sua insensibilidade com o compromisso e trabalho das mulheres, além de seu desinteresse com a valorização dos grupos organizados da localidade. O Clube perdeu, a Festa perdeu, a cidade perdeu.

4.3 Trabalhos manuais artesanais: “coisinhas” e doações

Diferentemente do que se possa pensar, o Clube de Mães Santa Rita de Cássia, do Desvio Rizzo, não se reúne todas as terças-feiras para tomar chá com biscoitos. Claro que isto também acontece, lá pelas quatro horas da tarde. Mas antes disso já foram desenvolvidas as mais variadas atividades, que dependendo do dia, incluem a confecção de acolchoados, realização de cursos, discussão de problemas e atividades, recepção de visitas, diversos trabalhos. (UNO FATO, 1997, p. 11).

O dia a dia do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, descrito pelo já extinto Jornal *Uno Fato*, envolve a produção de diversas criações artesanais ao lado da intensa atuação comunitária, permitindo a interação entre as integrantes e a comunidade, bem como transformações na vida das mulheres envolvidas.

São desenvolvidas as técnicas do tricô, bordado, fuxico e crochê. As “mãos que sabem ser generosas”, de *alguém e para os outros*, costuram colchas de retalhos e vestimentas infantis, doadas posteriormente para entidades da cidade, como hospitais. A produção de sabões e a culinária de massas da cozinha italiana completam o conjunto das manualidades do grupo.

Os aspectos que envolvem tais trabalhos manuais, como significados, processo de criação, comercialização e doações, serão abordados nos subcapítulos

subsequentes, a partir da análise da observação participante dos grupos de discussão e da entrevista individual com a presidenta do Clube.

4.3.1 “Coisinhas” produzidas pelo grupo

Durante a observação dos encontros, constatou-se a dedicação das mães no afazer artesanal. As técnicas são desenvolvidas simultaneamente: há mulheres tricotando, algumas na máquina de costura, outras produzindo *spaguetti* e ainda as que preparam o lanche da tarde. A simultaneidade acontece também no *fazer* e conversar com a outra próxima de si. Quando indagadas sobre seus trabalhos, algumas respostas surgem: “*Ah, fazemos umas coisinhas*”. Expressão refletida por Edla Eggert (2006, p. 225): “Coisa de mulher. Cozinha. Coisinhas”, encalcada numa lógica universalizante patriarcal que desvaloriza o trabalho das mulheres.

A descrença na própria ocupação (“coisinhas”) deve-se à hierarquia dos espaços público e privado. Historicamente, “os processos de trabalho manual são trazidos de geração em geração e fazem parte do mundo das mulheres” (EGGERT, 2009, p. 68), atados à esfera privada destinada à elas. Pertencem aos ciclos repetitivos das necessidades humanas pelos quais as mulheres são responsáveis. O privado, nas relações de poder com o público, não desfruta de reconhecimento e valorização social, tornando tal labuta um “trabalhinho de mulher”.

Tal invisibilidade é problematizada por Edla Eggert (2009, 2011) em seus estudos da produção do conhecimento artesanal. A pesquisadora, do campo pedagógico, explora a complexidade da aprendizagem das manualidades ao lançar outros olhares sobre o artesanato realizado por mulheres. Para a autora, os processos de trabalho manual podem ser concebidos como a representação da submissão das mulheres, no entanto, vistos de outro modo, são uma “nova possibilidade de pensar e agir, trazendo a um conhecimento silenciado, que foi construído pelas mulheres” (EGGERT, 2009, p. 68).

Para Eli Bartra (2008), a pesquisa das criações artísticas e do artesanato realizadas por mulheres oportuniza o conhecimento das suas experiências, bem como uma compreensão precisa do processo artístico:

Saber lo que han creado y crean hoy en día las mujeres ayuda a conocerlas sustancialmente mejor. Conocer en qué medida su proceso de creación es igual o diferente al de los hombres puede contribuir tanto a la elaboración de

una identidad femenina más íntegra como a cambiar la existencia, en tanto que reconocer el trabajo creativo femenino significa la recuperación de una historia ignorada y el reconocimiento de que una parte de la cultura presente es propia. (BARTRA, 2008, p. 12).

O artesanato, aliando saber tradicional e organização social, é capaz de gerar processos de ensino e de aprendizagem permeados pela criatividade e pela construção coletiva do conhecimento. Cenário experimentado pelo grupo de mães, mas talvez pouco discutido entre elas pelo fato de essa aprendizagem ser direcionada a outras potencialidades.

Incredulidade também perceptível nas mulheres do GD1 e GD2, quando indagadas sobre o processo criativo dos produtos (desenho, moldes, escolha das cores etc), comercialização e escolha dos trabalhos para doação. Foram sucintas nas respostas e indicaram entrevistar a presidenta do Clube. Segundo elas, Damiana¹⁶ responde “melhor” a essas questões.

Ao serem questionadas sobre a decisão dos produtos que devem ser doados e dos que devem ser vendidos, Lis responde que costura e confecciona na sua sala, mas não sabe o que é doado e o que vendido, pois isso fica a cargo da presidência. Iris esclarece que essa pergunta deve ser respondida pela dona Damiana. Lis complementa que essa questão elas não podem responder, porque também não sabem nem os valores das peças. Iris repete que a Damiana pode responder melhor (GD1, interpretação formulada, linhas 524-539).

Procedimento também perceptível durante a observação participante. Ao conversar sobre a história do grupo, diversas mães, especialmente aquelas com mais anos de participação, interromperam suas próprias falas para indicar a ex-vereadora Rosane e um antigo líder da comunidade. Uma possível conversa com tais indivíduos possibilitaria informações mais exatas sobre a trajetória do Clube.

A atitude dessas mulheres, ao referenciarem outras pessoas para dados mais precisos, especialmente quanto ao planejamento das produções e vendas do grupo, reflete processos de hierarquização. O Clube elege a cada dois anos uma presidenta, vice-presidenta, tesoureira e secretária. Trata-se de uma hierarquização consentida pelas participantes. O formato configura dinamicidade nas decisões do Clube, no entanto, parece limitar uma maior construção coletiva, como observado nas falas das artesãs e na observação cotidiana do grupo. É possível que se criem

¹⁶ Nome fictício para a atual presidenta do Clube de Mães Santa Rita de Cássia.

divisões entre aquelas que fazem e aquelas que pensam, ou ainda que o modelo lhes pareça cômodo, ou seja, a heteronomia se sobrepõe à autonomia. Logo, a tomada de decisões naturaliza-se na condução da presidenta e demais da equipe eleita.

Quanto à organização dos trabalhos manuais para a produção das “coisinhas”, a presidenta, na entrevista, responde que são realizados conforme o que cada mulher sabe fazer. Há troca de saberes, especialmente, das novas integrantes, dispostas a aprender técnicas com as participantes mais experientes, como comentado por Tulipa:

Tulipa conta que elas vão ensinando as técnicas uma para a outra, pois algumas mulheres que ainda não sabem, por exemplo, o tricô, tem vontade de aprender. Para ela, isso é muito bacana, pois elas mesmas ensinam entre si (GD2, interpretação formulada, linhas 201-204).

Com o passar do tempo, as mulheres ao alcançarem o modo de fazer, se encaminham para comprometer-se com os trabalhos da técnica que mais se apropriaram. Ainda assim, há rodízios das tarefas, conforme as circunstâncias do dia: ausência de participantes, convites para cooperar uma com a outra, urgência de finalizar produtos em função dos prazos etc.

Cabe ainda registrar que, mesmo que mencionaram como “coisinhas” aquilo que fazem e produzem, e mesmo que, historicamente o artesanato não seja reconhecido como um trabalho, mas como um passatempo das mulheres, observou-se tanto nos encontros quanto nas conversas, que a maioria das participantes encaram a criação artesanal como um trabalho. Em suas falas, *trabalham* no grupo, *trabalham* na Festa da Uva, doam o seu *trabalho*. A ausência de reclamações quanto às horas dedicadas ou as inúmeras tarefas do Clube, leva à reflexão sobre a dimensão do trabalho na vida dessas mulheres.

O trabalho para os/as imigrantes colonizadores/as italianos/as e, conseqüentemente, para seus/as descendentes, é um importante valor cultural, já que muitos/as concorreram para o êxito da colonização (FAÉ, 1975, p. 17). Ademais, a *mamma* italiana era “multitarefa”, responsável pelas tarefas domésticas, passando pelo cuidado com a horta, o pomar, o trato das galinhas, a ordenha da vaca e o cuidado com os filhos e as filhas.

O desconhecimento e a descrença das ações manifestadas por algumas mulheres, não é algo que aparece objetivamente nos GDs, quando aprofundada a importância do grupo para a cidade. Ao contrário, sentem-se especiais e não querem ser desvalorizadas. Outras reflexões serão abordadas no próximo subcapítulo.

4.3.2 As doações e a solidariedade das mulheres

O Clube de Mães Santa Rita de Cássia é conhecido pelo seu histórico de doações a entidades sociais e, também, à população de baixa renda econômica. Atualmente, mantém doações mensais ao Hospital Geral da cidade, mas, durante o ano participa de campanhas de arrecadação de alimentos e roupas, em parceria com outros coletivos, especialmente com a Pastoral da Criança.

As roupas doadas, em geral, são para crianças recém-nascidas e pequenas (1 a 5 anos) e feitas a partir de retalhos de tecidos doados por uma das maiores empresas têxteis da região. O grupo recebe os pedaços de tecidos e a partir do trabalho das mulheres, produz peças para doação.

Na observação participante, acompanhei a divisão de tarefas da produção de conjuntos de pijamas para recém-nascidos. Numa mesma mesa, uma mulher separava os tecidos de acordo com os moldes ali espalhados. Outra recebia essa distribuição e, com giz de cera em uma das mãos, copiava os moldes nos retalhos. As duas ainda dividiam o corte dos tecidos já riscados de acordo com as formas. Durante a tarefa, uma pergunta a opinião da outra: *“Olha esse pedaço: a gente faz uma roupinha com ele ou deixa pra fazer uma colcha de retalhos?”*. A sintonia e a ajuda mútua foram visíveis em outros momentos, como a troca de ideias para a combinação de cores. Após essa etapa, os tecidos já recortados eram encaminhados para a sala de costura. Por lá, em geral, três mulheres operam as máquinas de overlock e de costura reta. Naquele dia, estavam somente duas e dividiram os trabalhos de roupas infantis, cada uma em um tipo de máquina. Durante o trabalho idealizavam uma campanha de lençóis usados para doações em asilos. Em outras tardes observadas, havia também colchas para serem costuradas, anteriormente recortadas por Iara e Macela.

Um dos muitos motivos pela dedicação constatada no olhar é compreendido na escuta das mulheres. Nos grupos de discussão, ao questionar as informantes

sobre a importância do Clube para o bairro e para a cidade de Caxias do Sul, há orgulho e admiração por si mesmas.

A entrevistadora, ao compilar e expor rapidamente as ações do Clube mencionadas pelas declarantes, indaga a importância que o grupo tem para a cidade e para o bairro. Imediatamente, Lis responde que o grupo tem importância. Iris sorrindo de forma vaidosa na voz e na postura, também confirma e acrescenta que é muita a importância do Clube, não é à toa que elas eram famosas na Festa da Uva. Lis retoma dizendo que o grupo ajuda muita gente, muitas entidades. Que é um trabalho voluntário e solidário, sem muito alarde, pois não há necessidade. Lavanda cita a campanha de cesta básica de alimentos que participam nos finais de ano para ajudar os mais pobres. Iris destaca que o grupo ajuda muito a Promoção Humana da paróquia, com roupas de crianças e também a Pastoral da Criança, arrecadando sapatinhos, touquinhas e produzindo conjuntos de tricô, tudo de graça, tudo feito aqui, doado lá. A entrevistadora questiona se o Clube ainda tem alguma ligação com a UBS em termos de doações. Lis expõe um descontentamento com a atual diretoria da UBS, no entanto, não entra em maiores detalhes. A conversa se estende para a falta de trabalho conjunto de várias entidades do bairro em prol da população, já que anos atrás, ocorriam mais parcerias. Na avaliação de Lavanda, o próprio Clube também já foi mais envolvido. Lis concorda e concluiu que anos atrás elas tinham 20, 30 anos de idade. Agora estão com 60 anos (GD1, interpretação formulada, linhas 233-281).

Para Macela, o grupo tem importância, pois o que se faz já ajuda muito. Segundo ela, o hospital, por exemplo, precisa muito de ajuda, porque há pessoas carentes que passam por lá. E ao juntar as doações com outros grupos da cidade, ajudam muitas pessoas (GD3, interpretação formulada, linhas 102-106).

A satisfação pessoal e coletiva em “ajudar aos que mais precisam” está acompanhada de certa gratificação, de serem reconhecidas e autorreconhecidas. E a solidariedade demonstrada se estende também entre elas mesmas:

Para Iara, é muito importante ajudar as pessoas, pois não se sabe se um dia, cada um de nós, também precisará de ajuda. Dália traz seu relato pessoal de que já ajudou e também já foi ajudada, no caso pelo próprio Clube, quando sua filha teve problema de visão. As mães se organizaram e caminharam de a pé até o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, como uma promessa à santa para fazer a filha de Dália enxergar. Iara acrescenta que o exemplo de Dália, mostra que o acolhimento do grupo não é somente com doações, mas também em orações, quando alguém está doente (GD2, interpretação formulada, linhas 285-302).

No questionário respondido pelas participantes, a solidariedade é também destacada:

No grupo, aprendi que não podemos pensar só em nós, que existem pessoas que precisam da nossa ajuda. Por isso, cada peça de roupa que vejo pronta para ser doada, me sinto muito feliz. Agradeço sempre por fazer parte do Clube de Mães Santa Rita de Cássia.

No GD2, além de sentirem-se importantes pelas ações sociais solidárias realizadas, o Clube, segundo Lara, reúne mulheres que até então pouco saíam de suas casas, ou seja, mantinham suas vidas dentro de seus lares sem maiores socializações. O espaço permite assim, a inclusão em uma nova esfera de sociabilidade, para além do âmbito familiar:

Para Lara, o Clube é importante, pois é também um acolhimento para as mulheres que ficam dentro de casa e mal saem. Ela mesma comenta que não saía da sua casa, assim como muitas outras colegas do grupo antes de participar. O espaço acolhe as mulheres e é quase uma família. Além disso, se vem alguém até elas precisando de algo, arrecadam dinheiro e roupas. Deste modo, o Clube para ela cumpre duas funções: tira as mulheres de dentro de casa para trabalhar conjuntamente e também ajuda as pessoas que mais precisam. Ela ainda cita que, tempos atrás, quando uma família no bairro perdeu seu lar por incêndio, elas ajudaram, responsabilizando-se na arrecadação de dinheiro, roupas e comida (GD2, interpretação formulada, 182-200).

O orgulho com o trabalho solidário apoia-se nos números de roupas para crianças produzidas até agosto do presente ano. Mais de 500 peças doadas para o hospital e mais de 200 para a Pastoral da Criança. Não há, no entanto, um controle das peças produzidas e doadas ao longo de todos esses anos de existência, de acordo com a presidenta Damiana. Ao perguntar, no GD1, se sabiam o valor real das vestimentas doadas ao hospital, as mães responderam que não faziam ideia. No GD3, a temática foi problematizada:

A entrevistadora comenta que muitas das ações sociais dos clubes de mães, como as doações de roupas a hospitais, são responsabilidades do Estado, que acaba se valendo do trabalho das mulheres ao não cumprir seu papel. Macela sugere que talvez isso seja uma forma de economia. Já Sálvia compreende que o Estado se ausenta, pois se há quem faça, não tem por que fazer. A entrevistadora pergunta se já viram alguma mãe ou criança receber o material doado por elas. Macela diz que uma vez viu uma mulher grávida na sede do Clube, receber roupinhas para o bebê

que estava esperando. Notou o semblante e a alegria no rosto daquela mulher, pois tinha algo para vestir seu filho quando nascesse. Para Macela, elas fazem pouco, mas o suficiente para dar alegria às pessoas que pouco têm. Em seguida, critica o Estado que tem a obrigação de atender à população, mas fica à espera que alguém cumpra esse papel. Sálvia concluiu que isso é uma maneira do Estado se desobrigar, pois ao enxergar que tem quem faça, ele lava suas mãos (GD3, interpretação formulada, 137-165).

O Clube de Mães, assim como tantos outros Clubes ou grupos similares espalhados pelo Brasil, ao protagonizarem parcerias com entidades de atendimento às populações mais empobrecidas tornam-se uma espécie de ponte entre as instituições e o poder público. Segundo Anjos (2008, p. 521), configuram uma “estrutura de mediação de benefícios na forma de ‘convênios’, ‘parcerias’ com poderes públicos ou entidades privadas para o atendimento às populações locais”. Aproveitando-se do trabalho voluntário, o poder público torna essas mulheres “responsáveis pela resolução dos seus problemas” (ANJOS, 2008, p. 525). Concerne relatar também que em programas sociais contemporâneos, a figura da mulher – a mãe – do núcleo familiar na situação de vulnerabilidade social, é quem assume a execução das orientações recebidas pelos/as trabalhadores/as sociais. Nesse caso, o Estado, ao tornar a mulher mediadora, desenvolve na concepção conservadora de gênero, fundamentando o bom andamento dos programas sociais (SANTOS, 2014).

As vantagens obtidas do trabalho voluntário das mulheres pelo poder público e entidades, ampara-se na construção da bondade feminina. Historicamente, a mulher foi responsabilizada pelo cuidado dos/as filhos/as, do marido e da casa, cabendo ser amável, e bondosa. Interpretação presente nas falas das participantes:

A entrevistadora comenta que as ações sociais já realizadas por Clubes são inumeráveis, devido aos muitos grupos que existiram. Em Caxias do Sul, não há o número exato de Clubes de Mães fundados, mas sabe-se que está próximo a 200. No Brasil, desde 1940, existem Clubes. Para Macela, esses números mostram o lado da mulher guerreira. As mulheres sabem das dificuldades uma das outras porque também já passaram por dificuldades. A pesquisadora, ao aproveitar a fala de Macela, questiona se colocar-se no lugar dos outros é algo apenas da mulher e por que não há Clubes de Pais, somente Clubes de Mães? Conforme Sálvia, a sociedade é muito paternalista e ele é ainda chefe de família. Até certos anos atrás, era ainda mais responsável por trazer comida para dentro da casa, assim não tinha como fazer trabalho voluntário. No entanto, Sonia acredita também que eles não gostam desse tipo de trabalho, que eles

preferem ficar em casa assistindo futebol, do que participar de uma reunião para ajudar as pessoas. Para ela, jamais fariam os trabalhos que as mães assumem, jamais se doariam como as mães se doam para os filhos. Podem ser ótimos pais, esposos e trabalhadores, mas não tem o coração de uma mulher, uma mãe. Eles não sentem como as mães sentem, talvez porque são as mulheres que geram vida e porque muitos devem ser os provedores da família, sugere Sálvia. A participante concluiu, afirmando que para ela, a mulher é mais coração, mais carinho e emoção, e o homem é mais cabeça. (GD3, interpretação formulada, linhas 166-201).

Esse “carinho”, essa “emoção” incumbida às mulheres naturalizou a gratuidade dos seus trabalhos no âmbito familiar. Na esfera pública, a “bondade feminina” se estende também como gratuita, assim com as ações sociais dos Clubes de Mães à população mais “pobre”. Doar-se voluntariamente aos/às “mais necessitados/as”, especialmente crianças, missão de diversos Clubes, é uma extensão das características atribuídas ao papel social das mulheres.

Há de se relacionar, deste modo, a valorização do trabalho voluntário das mulheres dos Clubes por parte do poder público, entidades e sociedade no geral, também como um elemento da dominação patriarcal. A participação das mulheres do Clube de Mães implica ser uma participação “sob tutela”, pois como afirma Lagarde (2011, p. 401), “la mujer no es una ciudadana sino una ciudadana que materniza en su doble rol como madre y como esposa-hija: la mujer no es, si no es hija o esposa y madre.” (LAGARDE, 2011, p. 401). O exercício pleno de cuidar de alguém encontra seu valor, consideração e reconhecimento em ações sociais das mulheres de diversos Clubes de Mães.

4.3.3 As doações e reflexões acerca daquelas e daqueles que “mais precisam”

Em um dos encontros observados, deparei-me com uma situação chamativa. Naquela terça-feira, a maioria do grupo participava de uma palestra intitulada “Primeiros Socorros no meio rural”¹⁷, promovida pela Prefeitura de Caxias do Sul, no salão maior da sede do Clube. Outras mães, porém, continuaram seus afazeres na sala de costura e cozinha. Questionadas por que não estavam na atividade, algumas comentaram que já ouviram palestras similares com a mesma temática; outras que

¹⁷ A palestra promovida pela Prefeitura de Caxias do Sul faz parte do programa “Arte de Empreender”, que tem como objetivo, proporcionar ao público idoso oficinas de empreendedorismo, cursos de capacitação profissional e palestras.

não conseguem gravar as informações repassadas; e uma mãe ainda respondeu que já está velha e cansada de saber o que fazer em situações de risco.

Quando estava na cozinha com a presidenta e outras participantes, duas mulheres negras de aparência jovem adulta, juntas com uma criança, possivelmente de 5 a 6 anos de idade, entraram na cozinha procurando pela responsável do grupo. Ao conversarem com uma das integrantes do Clube, explicaram que estavam ali, pois teriam ouvido que no Clube se doavam roupas para crianças “carentes”. As duas são moradoras da comunidade São Francisco do bairro Desvio Rizzo, habitado na sua maioria por famílias de baixa renda. Uma delas estava grávida de sete meses, porém sem condições de comprar roupas para o bebê, assim que nascesse. Ela já é mãe de dois filhos e está desempregada. Damiana alegou que no momento não tinha peças infantis prontas, no entanto, que poderiam voltar em quinze dias, pois iria arrecadar roupas.

Intriguei-me com o fato, primeiramente por impactar um local frequentado por participantes, na sua maioria, brancas e não pertencentes a famílias de baixa renda. Tratava-se de duas mulheres com perfil distinto das do Clube. Senti certo desconforto por parte das integrantes, pois pareciam não estar à vontade ao receber essas duas mulheres. Ficaram sérias e olhavam-se entre si. Pensei: “Mas essas mães não são a razão para as ações solidárias do Clube? Não é o ‘público-alvo’ das doações? Por que então aquela postura?” Talvez, eu esperasse uma atitude mais hospitaleira na ideia de que mostrar-se afável aos/às mais “carentes” fosse natural.

A situação resultou na abordagem da pobreza social nos grupos de discussão. Em todos os grupos, ao tratar do caráter assistencial, problematizei a temática, perguntando inicialmente às componentes dos GDs, se já haviam enxergado os rostos das mulheres e das crianças que recebem as doações produzidas pelo Clube, como foi, o que sentiram e como compreendem a situação de pobreza vivenciada por essas mães.

A pesquisadora indaga se já viram os rostos das mulheres ao receber doações do Clube, como foi o momento e o que sentiram. Iris comenta que não tem como, pois as peças doadas ao hospital são entregues diretamente no hospital. Lavanda acrescenta que elas procuram a assistência social do hospital para entregar em suas mãos. A entrevistadora então perguntou se em algum outro momento vivenciaram entregar roupas ou alimentos às famílias. Lavanda e Lis comentaram que não. A entrevistadora segue a discussão, pedindo como cada uma

enxergava a pobreza que essas mães e como vivem as famílias. Lavanda inicia respondendo que há muitos anos atrás ajudava quatro famílias através do grupo Promoção Humana da paróquia, levando roupas e alimentos. Além disso, ensinava as mulheres a cozinhar, lavar e secar roupas, mas ela se cansou, pois elas não queriam aprender. Lis concordou, argumentando que a maioria dessas mães não querem aprender. Lídia retomou o exemplo, descrevendo que outras duas conhecidas suas foram trabalhar nessas mesmas famílias e as cenas que enxergaram eram das crianças sujas e mal-vestidas e a mãe toda formosa com o “cigarrito” na mão. Mesmo insistindo em ensinar, desistiram, pois não havia retorno. Para ela, quanto mais as pessoas ajudam, mais essas mães se acomodam. Lis argumentou que essas mães de família de baixa renda não trabalhavam porque não queriam e também porque tem medo de sujar as mãos. Outro dia, ela estava caminhando pelas ruas do bairro próximo ao Clube e cansou de catar latinhas de refrigerante que encontrava no meio do caminho. Segundo ela, se juntar quilos e quilos de latinhas, é possível juntar grana. O que custa, então, sujar as mãos e juntar latas? Não custa nada, pois, depois ao chegar a casa podem lavar as mãos. Ela ainda se pergunta o quanto de gente que precisa de dinheiro, mas passa por latinhas e não junta de relaxado e preguiçoso (GD1, interpretação formulada, linhas 290-344).

As integrantes incluem no debate, suas opiniões sobre programas sociais como o Bolsa Família¹⁸, destinado às famílias em situação de pobreza e extrema pobreza:

Para Lavanda, programas sociais como Bolsa Família e Vale gás, deixam as pessoas que recebem mais acomodadas. Segundo Lis, estragam as pessoas. A entrevistadora questionou se elas interpretavam dessa forma, mesmo sabendo que o valor do Bolsa Família gira em torno de 80 reais. Lavanda respondeu que as famílias se acomodam e não trabalham, pois ganham cesta básica, 80 reais por filho e vale gás. A entrevistadora perguntou se as famílias às quais elas doam peças de roupas são famílias que recebem o auxílio governamental. Lis e Lavanda dizem que não sabem. Lavanda, logo após, explica que se uma família tem três filhos, ganhará mensalmente 240 reais, então devem pensar “porque trabalhar se ganho 240 reais por mês?”(GD1, interpretação formulada, linhas 345-364).

Pergunto: na tensão gerada pela temática, mesmo expondo essa opinião, por que insistem em doar a essas famílias?

¹⁸ Programa federal destinado às famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, com renda per capita de até R\$ 154 mensais, que associa à transferência do benefício financeiro do acesso aos direitos sociais básicos - saúde, alimentação, educação e assistência social. Através do Bolsa Família, o governo federal concede mensalmente benefícios em dinheiro para famílias mais necessitadas”. Cf. site: <http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/bfa.asp>

A entrevistadora as indaga por que, mesmo pensando dessa forma e mesmo sabendo a realidade, elas insistem em doar roupas a essas pessoas que, quanto mais ganham, mais se acomodam. Após uma breve pausa, Lis alega que é por amor ao próximo, pois as integrantes sabem quando uma criança passa frio e necessita de roupa; que é crime, deixar uma criança passar frio e dói o coração como mãe e avó. Ela faz memória de quando era criança e ia para escola de tamanco ou descalço, porque seus pais não tinham dinheiro para comprar um tênis e que recebia roupas das suas primas para se vestir. Então, se já passou por isso, tem roupa em casa, por que deixar pessoas passando frio? Para Lavanda, as roupas feitas pelo Clube são muito boas, mas as mães não cuidam do que ganham (GD1, interpretação formulada, linhas 365-400).

Mas a pergunta fica: Por que, mesmo diante dessa compreensão, insistem em doar? Há empatia com as mães sem condições financeiras de arcar com os gastos dos seus bebês recém-nascidos? Ou a sensibilidade é apenas com as crianças? Por que responsabilizam as mulheres, mães dessas famílias, pela pobreza em que vivem?

Os depoimentos aproximam-se da lógica assistencialista, na qual muitos Clubes de Mães no Brasil se inserem. Aliviam o sofrimento físico e até mesmo espiritual dos mais pobres, sem questionar os privilégios das classes dominantes, interessadas em perpetuar o sistema econômico de exploração social. Culpam os miseráveis pela sua condição, ao não se esforçarem para mudar suas vidas ou ainda, ao se acomodarem por receberem políticas de distribuição de renda, como o Bolsa Família. Ignoram que essas pessoas fazem parte da classe trabalhadora precária, para quem as possibilidades laborais no mercado formal são praticamente inexistentes. Reproduzem os papéis tradicionais de gênero, ao atribuir apenas à mãe a tarefa de cuidadora da família e, assim, a responsabilidade pela situação de vulnerabilidade social que se encontram. Desconsideram a presença do pai ou do companheiro da mãe. Essa visão decorre da construção social histórica, da qual as mulheres pobres como donas de casa competentes, boas esposas e mães responsáveis são o principal pilar da família de classe popular (SANTOS, 2014).

Há, também, de relacionar essas falas com a representação do ideal feminino na figura tradicional de Maria, que as impulsiona para a virtude da modéstia, da humildade, da aceitação, para o sofrimento e a resignação. As mulheres trabalham visando, conforme Zanlochi (200, p. 190), “compensar uma ordem social carente de solidariedade, do que agir diretamente num processo de construção da dignidade

humana. [...] assumem-se como mediadoras de uma eterna esperança que acaba por se transformar em resignação.”. Ainda, segundo a autora:

organizadas para operar pela moralização e pelos bons costumes, preservam esse pressuposto sem levantar qualquer questionamento ou verificar a quem estão servindo. No fundo, elas estão certas de que suas práticas religiosas são a única maneira de testemunhar o evangelho no mundo. Não distinguem a diferença entre uma obra assistencial e o processo do resgate social. (ZANLOCHI, p. 191).

No GD2, o aprofundamento sobre as doações resultou na reflexão da ajuda temporária do Clube de Mães aos imigrantes haitianos e senegaleses.

Caxias do Sul, uma “cidade de migrações contínuas” (PIONEIRO, 2014), segundo a socióloga Vânia Herédia (2014), recebeu no final da última década migrações internacionais com características culturais distintas aos ciclos migratórios anteriores. Inicialmente, foi colonizada por imigrantes italianos, em seguida recebeu migrantes de localidades próximas e no decorrer do século 20, famílias da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, populações do norte e nordeste além de pequenas parcelas da América Latina. Recentemente, recebeu cerca de três mil haitianos e senegaleses (PIONEIRO, 2015), em busca de trabalho para uma nova vida.

A vinda dos/as imigrantes da América Central e África repercutiu no cotidiano da cidade. Para os/as interessados/as no crescimento econômico, foi positiva a chegada da nova mão de obra. No entanto, também representou, segundo Herédia, ameaças “no conservadorismo de muitos, preocupados com a manutenção de um *status quo*. [...] Associado a esses medos de perdas, ainda apareceram os preconceitos, as dificuldades de aceitar novas realidades, característica frequente de sociedades conservadoras” (PIONEIRO, 2014).

Nesse contexto, a Igreja Católica local, movimentou-se na defesa dos/as novos/as imigrantes, auxiliando-os/as na garantia dos direitos básicos como habitação, emprego, saúde e escola. Tanto a Pastoral do Imigrante, ligado à Diocese de Caxias do Sul, como o Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, assumiram a acolhida e passaram a envolver-se nas demandas dos/as imigrantes.

Foi no bairro Desvio Rizzo, sede do Clube de Mães, que se centralizou o acolhimento aos/às recém-chegados/as. O CAM, com funcionamento no bairro, recebeu diversos/as haitianos/as e senegaleses/as em sua sede. Além disso, a

Diocese, por intermédio do então pároco, Padre Gilnei Fronza e da Irmã Maria do Carmo, coordenadora do Centro, passaram a manter uma casa para abrigar senegaleses/as sem local para morar.

O Clube de Mães, juntamente com a paróquia e o CAM, contribuíram doando roupas e alimentos, não somente para os/as senegaleses/as abrigados/as no bairro. Segundo as mães do GD2:

Dália cita que o Clube ajudou muito os haitianos e senegaleses com roupas e acolchoados. Malva reforça que foi doado bastante. Inês recorda que no ano passado o frio foi maior e assim elas arrecadaram muitas roupas de inverno e que os imigrantes iam até o grupo para buscar as doações. Malva acrescenta que, além de roupas e sapatos, eles buscam no grupo alimentos como pão e frango. A entrevistadora comenta que a Irmã Maria do Carmo e o Padre Gilnei as tem ajudado. Malva elogia que o trabalho da Irmã é admirável. (GD2, interpretação formulada, linhas 217-235).

A ação do Clube de Mães contrastou com a xenofobia manifestada na cidade. Conforme Irmã Maria do Carmo, em entrevista ao *Sul 21* (2014), o/a novo/a migrante no Brasil é negro/a e a xenofobia misturou-se ao racismo já existente, intensificando o preconceito com os/as recém-chegados/as ao país.

Ao questionar as mulheres do grupo de discussão sobre suas opiniões quanto às novas imigrações, desenrolou-se um paralelo entre a imigração italiana, da qual suas famílias participaram, e as haitianas e senegalesas:

A pesquisadora, após o grupo levantar suas ações em prol dos imigrantes, pergunta a opinião de cada uma, referente às imigrações recentes. Malva responde que se coloca no lugar dos seus pais, também imigrantes. Quando sua mãe partiu da Itália para o Brasil com sua avó e mais três irmãos, foi acolhida pela comunidade em Cotiporã. Para ela, as pessoas não devem ser contra, pois como ela, muitos têm pais, avós, bisavós que também foram acolhidos quando vieram da Itália. Malva ainda chama os imigrantes de “nossos irmãozinhos”. Tulipa comenta que mesmo que doa, no grupo há mulheres que acham ruim a vinda dos senegaleses e haitianos para cá. Dália acredita que elas têm que ajudar, já que muitos não conseguiram emprego. Malva relembra novamente a acolhida dada à sua família e questiona aqueles que não ajudam essas pessoas. Tulipa concorda, lembra que seus pais vieram da Itália e foram recebidos na cidade e defende que a melhor coisa é ajudar as pessoas que mais precisam (GD2, interpretação formulada, linhas 236-283).

A relação estabelecida entre as diferentes imigrações pelas mulheres do GD2, revela uma compreensão das circunstâncias históricas que as famílias italianas vivenciaram para a conquista de uma nova condição social, contrária do seu país de origem. No caso, uma compreensão da própria experiência dos/as seus/as antepassados/as. Do mesmo modo que os/as senegaleses/as e haitianos/as, suas famílias que por aqui chegaram ao final do século XIX e início do século XX guardam semelhanças: eram pobres, desesperançados/as pela dura realidade social e econômica, em busca de trabalho e dignidade. Diante disso, elas estimam uma vida melhor aos/às que aqui estão chegando, pois não esquecem que são descendentes também de imigrantes que partiram do seu país, desejosos/as de condições dignas para viver.

Oportuno apontar o papel da Igreja Católica como ponte de integração e inserção cultural dos/as imigrantes na comunidade. Possivelmente, a sensibilidade com os/as novos/as moradores/as é também fruto da mediação das lideranças católicas, Irmã Maria e Padre Gilnei, com as mulheres do Clube de Mães. Mediação possível considerando o laço histórico da moral cristã nos corpos e nas mentes das mulheres. No caso, as participantes do Clube são de tradição religiosa católica, muitas são líderes leigas ou participam de ministérios como da comunhão eucarística e litúrgica. A relação paternalista entre a Igreja Católica e as mulheres favorece, conseqüentemente, o envolvimento delas nas demandas apresentadas pela instituição cristã.

Quiçá, também, a solidariedade e até mesmo o carinho (“nossos irmãozinhos”, segundo Malva) manifestado aos/às imigrantes, diferentemente do desconforto demonstrado às famílias de baixa renda no primeiro grupo de discussão, é consequência do convívio concreto com eles/as. Senegaleses/as e haitianos/as deslocavam-se até o Clube para receber as roupas e os alimentos. Há o encontro, há uma troca afetiva para além da relação dos objetos a serem doados. Cada mulher que os/as recebe, consegue enxergar nos seus rostos, a alegria em receber aquela peça de roupa ou aqueles pães. Consegue relacionar que a alegria surge em função da necessidade de ter um casaco para se aquecer. Há um reconhecimento e recompensa imediatos. Nesse contato, o espaço para julgamentos insensíveis perde força. Suposição que me leva a pensar que se as doações ao hospital fossem somadas a visitas do Clube, talvez as opiniões impiedosas sobre as famílias de baixa renda se transformassem em apreço.

A insensibilidade exteriorizada no primeiro grupo de discussão, não é, certamente, de todas as integrantes do Clube. Como fundamenta Tulipa no GD2 quanto à opinião sobre os/as imigrantes, afirmando que nem todas as mulheres encaram positivamente a vinda dos/as senegaleses/as e haitianos/as à cidade. As participantes, apesar das suas semelhanças - seja na idade, na origem étnica ou ainda na condição social -, possuem discordâncias nas opiniões, revelando a heterogeneidade do grupo. No entanto, a postura mais fria, remete à reflexão das intencionalidades indiretas e diretas do grupo em se reunir e existir. A razão está em encontrar-se e, secundariamente, produzir ações solidárias? O fato trouxe a perspectiva de, que, embora esteja a serviço da solidariedade, o Clube tem também na “terapia ocupacional” para as mulheres, motivos para permanecer atuante.

Mesmo que a empatia “aos/às que mais precisam” apresentada no GD1 não seja semelhante à empatia relatada no GD2 aos/às imigrantes, as integrantes do Clube de Mães mantêm em suas ações beneficentes a postura esperada na mulher, com base na moral cristã: bondade, proteção e cuidado aos filhos, materializadas nos/as mais pobres e nos/as mais sofridos/as da população.

4.4 As aprendizagens narradas

Baseada na minha vivência de observação participante e de grupos de discussão, trago neste subcapítulo as aprendizagens e a(s) experiência(s) narrada(s) pelas mulheres do Clube de Mães, além das suas falas, detalhes observados no período de convivência, carregados de laços gentis, amorosos e cuidadosos. Do convívio da socialização, brotam ensinamentos e aprendizagens. Como afirma Brandão (2007, p. 70):

Não somos quem somos, seres humanos, porque somos “seres racionais”. Somos quem somos e somos até mesmo “racional”, porque somos seres aprendentes. [...] dependemos inteiramente dos outros e de nossas interações afetivas e significativas com eles para aprendermos até mesmo a sermos... pessoas.

Num primeiro momento, aprofundaremos o Clube de Mães como um espaço de companheirismo entre as mulheres que ali se conhecem e se encontram. A amizade narrada e as atitudes de camaradagem observadas são conectadas e refletidas. A segunda parte dedica-se aos ganhos individuais a partir da coletividade

experimentada no Clube. Ancoradas nos vínculos de cooperação construídos no grupo, as mulheres permitem-se conhecer outras e a si mesmas, desinibem-se nos espaços públicos e conquistam autoconfiança e autoestima.

4.4.1 Clube de Mães, o espaço de companheirismo

Em um dos encontros observados, sentada na roda principal com integrantes do Clube que se dividiam entre seus afazeres manuais, fui recebida com entusiasmo por uma participante que trazia uma conhecida sua para iniciar no grupo. Dizia ela com muita alegria: *“Trouxe uma amiga para começar no grupo”*. Espontaneamente, escutei as reações à recém-chegada: *“Mas agora ela é nossa amiga também”*; *“Agora ela é de todas nós”*.

Trazer amigas, convidar conhecidas para passar as tardes das terças-feiras com outras mulheres, eis a maneira como o Clube de Mães Santa Rita de Cássia ganhou integrantes ao longo dos anos de sua existência. As mulheres entrevistadas nos GDs contam que passaram a participar do coletivo por meio de convites daquelas que já atuavam:

A entrevistadora perguntou ao grupo, como cada uma entrou no Clube de mães, como foi essa chegada. Lavanda comentou que foi convidada para uma reunião e passou a frequentar porque gostou. No Clube, cria-se uma amizade como irmãs uma das outras que se estende para além dos limites da sede. Lavanda ligou durante a semana para suas colegas que faltavam aos encontros para saber como estão e por que se ausentaram. Alguns anos atrás, quando ela deixou de participar em razão de doença, sentiu muita falta do Clube. Para ela, o Clube é um espaço em que elas conversam, se distraem e se divertem. Já Iris conta que ao se aposentar como professora foi convidada a participar e rapidamente se tornou presidenta do Clube. Ela descreveu o local como uma diversão, uma maravilha, além de trabalharem bastante. Espera que continue trabalhando no Clube até o fim da sua vida. Para Lis, além das amizades, no grupo se aprende a viver com pessoas diferentes (GD1, interpretação formulada, linhas 401-430).

Do deslocamento que fazem das suas casas até a sede para participar, nasce o gosto de atuar no Clube de Mães:

Ao serem questionadas pela pesquisadora dos motivos que as fazem participar toda a terça-feira do Clube do Mães, Dália e Tulipa comentam que adoram atuar no grupo. Para Malva, o gosto é em função do reunir-

se, do conversar uma com as outras, das tarefas: uma faz bolo, a outra o chá. Passam horas e horas e nem percebem. Já lara diz que tudo isso deve continuar, que elas não podem parar, porque o grupo é muito bom. Elas brincam, trabalham e divertem-se. Dália comenta que faz amizade com pessoas novas, muitas vezes pessoas que ela não conhecia nem de vista. Situação exemplificada por lara, ao citar a amizade entre ela e Macela (GD3). As duas moravam no Rizzo, se viam em alguns lugares, mas jamais conversaram uma com a outra. As duas agora são quase irmãs e se gostam muito (GD2, interpretação formulada, linhas 302-325).

Das conversas, dos aconselhamentos, das trocas artesanais, a amizade entre elas é cultivada e apontada como um grande valor do Clube, exercendo o papel de importante apoio em meio às fragilidades de saúde física e emocional, que muitas enfrentam.

A pesquisadora convidou as integrantes a pensarem como cada uma passou a atuar no Clube de Mães. Linhaça respondeu que faz 25 anos que está no grupo e não sai porque ali se fazem novas amizades, conversam bastante além de trabalhar. Segundo Linhaça, as mulheres não ficam paradas como às vezes se fica em casa pensando besteiras. Ela ainda comentou que é a atual responsável por fazer pão. Já Sálvia não participa há muito tempo, pois trabalhava. Mesmo assim o Clube sempre chamou sua atenção, especialmente pela atuação na Festa da Uva. Quando se aposentou, correu para participar, pois imaginava que ia fazer novas amizades e aprender manualidades que não sabia fazer. Macela, que está há menos de dois anos, comenta que admirava o trabalho do Clube, no entanto, não conhecia ninguém. Foi convidada a participar depois que uma amiga sua iniciou. Ela relatou ainda que a vida toda foi dona de casa e estava num momento de depressão quando foi chamada a participar. Através do espaço, percebeu que poderia ser útil, além de sentir-se menos sozinha. Em pouco tempo, recebeu muito carinho, novas amizades e percebeu o quanto isso tudo fez bem para sua vida. Até chegar a terça-feira, Macela fica ansiosa para reunir-se novamente com as mulheres, nessa troca de dar e receber. (GD3, interpretação formulada, linhas 1-37).

O exemplo de Macela não é único. Iris e Dália também relatam o aconchego no grupo em momentos angustiantes:

Iris comentou que lecionava desde os vinte anos e após se aposentar, passou a ir todas as terças-feiras no Clube. Mesmo quando seu marido faleceu, não deixou de participar. Ela recordou que um dos momentos mais difíceis da vida dela, foi quando sua filha ficou doente e acabou morrendo. Se não fosse o apoio das mulheres do Clube de Mães, Iris não sabe como enfrentaria essa tristeza. (GD1, interpretação formulada, linhas 303-521).

Para Dália, o Clube de Mães segurou-a em pé no momento em que sua filha estava com uma doença de visão. Teve que tomar remédio para depressão, no entanto relata que quem não a deixou cair foram as mulheres do grupo. As orações por sua filha e o apoio em palavras e presença, transformaram-nas em seu grande alicerce. (GD1, interpretação formulada, linhas 386-391).

No questionário, destinado às participantes, a amizade e o suporte emocional para períodos tristes da vida, foram apontados pelas participantes como motivos para continuar no Clube, assim como, aprendizagens experimentadas:

Eu participo pela convivência, pela oportunidade de fazer novas amigas, de ajudar em algumas tarefas, como desfiar lã, fazer roupinhas (sapatinhos) e até realizar passeios entre nós. Fico contente em estar junto a outras pessoas que ficam felizes com uma palavra de alento quando estão tristes.

O que me motiva a participar do Clube é a convivência, é fazer novas amizades, reencontrar amigas de infância. Passamos horas agradáveis trabalhando nas comunidades, confeccionando roupinhas e nos divertindo.

Na observação das terças-feiras, o cuidado traduziu-se, também, na preocupação da saúde de uma com a outra. Em um dos encontros, revezavam-se nos trabalhos para ir até o posto de saúde, ao lado da sede, fazer a vacina da gripe recomendada para pessoas acima dos 60 anos. Aquelas que tinham medo eram encorajadas pelas que já haviam feito e em pequenos grupos se deslocavam, ajudando quem tinha dificuldades de caminhar. Além dessa situação, algumas mulheres trazem livros e emprestam títulos entre si, transparecendo a fraternidade do grupo.

Outras integrantes relataram, ainda, nos questionários a troca de aprendizagens experimentada no Clube: *“Aprendi a fazer crochê, mas a maior aprendizagem que tenho no grupo é a troca de ideias e de conhecimento que cada uma possui. Aprendi, mas também pude ensinar”*. Para outra:

Sempre aprendemos alguma coisa, pois somos seres em aprendizagem sempre, e através da participação com as demais colegas, uma ajuda a outra nas dificuldades encontradas, nas receitas para quem gosta de cozinhar e também nas técnicas manuais. Assim nos mantemos sempre atentas e abertas a novos conhecimentos. De quem é?

As conversas, a partilha das dúvidas, das dores, das necessidades, das alegrias, as risadas, o respeito no convívio, os muitos abraços e beijos presenciados nos encontros, o acolhimento e a despedida no início e ao final das reuniões, a divisão dos trabalhos manuais, o chá tomado conjuntamente antes de irem embora, constroem a afetividade coletiva e a satisfação de cada uma em continuar ofertando seu tempo ao Clube de Mães. Sentir-se à vontade, cuidar e ser cuidada, responsabilizar-se pelas tarefas do qual lhes foi confiada, assim como todas as demais, dá continuidade ao aspecto vital do ser humano:

Vivemos sempre uma vida plural, coletiva e solidária. Aprendemos ao longo de muitos milhares de anos a fazer-nos seres humanos, porque bem ou mal aprendemos a conviver. Aprendemos uns com os outros a vivermos juntos, a partilhar entre nós uma vida que, sem esses exercícios de partilha em comum, seria impossível (BRANDÃO, 2005, p. 52).

Do mesmo modo que Hanna Arendt aponta que “nada e ninguém existem neste mundo cujo próprio ser não pressuponha um espectador (ARENDR, 2000, p. 17)”, Lavanda declara a dimensão fundamental da vida de grupo: “*Ah, o clubinho, nós não podemos ficar sem o clubinho*” (GD1, linha 508). “A pluralidade é a lei da Terra” (ARENDR, 2000, p. 17).

4.4.2 A vida antes e depois do Clube de Mães: reconhecer-se nas outras

Ao longo dos diálogos nos grupos de discussão, o lugar que o Clube de Mães ocupa na vida das mulheres foi intensamente explícito. Além da amizade cultivada, percebeu-se também a transformação nas individualidades de cada integrante, fruto da vida coletiva e solidária. Ao indagá-las sobre a vida antes e depois da participação do Clube, diversas mulheres dos grupos de discussão apontam mudanças, especialmente na quebra em sair, ao menos uma vez por semana, dos seus lares:

A entrevistadora, ao perguntar sobre as mudanças após a participação e como era a vida antes e depois do Clube, escutou repetitivamente de Lis que sua vida era de dona de casa; que começou a participar do grupo pra sair ao menos uma vez por semana, já que passava manhã, tarde e noite dentro de casa (GD1, interpretação formulada, linhas 430-445).

Para Iara, após entrar no Clube de Mães, sua vida transformou-se radicalmente. Ela não saía de casa, somente para trabalhar, era

encabulada, não conversava com as pessoas, tinha suas conhecidas, mas não era como as amizades cultivadas no grupo. Já Malva comenta que deixa os afazeres domésticos para passar umas horas na sede. E mesmo quando seu marido (recém-falecido) estava doente, achava que não podia faltar no grupo. Já Tulipa comenta que só pode participar do grupo depois que seu marido faleceu, pois antes tinha que cuidá-lo (GD2, interpretação formulada, linhas 326-343).

Sálvia relata que o grupo a tornou mais confiante nos desafios que encara cotidianamente; que em grupo, pode-se pensar melhor nas soluções dos problemas. Ela comenta, ainda, que pensar na sua vida antes e depois do Clube a fez refletir o quanto as mulheres que ela conhece, ficam sempre no casulo, em casa e não se abrem. Embora ela mesma participe há anos do grupo de cantos da paróquia (GD3, interpretação formulada, linhas 50-57).

Segundo os relatos, se não fosse o Clube de Mães, a vida dessas mulheres continuaria dentro das suas casas com seus afazeres domésticos. De um simples passatempo, o grupo as torna notáveis:

Macela relata que não sabia montar edredom e com paciência, lara foi lhe ensinando. Hoje, ao saber fazer os acolchoados para serem doados em seguida, a faz perceber como ela é capaz e pode ser útil. O pouco tempo que passa no Clube é o suficiente para se sentir muito bem, útil e reconhecida. Ficar em casa para ela é sinônimo de ficar trancada o dia inteiro, fazendo as mesmas coisas e passar despercebida. No grupo é muito diferente, pois há pessoas que dão um sorriso amigo, que te ajudam e que ajudam outras pessoas. O pouco que fazem já é muito. E isso a faz se sentir bem (GD3, interpretação formulada, linhas 58-72).

Assim como ela, outra integrante apontou sentimento semelhante: “O grupo fez eu me sentir mais útil”. Sobre o depoimento de Macela, faz ainda mais sentido quando aprofunda sua vida, após a entrada no Clube de Mães:

Macela expõe que nunca trabalhou fora e sempre esteve com seus filhos. No entanto, chega um momento em que eles crescem, vão para o mundo e a solidão bate à porta das mulheres; Ela se sente um ninho vazio, pois a vida toda fez seu papel de mãe. Comparava ainda as mães que têm profissão no mercado de trabalho e sentem-se culpadas por não darem tanta atenção aos filhos. Mesmo que ela não tenha trabalhado fora de casa, dedicando-se integralmente aos filhos, a culpa a persegue hoje por se sentir sozinha. Macela fala para si mesma que quis ser mãe, mas agora sente culpa, pois os filhos se foram e ela está só. (GD3, interpretação formulada, linhas 223-234).

As narrações das participantes são carregadas de particularidades das mulheres que passam a vivenciar o período do envelhecimento, depois de uma vida dedicada aos cuidados com os/as filhos/as e o marido, trabalhando fora e/ou dentro de casa. Cabe recordar que a maioria das participantes do Clube possui o perfil de uma mulher, além dos 60 anos. A mulher que envelhece, após uma vida consumida essencialmente como mãe e esposa, passa a vivenciar “outro tempo que se abre diante dela” (BEAUVOIR, 2009, p. 764). É quando se percebe diante de si mesma, não mais como mãe, uma vez que seus/suas filhos/as já cresceram e deixaram o lar, tampouco como esposa, porque “sua carne já não é mais fresca ao seu marido”:

Dispensada de seus deveres, ela descobre enfim sua liberdade. Infelizmente, na história de cada mulher, repete-se o fato que constatamos durante a história da mulher: ela descobre essa liberdade no momento em que não encontra mais o que fazer com ela. Essa repetição nada tem de um acaso: a sociedade patriarcal deu a todas as funções femininas a figura de uma servidão; a mulher só escapa da escravidão no momento em que perde toda a eficiência. [...] Só lhe ensinaram a dedicar-se e ninguém reclama mais sua dedicação (BEAUVOIR, 2009, p. 766-767).

O sentido dos sacrifícios feitos ao longo de suas vidas se esfacela em face de si mesma, sem ter para quem recorrer, ela diante dela. O processo, no entanto, para reconhecer o esgotamento do seu papel de mãe e esposa, é dolorido para muitas mulheres, transformando-se em quadros de depressão para algumas. Sente-se um “ninho vazio” dentro de sua casa, pouco sai porque pouco saía, além de perder a utilidade diante dos/as filhos/as e marido. Sente-se sozinha, pois aprendeu a renunciar a si mesma. A ideologia do sacrifício, âmago da cultura patriarcal, produziu nas mulheres, segundo Gebara (2000), uma educação à renúncia. Assim é preciso renunciar “ao prazer, aos próprios pensamentos, aos sonhos, á própria vontade, para colocar-se a serviço dos outros ou viver segundo os outros. Em certo sentido, as mulheres são feitas para servir aos outros” (GEBARA, 2000, p. 135).

A idealização do próprio sacrifício pelos outros se vincula ao sentimento da culpa tão vivenciado pelas mulheres. A própria narração de Macela expõe uma culpa que carrega. Há mulheres que se culpam e são culpadas, simultaneamente, por não dar a atenção exigida aos/as filhos/as ou quando dão, sentem-se posteriormente culpadas por perceberem-se só. Uma culpabilidade existencial:

É um sentimento, uma experiência profunda de um peso íntimo que se sobrepõe à vivência de certos acontecimentos. É como uma distância entre o eu próprio e o próprio eu, uma ferida interior, uma não coincidência entre

o que sou e o que eu gostaria de ser, um desacordo, entre a imagem que tenho de mim mesma e a imagem que corresponde à expectativa social ou familiar. (GEBARA, 2000, p. 137).

A culpa, alimentada pelo patriarcado, não se baseia no real da existência ou da responsabilidade da mulher. Segundo Gebara (2000, p. 140), a “culpabilidade patriarcal se forma, na maioria das vezes, a partir de um eu ideal ou de uma situação à qual não se pode corresponder concretamente. É uma culpabilidade muitas vezes estereotipada, pré-fabricada, ideologizada”, que vigia a existência das mulheres ao julgar seus passos diante da imagem idealizada. Uma força vigorosamente presente, visto que é:

veiculada pelos meios de comunicação de massa, pela cultura estabelecida, pelas religiões do dever e da ordem, pelos sistemas de poderes, político e econômico. Ela entra em nossa vida pela educação recebida, pela cultura na qual vivemos, através de nossa história pessoal. Nós a recebemos e reproduzimos nas nossas relações, quase sempre sem nos darmos conta de sua reprodução. Ela se torna um *habitus* no qual vivemos e entramos em relação com os outros. (GEBARA, 2000, p. 140).

Sair do silêncio, pensar a própria vida, apropriar-se do que se é, são caminhos para sair do círculo da condenação. E essa busca por si, para despertar o seu valor enquanto humana, as fazem participar do Clube:

Lis indaga que, se seu marido trabalha fora e ela, então, fará o que dentro de casa? Se estressar? Os filhos já cresceram, seguiram seus rumos e não tem como viver a vida deles. Ela precisa de uma opção de vida, por isso vem ao Clube (GD1, interpretação formulada, linhas 488-493).

O grupo torna-se um espaço de se encontrar através do reconhecimento na outra. Possivelmente muitas mulheres convidam outras, visto que encontraram no Clube de Mães a si mesmas e chamam aquelas que estão passando por processo semelhante. A transformação de si própria é referência para oferecer uma boa oportunidade para a outra. Os ganhos surgem e foram expostos nos GDs:

Lavanda comenta que o Clube deixa as mulheres menos nervosas. Elas vêm aqui, passam uma tarde, vão para casa e são outras pessoas. Ir ao Clube é parte da sua vida e a vida mudou. Para Iris, muda a vida e ao menos uma vez por semana, as tardes são boas. A entrevistadora questiona se as outras tardes da semana não são prazerosas. Iris responde que é bom estar em casa, mas é muito melhor sair, se divertir. Lavanda afirma que enquanto se vê tantas pessoas deprimidas, no grupo, elas procuram não ficar deprimidas. Lis acrescenta que no grupo não há

tempo para se deprimir, porque há sempre algo para fazer, para trabalhar, amigas para conversar. Segundo Iris, a cabeça trabalha no grupo, há sempre o que fazer. (GD1, interpretação formulada, linhas 446-472).

lara relembra que não saía de casa e ao começar no Clube tornou-se outra pessoa. Passou a conversar mais com as pessoas, a participar de outros grupos e a fazer ginástica. Sua vida era um pesadelo e só tem a agradecer ao Clube de mães pela vida nova. Já Malva expõe que era muito acanhada, embora participasse das missas, jamais fazia, por exemplo, uma leitura bíblica em público. Agora ela lê durante o rito católico em razão de ter perdido a vergonha. Dália revela que era nota zero, porque quando era pequena era gaga e as pessoas riam muito dela. Até hoje gagueja quando está nervosa, mas já não se sente deprimida por isso. Tulipa comenta que desde criança é tímida e elogia como Malva lê nas missas. lara responde que ainda não tem coragem de ler em público e Malva a encoraja que um dia ela irá conseguir e conclui que as mulheres têm que ser largar aos pouquinhos para criarem coragem na vida. (GD2, interpretação formulada, linhas 392-413).

Malva opina que as mulheres têm que falar o que pensam. lara concorda e comenta que tempos atrás ela não podia falar o que pensava, diferentemente de hoje em que fala o que pensa. E no grupo tem quem ouve, tem quem dê atenção ao que cada uma delas pensa. Malva concluiu que é tão bom se reunir, brincar, contar história e piada. (GD2, interpretação formulada, linhas 477-482).

A integração manifestada nas palavras narradas nos grupos de discussão, bem como nas situações observadas durante os encontros, expõe a importância das relações interpessoais na re-criação da relação de si para consigo mesma. A alteridade possibilita descobrir na outra a identidade própria: a outra, que não sou eu, pode dizer de mim e revelar quem sou.

As mulheres, envoltas em uma cultura patriarcal que lhes ensinou a renunciar a si mesmas, encontram possibilidades de re-integração das dimensões da sua vida. Re-começam porque o conflito as leva a de encararem-se consigo mesmas e, as leva a re-inventarem a própria vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo, ao investigar a produção de sentidos do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, interrogou uma representação aparentemente harmoniosa como uma trama complexa e contraditória. Por meio da observação, das entrevistas coletivas e individuais analisou-se experiência das mulheres no grupo a partir da categoria *madresposa*, figura ambígua trazendo as experiências cotidianas narradas pelas mulheres.

A metodologia adotada – Observação Participante e Grupos de Discussão – em conjunto do Método Documentário e os referenciais teóricos para a interpretação, permitiu explorar o problema de pesquisa para além das suspeitas iniciais abordadas na qualificação. Dessa primeira escrita, para a presente dissertação, é visível meu amadurecimento na abordagem investigativa após o caminho metodológico percorrido.

Antes do contínuo convívio nas terças-feiras, considerava o Clube de Mães um espaço exemplar da subordinação e opressão patriarcal vivenciada pelas mulheres. Nas primeiras visitas, dificilmente conseguia ver algum processo de autonomia fomentado na vida de cada uma. Enxergava legítimas *madresposas* reproduzindo seus papéis de servidão voluntária de modo público e não mais privado, como nos lares. Com o contato direto e cotidiano, o olhar foi aos poucos se transformando. Passei a compreender as histórias de cada uma, especialmente das entrevistadas; reconheci mulheres cientes de sua condição, mas que nem sempre puderam ter maior poder de decisão sobre sua própria vida; captei que mesmo sujeitas às vontades do marido, muitas mulheres criam estratégias para conseguir o que desejam, além de presenciar uma intensa busca de si no coletivo.

Entre os objetivos da pesquisa, a identificação das aprendizagens e as experiências narradas nas histórias individuais e/ou grupais, assim como o registro de aspectos da história do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, foram alcançados a partir das falas das participantes, da análise da observação dos encontros e, no caso da história, com reportagens de jornais da região pesquisados em centros de documentação e memória. A história narrada visibilizou a trajetória do grupo. No entanto, a perda de documentos, como a ata de fundação e a ausência de uma sistematização dos arquivos do grupo, limitou o aprofundamento de uma trajetória histórica mais detalhada.

Quanto à identificação dos movimentos do que seriam as permanências e/ou as rupturas (alternativas emancipatórias) narradas por essas mulheres, assim como o objetivo mais geral da análise desses movimentos na representação da *madresposa*, foram atingidos no decorrer da prática metodológica, particularmente das entrevistas coletivas somada à assimilação dos referenciais teóricos no processo de escrita da dissertação.

A compreensão das vivências das integrantes no Clube de Mães, bem como a condição de mãe e esposa ao longo das suas vidas, parte primeiramente das condições sócio históricas por elas herdadas. A partir da escuta das falas e das situações observadas, constata-se que *ser de alguém e para outros* foi elemento que incidiu na produção da subjetividade dessas mulheres. O amor aos filhos e às filhas e a dedicação ao marido, como traços da *madresposa*, fizeram parte da educação recebida em seus contextos.

No Clube de Mães, as mulheres pesquisadas passam a participar, especialmente depois da redução das muitas jornadas de trabalho encaradas em suas vidas. Casadas e mães, ocuparam-se da educação da prole, do amor conjugal e dos afazeres domésticos. Muitas dividiram seu tempo, além disso, em empregos formais. Existiram para os outros e destinaram suas vidas à felicidade familiar. Como pontua Marcela Lagarde (2011, p. 402):

Las mujeres internalizan la carencia y psicológicamente buscan la plenitud y la completud en *los otros*. Se trata de la dependencia vital: emocional, afectiva e intelectual de cada mujer, y corresponde con su dependencia en los otros aspectos de la sociedad y de la cultura, tanto individuales como de grupo.

La carencia y la dependencia vital son los mecanismos en los que se funda en consenso otorgado por las mujeres a su especialización vital, y con ella al sustrato de la hegemonia política y cultural que se funda en su propia opresión: la hegemonia patriarcal.

A procura por um grupo para participar, após a entrega intensa às multitarefas, parte de certo esgotamento do seu papel enquanto mães e esposas, da dependência vital apontada por Lagarde. Com a prole já crescida e partida da casa, não há necessidade de responsabilizarem-se com o cuidado maternal. O marido já falecido ou a rotina assexuada da vida matrimonial as considera ainda mais dispensáveis do lar. A aposentadoria acentua, igualmente esse outro momento que se instala diante delas. Se antes eram extremamente fundamentais para a sustentabilidade dos membros da família, tornam-se pouco necessárias e

irrelevantes. Se suas vidas eram sacrificadas aos *outros*, os *outros* já não exigem mais seus sacrifícios. Passam a encarar-se perante si mesmas. O grupo transforma-se na procura do *eu*, a fuga de uma vida dos *outros*.

Ao participar, envolvem-se nos trabalhos manuais artesanais característicos do grupo e ficam felizes ao saber que ajudam outras pessoas através de suas produções. Junto dos atos de costurar, bordar, tricotar, a experiência das suas vidas, especialmente da maternidade, é partilhada entre as demais integrantes. Prosear e produzir resulta em ação cotidiana do grupo que oportuniza conexão social entre as pessoas. As amizades que ali se constroem, amenizam os sentimentos de tristeza e conflitos que a vida lhes apresenta. No compartilhamento do trabalho artesanal e dos afetos trocados, as mulheres passam a se enxergar uma nas outras. Os fardos e as alegrias que cada uma carrega são semelhantes aos das outras. Na relação com as *outras* não há espaço para a renúncia e sacrifício de si mesmas. Com as *outras* reconstroem a si, pessoal e coletivamente. Na busca por si encontram a *outra*.

As narrativas das integrantes do grupo indiciam brechas orquestradas pelas próprias entre as tramas das normas exigidas e do vivo. A participação no Clube de Mães, rompe laços da carência e da dependência vital das mulheres, construídas pelo e em prol do patriarcado, citado por Lagarde (2011). Dueto de dependência: os *outros* dependem de seus serviços, e elas dependem deles para viver, visto que preenchem seus papéis como esposa e mães. No Clube, elas se procuram, passam a enxergar-se e convivem com as *outras*, descobrindo a felicidade no encontro coletivo. Cada amizade conquistada, é como um presente ganho. Anteriormente, a convivência baseava-se na dependência desproporcional, sugadora e negadora das suas individualidades. No grupo, o convívio é outro e se constrói no que cada uma carrega, assim como na socialização das aprendizagens. A construção da autonomia ocorre à medida em que as mulheres se tornam sujeitas da própria vida e a redirecionam. O que não significa o descarte das determinações externas, mas a capacidade de orientá-las a partir da sua vontade própria.

No entanto, as rupturas da *madresposa* convivem com as permanências. Há continuidade no papel tradicional das mulheres mediante o cuidado com os *outros*. Os *outros*, porém, não são mais seus filhos biologicamente legítimos, muito menos seus esposos. Novos rostos reconfiguram os *outros*. O amor ao “próximo” e aos “mais necessitados”, especialmente crianças, descende do amor maternal. As

participantes quando se encontram, dedicam-se imensamente às produções artesanais, posteriormente doadas a entidades sociais da cidade. E gratuitamente, como era nos seus lares.

O poder público aproveita-se da “vocação feminina” ao amor benevolente, voca o historicamente construída, beneficiando-se das a es que nascem do discurso mantenedor da representa o tradicional das mulheres. A ele, ao poder público, lhe interessa a perpetua o da gratuita “bondade feminina”, pois deixa de responsabilizar-se pelas necessidades da popula o de baixa renda. As doa es realizadas pelos mais diversos Clubes de Mães espalhados pelo Brasil, substitui a obriga o do Estado em promover políticas para as famílias excluídas economicamente da sociedade.   a lógica assistencialista, que se perpetua há muitos anos no país, incumbindo as mulheres, envoltas no amor maternal (e também cristão), o papel de levar caridade para as camadas mais pobres da sociedade e negligenciando as atribui es do Estado. Tal valoriza o do trabalho voluntário das mulheres dos Clubes por parte do poder público, entidades e sociedade no geral  , no fundo, um elemento da domina o patriarcal.

E algumas das próprias integrantes do grupo Santa Rita de Cássia condizem com os limites culturais que o patriarcado lhes impõe. Fortalecem em suas falas a compaixão pelos/as que “mais precisam”, no entanto, não os/as reconhecem como dignos/as de receber políticas capazes de tir -los/as da pobreza. Não os/as compreendem como indivíduos resultantes de um sistema econ mico que explora e gera injustiças sociais. Porém, a reflexão em rela o aos/às imigrantes senegaleses/as e haitianos/as, manifestou-se com aspectos divergentes. Além de certificar a diversidade de ideias das mulheres, a distinta opinião revela uma compreensão das circunstâncias históricas que as famílias italianas vivenciaram para a conquista de uma nova condi o social, ou seja, uma percep o da experiência dos/as seus/as antepassados/as. Assim como os/as novos/as imigrantes, suas famílias que chegaram   região no final do século XIX e início do século XX eram pobres, desesperançados/as pela dura realidade social e econ mica, em busca de trabalho e dignidade. Deste modo, elas desejam uma vida melhor aos/às que aqui estão chegando, pois sabem que seus/as descendentes, também imigrantes, almejavam condi es dignas para viver.

Do gosto em ajudar as outras pessoas, mas também de inseguranças e apreensões, as participantes fazem as a es e os encontros acontecerem. Sentem-

se contentes pelo encontro uma com a outra que gera solidariedade a outras pessoas. Apresentam potenciais para irem além, no entanto, são marcadas pelos comportamentos atribuídos às mulheres há séculos. As muitas histórias individuais presentes no grupo perpassam outras vidas, que recorrem à vida de grupo com outras mulheres para tecer suas autonomias, negadas na vida familiar.

REFERÊNCIAS

1) Bibliografia geral

ANJOS, Gabriele dos. Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 31, p. 509-534, jul/dez. 2008.

BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Tradução de Waltesin Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARTRA, Eli. **Rumiando en torno a lo escrito sobre mujeres y arte popular**. La ventana [online], Guadalajara, v. 3, n. 28, p. 7-23, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8.ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENEDUZI, Luiz Fernando. **Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BERGER; Chrise; HEUSER, Vanessa. **Imprensa Feminista**. In: COLLING, Ana Mara; TEDESCHI, Losandro A. (Org.). *Dicionário Crítico de Estudos de Gênero*. Dourados: EDUFGD, 2015.

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. **O método documentário na análise de grupos de discussão**. In: PFAFF, Nicolle; WELLER, Wivian. (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática*. Vozes: Petrópolis, 2010.

BOFF, Leonardo. **Quarenta anos da Teologia da Libertação**. 09 agost. 2011. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>. Acesso em 18 out. 2015. Blog: Leonardo Boff.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável**. Brasília: 2 ed.: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.

_____. **O voo da arara-azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental**. Campinas: Armazém do Ipê, 2007.

CARRASCO, C. **A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres**. In: FARIA, Naler; NOBRE, Miriam. *Produção do viver. Cadernos SOF*, São Paulo, p. 11-49, 2003.

Caxias do Sul tem mais de 2,3 mil haitianos e senegaleses com cartão SUS. Pioneiro. Caxias do Sul, 22 de janeiro de 2015. Em <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2015/01/caxias-do-sul-tem-mais-de-2-3-mil-haitianos-e-senegaleses-com-cartao-sus-4685824.html>> Acesso em em 17 de outubro de 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

DE CARLI, Ana Mery Sehbe; BRISSOTTO Paula Andrea Meirelles; LIMA, Roberta. **Artesanato: um valor cultural a preservar**. In: 10º COLÓQUIO DE MODA - 7ª EDIÇÃO INTERNACIONAL 1º CONGRESSO BRASILEIRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA, 2014, Caxias do Sul. Anais eletrônicos... Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2014. Disponível em: < http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-moda_2014/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO8-SUSTENTABILIDADE/CO-Eixo-8-Projeto-Um-Bem-Cultural-a-Preservar.pdf >. Acesso em: 26 out. 2016.

EGGERT, Edla. **Reconstruindo conceitos na Pedagogia: da não cidadania para a aprendizagem cidadã hoje**. In: STRECK, Danilo R., EGGERT, Edla, SOBOTTKA, Emil A. (org). Dizer a sua palavra: educação cidadã, pesquisa participante, orçamento publico. Pelotas: Seiva, 2005.

_____. **domÉSTICO Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos**. In: STRÖHER, Marga J (Org.). À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

_____. **Trabalho manual e debate temático: tramando conhecimentos na simultaneidade**. In: NEUENFELD, E.; BERGESCH, K; PARLOW, M. Epistemologia, violência e sexualidade, Olhares do II Congresso Latino-americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 65-90.

_____. **Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a Educação**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

_____(Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

_____; SILVA, M. A. **Observações sobre Pesquisa autobiográfica na Perspectiva da educação popular nos estudos de gênero**. Revista Contexto e Educação, v. 26, p. 51-68, 2011.

FAÉ, W. J. **Italianos no Rio Grande do Sul: 1875 – 1975**. Americana – SP, 1975.

FAVARO, Cleci Eulalia. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. Os lenços de namorados. Tradição, Cultura Popular e Afetividade. Fronteiras, Dourado, MS, v. 12, n. 24, p. 151 – 168, jul./dez.2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio. Uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GIRON, Loraine Slomp. **Dominação e subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade**. Porto Alegre: Suliani Letra e Vida, 2008.

JARA H, Oscar. **A Sistematização de Experiências: prática e teoria para outros mundos possíveis**. Tradução de Luciana Gafreé e Silvia Pinevro. Colaboração de Elza Maria Fonseca Falkembach. Brasília: CONTAG, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. Madrid: Horas y Horas, 2011.

LEMOS, Caroline Teles. **Maternidade e religião: entre o ideal do altar-trono de Maria e o real da vida cotidiana das mulheres**. In: LEMOS, Carolina Teles; SOUZA, Sandra Duarte de. A casa, as mulheres e a igreja: gênero e religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

LUCA, Tania Regina de. **Imprensa feminina. Mulher em revista**. In: Nova História das Mulheres. Org. Carla Bassanezi e Joana Pedro. São Paulo: Contexto, 2012.

MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto, operárias de Caxias do Sul - 1900/1950**. Caxias do Sul: Maneco, 1998.

MEDEIROS, Márcia Maria de; ZIMERMANN, Tânia Regina. **Virgem Maria**. In: COLLING, Ana Mara; TEDESCHI, Losandro A. (Org.). Dicionário Crítico de Estudos de Gênero. Dourados: EDUFGD, 2015.

Migrantes de Caxias do Sul apresentam demandas à sociedade em seminário de mobilidade humana. Sul 21. Porto Alegre, 13 de novembro de 2015. Em <http://www.sul21.com.br/jornal/migrantes-de-caxias-do-sul-apresentam-demandas-a-sociedade-em-seminario-de-mobilidade-humana/>. Acesso em 17 de outubro de 2016.

NUNES, Maria José Rosado. **De Mulheres, Sexo e Igreja: uma pesquisa e muitas Interrogações**. In: AMADO, Tina; COSTA, Albertina (org). Alternativas Escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

PANAZZOLO, Capra Marlene. **Pequeno histórico da ACMCS**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paulinhagrassii@gmail.com em 30 julho 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC; 2005.

PINKSKY, Carla Bassanezi. **Imagens e representações 1: a era dos modelos rígidos**. In: Nova História das Mulheres. Org. Carla Bassanezi e Joana Pedro. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Imagens e representações 2: a era dos modelos flexíveis**. In: Nova História das Mulheres. Org. Carla Bassanezi e Joana Pedro. São Paulo: Contexto, 2012.

Professora da UCS fala do fenômeno migratório de haitianos e senegaleses em Caxias. Pioneiro. Caxias do Sul, 17 de maio de 2014. Em <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2014/05/professora-da-ucs-fala->

do-fenomeno-migratorio-de-haitianos-e-senegaleses-em-caxias-4502241.html >
Acesso em 17 de outubro de 2016.

RODRIGUES, M. Conceição. S. **Educar, Assistir, Moralizar: A Experiência dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte - CE (1960-1990)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

ROUSSEAU, Jean Jackes. **Emílio ou da Educação**. (trad. Sergio Millet) São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANT' ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpo e beleza: "Sempre bela"**. In: Nova História das Mulheres. Org. Carla Bassanezi e Joana Pedro. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, Yumi Garcia dos. **As mulheres como pilar da construção dos programas sociais**. Cad. CRH, Salvador, vol. 27, n. 72, p. 479-494, set/dez. 2014.

SOARES, Ana Carolina Coelho. **Feminilidade/Feminino**. In: COLLING, Ana Mara; TEDESCHI, Losandro A. (Org.). Dicionário Crítico de Estudos de Gênero. Dourados: EDUFGD, 2015.

WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método**. Educação e Pesquisa – Revista de Educação da USP, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

ZANLOCHI, Terezinha. **Mulheres Leigas Na Igreja de Cristo**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

2) Fontes Consultadas

Caderno de Receitas. Prefeitura de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Volume 5, 2014.

Desafios de mulher. *Pioneiro*. Caxias do Sul, 10 março, 2014.

Festa da Uva: Receitas de Integração. *Pioneiro*. Caxias do Sul, 05 março, 2010.

Foi uma grande festa. *Uno Fato*. Caxias do Sul. Abri, 1998. p. 9.

Mansueto inaugura e mantém dúvida. *Pioneiro*. Caxias do Sul, 15 junho, 1992. p. 13.

Nonnas no caminho. *Pioneiro*. Caxias do Sul, 05 março, 2012. p. 7.

Trabalho é rotina no Clube de Mães. *Uno Fato*. Caxias do Sul. Dezembro, 1997. 11.

Uma festa feita de delícias. *Pioneiro*. Caxias do Sul, 05 março, 2010. p. 1.

Uvas ao forno. *Pioneiro*. Caxias do Sul, 28 fevereiro, 2012. p.32.

ANEXO A - RESOLUÇÃO QUE APROVA O PROJETO – COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAPPG)
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Versão agosto/2013.

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
RESOLUÇÃO 278/2015

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 15/195 **Versão do Projeto:** 22/12/2015 **Versão do TCLE:** 22/12/2015


Coordenadora:
Mestranda Paula Cervelin Grassi (PPG em Educação)

Título: Alinhavos e rasgos maternos: a (des)educação da mamma italiana.

Parecer: O projeto foi APROVADO, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 466/12, item XI.2, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 22 de dezembro de 2015.


Prof. Dr. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

ANEXO B - TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

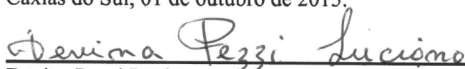
TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

A presidenta da Associação do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, representando no presente termo a Associação do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, declara estar informada sobre a execução do projeto “Alinhavos e rasgos maternos: A (des)educação da *mamma italiana*”, envolvido pela pesquisadora Paula Cervelin Grassi, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Declaro que a Associação está ciente de suas responsabilidades como participante do referido projeto de pesquisa e de seu compromisso com a garantia de condições para o desenvolvimento deste projeto.

Pelo presente termo, atesto que estou ciente, que concordo com a realização da pesquisa proposta e que foi garantido meu direito de aceitar ou recusar o convite para participação do projeto, durante o processo de obtenção da anuência prévia.

Caxias do Sul, 01 de outubro de 2015.



Devina Pezzi Luciane

Presidenta da Associação do Clube de Mães Santa Rita

ANEXO C - TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu, Paula Cervelin Grassi, estudante do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós – Graduação em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, responsável pela pesquisa "Alinhavos e rasgos maternos: a (des)educação da *mamma* italiana", orientada pela Professora Doutora Edla Eggert, faço um convite para você participar como voluntária de uma investigação científica que produzirá como resultado final uma dissertação de mestrado em Educação.

Esta pesquisa objetiva analisar e articular os significados sociais do "ser mãe", especialmente da *mamma* italiana, e as memórias de vida do grupo de mulheres artesãs, descendentes de imigrantes italianos, do Clube de Mães Santa Rita de Cássia da cidade de Caxias do Sul – RS. O trabalho ainda prevê o registro da história do Clube de Mães; a identificação e análise das aprendizagens e a(s) experiência(s) captadas enquanto indivíduo e grupo; e análise de como o artesanato constitui-se como uma alternativa emancipatória para as mulheres.

Para tal, serão utilizadas entrevistas individuais e coletivas (narrativas), registro das criações artesãs por meio de fotografias (narrativas visuais) e a experiência da pesquisadora em aprender uma das técnicas artesanais desenvolvidas pelo Clube.

Desta forma, assumo com você os seguintes compromissos:

1. De que sua identidade, assim como as identidades de todas as participantes serão mantidas em sigilo; de que nenhuma pessoa será identificada e que se manterá o anonimato, das participantes, em quaisquer momentos que impliquem a divulgação dessa pesquisa.
2. De que as informações reunidas serão usadas para esta pesquisa e para os trabalhos científicos que dela poderão se desdobrar.
3. Do caráter voluntário de seu consentimento. Caso você tenha interesse em desistir da participação na pesquisa, isso poderá ser feito em qualquer fase.
4. Da garantia de que você pode receber respostas a qualquer momento sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, por meio de e-mail: paulinagrassii@gmail.com e/ou telefone (54) 9148 4815.
5. De que você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.
7. Este Termo será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora responsável.

Data: ____ de _____ de 20__ .

Assinatura da voluntária _____

Assinatura da pesquisadora _____

Paula Cervelin Grassi

CEP - UNISINOS
VERSÃO APROVADA
Em: 23 / 12 / 15